



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

MAIRA RODRIGUES BARBOSA

**EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL DE
LONDRINA – PR: O ESPAÇO DA TECNOLOGIA E DA
FESTA**

Londrina
2008

MAIRA RODRIGUES BARBOSA

**EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL DE
LONDRINA – PR: O ESPAÇO DA TECNOLOGIA E DA
FESTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação, em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Profa.Dra. Márcia Siqueira de Carvalho

Londrina
2008

MAIRA RODRIGUES BARBOSA

**EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA E INDUSTRIAL DE
LONDRINA – PR: O ESPAÇO DA TECNOLOGIA E DA
FESTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Siqueira de Carvalho
(orientadora)
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Tânia Maria Fresca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cláudio Alberto Bragueto
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Humberto Yamaki
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Cicilian Luiza Lowen Sahr
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Londrina, 9 de julho de 2008.

Primeiramente a Deus que fez com que eu realizasse e conquistasse esse objetivo, aos meus pais Cleusa e Luis que contribuíram para que esse sonho se tornasse realidade, aos meus irmãos Tatiana e Alan pelo incentivo e força... As minhas amigas e amigos que me apoiaram em todos os momentos... Ao meu sobrinho Gabriel pela pureza e inocência de criança, que fez com que eu não desistisse nos momentos mais difíceis. A minha profs. "teacher" que não desistiu de mim...

AGRADECIMENTOS

A Professora Márcia, pelo apoio e incentivo concedido em um momento de indecisão, ajudando-me a encontrar o melhor caminho para que meu objetivo fosse alcançado, por ter acreditado que eu era capaz, não deixando desistir, sempre me “empurrando”, e por ter confiado em mim. Profs. muito obrigado, pelo carinho, apoio, dedicação, pelas broncas, ensinamentos não apenas teóricos, mas sim ensinamentos de conduta para toda a vida.

A professora Tânia Fresca e Maria Del Carmem, que aceitaram o convite de participar da minha qualificação, direcionando o meu trabalho, sugerindo mudanças, elogiando, criticando para que eu conseguisse alcançar o melhor resultado. Muito obrigado pelas palavras sábias, pelo ensinamento que levarei para minha vida profissional mas também na minha vida pessoal. E ao professor Cláudio Bragueto que participou da banca, agregando mais informações ao trabalho.

A minha família (Cleusa, Luís, Alan, Tatiana, Júnior e Gabriel), pela dedicação, confiança e motivação depositados em mim;

Aos verdadeiros amigos e colegas pela força que me deram durante esse período, em especial minhas amigas Priscila, Milena M., Angélica, Carla, Carol, Ana Paula, Milena P., estes diretamente, outros indiretamente a Tia Maria Alice, Júlia, Paula, Diogo, Márcio.

Aos professores, que juntos atravessamos mais uma etapa importante de nossas vidas.

Aos profissionais entrevistados, pela concessão de informações valiosas para realização deste estudo. E a todos que direta e indiretamente durante esses anos confiaram e acreditaram no potencial.

BARBOSA, Maira Rodrigues. **Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina – PR: o espaço da tecnologia e da festa.** 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

RESUMO

A dissertação se pautou na análise da origem, evolução e transformação da Sociedade Rural do Paraná, paralelamente as transformações políticas, econômicas pelas quais o Brasil vivenciava no período de 1940 a 2006. Para tanto se fez necessário analisar o surgimento da cidade de Londrina em meio ao desenvolvimento agrícola do Estado do Paraná, da ascensão ao declínio do café, de maior produtor de café a celeiro nacional, da crise do café a implantação da pecuária. Foi neste cenário em meio a reivindicações políticas como a Marcha de Produção, que a então Associação Rural, decidiu reunir alguns e juntos realizaram as Exposições Agrícolas, resultando em ascensão do que hoje chamamos de Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina. Este evento se tornou a vitrine do agronegócio brasileiro, possuindo importância em caráter nacional e internacional. A Exposição foi alterando seu perfil, devido as modificações tecnológicas e modernização do campo e do próprio agricultor ou pecuarista. Assim o agronegócio se tornou uma das atividades de grande expressividade na economia nacional, refletindo cada vez mais nas feiras e Exposições Agropecuárias, que possuem uma imagem cultural, onde pessoas com intuítos distintos se misturam num clima de diversão, festas, negócios, diferenças culturais, misturando o rural com o urbano. Assim os homens ligados ao ramo buscam nas feiras o que há de moderno em tecnologia, genética, qualidade, bons preços e bons negócios, enquanto que o visitante vai em busca de diversão, é a hora viver a moda country. Em Londrina a Exposição já faz parte do calendário como o carnaval, atraindo pessoas dos municípios ao redor, devido suas atrações artísticas, como famosas duplas sertanejas, grupos de pagode, pop rock, fator característico da feira desde a sua inauguração onde intuito sempre foi o de realizar uma feira de cunho agrícola, porém inserindo toda a população, por isso para muitos é considerada como uma festa de negócios, o que foi comprovado entre as entrevistas realizadas na Exposição de 2006, ela que possui atrativos para crianças, jovens, adultos e idosos, como a fazendinha e o parque de diversão, além dos animais expostos, estes que possuem a melhor genética e produtividade. Assim através das mudanças do espaço geográfico, foi se criando um novo território devido as transformações do meio técnico científico e o processo de globalização. Este trabalho teve o intuito de demonstrar que as feiras e exposições não são apenas negócios, mas também local de transformações culturais, históricas e econômicas.

Palavras-chaves: Agronegócio. Exposições agropecuárias. Sociedade rural do Paraná, Meio técnico-científico informacional. Desenvolvimento tecnológico. Festa popular.

BARBOSA, Maira Rodrigues. **Stockbreeding and industrial Exhibition of Londrina City, Paraná State: the space of technology and party.** 2008. 154p. Dissertation (Master's Degree in Geography, Environment and Development) – State University of Londrina, Londrina, 2008.

ABSTRACT

This dissertation was based on the analysis of the origin, evolution and transformation of the Rural Society of Parana State simultaneously with political and economical changes which Brazil experienced from 1940 to 2006. Thus, it was necessary to analyze the appearance of Londrina City among the agricultural development of Parana State, coffee ascent and decline, from the biggest coffee producer to the national barn and from coffee crisis to livestock implantation. It was together with political claiming like the Production March that the Rural Association of that time decided to gather some cattle raisers and to make the first Agricultural Exhibitions, which brought ascent to what is presently called as Stockbreeding and Industrial Exhibitions of Londrina City. This event became the show window of Brazilian agro business which has national and international importance. The Exhibition has been modifying its profile due to technological changes and modernization on field as well as on farmers and stockbreeders themselves. So agro business became one of the most significant activities considering national economy, reflecting more and more on fairs and stockbreeding exhibitions which have a cultural image, where people with distinctive intentions are mixed in a fun environment, parties, business and cultural differences, joining rural and urban aspects. Then, in these fairs stockbreeding businessmen search for what is modern in technology, genetics and quality, good prices and good business, while visitors look for entertainment and country fashion. In Londrina the Stockbreeding and Industrial Exhibition is already part of the calendar like Carnival, attracting people from neighboring cities due to its artistic attractions such as famous country singers, pagode and pop rock groups. The main feature of the fair, since its opening, has been to make agriculture fair however it has also involved all population. For this reason, it is considered a business party by many people what can be confirmed through interviews made during 2006 Exhibition. It has attractions for children, teenagers, adults and the elderly like a small farm and an amusement park besides the exposed animals. These animals have the best genetics and productivity. Thus, through changes in geographical area, a new territory has been created also because of transformation in technical and scientific environments and the globalization process. This work aimed to demonstrate that fairs and exhibitions are not only business but also places for cultural, historical and economical changes.

Keywords: Agro business. Exhibitions. Rural Society of the Parana State. Technical means scientific information. Technological development, popular party.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Arquibancada de shows e rodeio do recinto em Londrina.....	34
Foto 2 – O rodeio	34
Foto 3 – Primeiros paulistas vindos em grupo para adquirir lotes de terra em Londrina	39
Foto 4 – Reunião para abertura de novos mercados	53
Foto 5 – Momento de julgamento na Exposição de 1959, um exemplar de bovinos da raça Gersey da Usina Central Paraná de Porecatu	54
Foto 6 – O jovem Garcia Cid e o gado bovino da raça Gir, campeão da IV Exposição Pecuária de Londrina da Fazenda São João	54
Foto 7 – Grande Campeã.....	83
Foto 8 – Grande campeã da raça holandesa,de propriedade do Sr° Hugo Cabral ,na Exposição de 1959	83
Foto 9 – Momento de julgamento- 2006.....	95
Foto 10 – Marca VR,umas das melhores do Brasil em genética	96
Foto 11 – Leilões Virtuais	97
Foto 12 – Leilões elite.....	98
Foto 13 – A platéia.....	108
Foto 14 – Restaurante destinado a uma classe social,pecuaristas, agricultores,leiloeiras e expositores	113
Foto 15 – Área de alimentação ao lado oposto da foto acima	114
Foto 16 – Baia dos gados, e o local indicado pela seta,é onde os homens responsáveis pelo gado dormem	138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Evolução do PIB Agropecuário.....	76
Gráfico 2	– Valor das vendas de defensivos Agrícolas no Brasil,2000-2005	85
Gráfico 3	– Tipos de estabelecimentos comerciais que expõem na feira.....	116
Gráfico 4	– Cidade de Origem das empresas cujos estandes foram entrevistados.....	117
Gráfico 5	– Há quanto tempo freqüentam a exposição.....	118
Gráfico 6	– Em que Estados do Brasil os expositores freqüentam feiras e exposições agropecuárias	119
Gráfico 7	– Valor aproximado em reais pago pelos expositores, incluindo todas as despesas.....	120
Gráfico 8	– O que visam ao exporem seus produtores.....	122
Gráfico 9	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Localidade de origem dos visitantes	125
Gráfico 10	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Distribuição por sexo ..	126
Gráfico 11	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006:Faixa Etária.....	127
Gráfico 12	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Renda Mensal dos visitantes	128
Gráfico 13	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006 : Atuação profissional do visitante.....	129
Gráfico 14	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006:Ramo de trabalho dos entrevistados vinculados a Agropecuária	130
Gráfico 15	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Motivo da visita a feira dos entrevistados.....	130
Gráfico 16	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Realizou negócios referentes á agropecuária na feira	131
Gráfico 17	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Frequência de visita a feira	132
Gráfico 18	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Freqüência durante a realização da feira	133
Gráfico 19	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Preferência de dias.....	134
Gráfico 20	– Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Freqüenta outras feiras	135

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Cartograma 1 – Ocorrência de Aftosa no Brasil.....	88
Mapa 1 – Estado do Paraná Com enfoque para Londrina	111
Figura 1 – Parque Governador Ney Braga	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Censo Demográfico de 1950	40
Tabela 2 – Evolução da População de Londrina, 1935-1996.....	43
Tabela 3 – Distribuição rebanho bovino de 1950 a 1995 por regiões	65
Tabela 4 – Produção em toneladas de Café e Cana- de- açúcar no Paraná em 1980, 1990, 2000 e 2006.....	76
Tabela 5 – Principais feiras e Exposições com a participação do Banco Brasil.....	93
Tabela 6 – Evolução de Máquinas Agrícolas	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACBZ	Associação dos Criadores Brasileiros de Zebu
ANL	Associação dos Lavradores Norte do Paraná
ARL	Associação Rural de Londrina
BADEP	Banco de Desenvolvimento do Paraná
BANESTADO	Banco do Estado do Paraná
CIC	Cidade Industrial de Curitiba
COPASA	Companhia Agropecuária de Fomento Econômico
CODEPAR	Companhia de Desenvolvimento do Paraná
COHAPAR	Companhia de Habitação Paranaense
CELEPAR	Companhia de Informática do Paraná
SANEPAR	Companhia de Saneamento do Paraná
TELEPAR	Companhia de Telecomunicações do Paraná
CMTU	Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização
BADEP	Companhia Paranaense de Silos e Armazéns
COPEL	Companhia Paranaense de Eletricidade
CAI	Complexo Agroindustrial
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
SINDAG	Confederação Nacional das Indústrias de Produtos para Defesa Agrícola
EMPBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
AUMA	Federação Alemã de Feiras, negócios e exposições
FUNDEPAR	Fundo de Desenvolvimento Educacional
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IAPAR	Instituto Agrônômico do Paraná
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
SINDAG	Sindicato Nacional das Indústrias de Produtos para Defesa Agrícola
SRNP	Sociedade Rural Norte do Paraná
TE	Transferência de embrião
UDN	União Democrática Nacional
VBP	Valor Bruto da Produção

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: UMA FORMA DE REALIZAR O TURISMO	20
2.1 A FESTA A MÚSICA: UMA ANÁLISE SOBRE O COUNTRY E O CAIPIRA	21
2.2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO	27
2.3 RODEIO.....	29
3 DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS AGRÍCOLA E ATUAÇÃO DA SOCIEDADE RURAL	35
3.1 A CRIAÇÃO DA CIDADE DE LONDRINA E TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO AGRÁRIO.....	37
3.2 POLÍTICAS ECONÔMICAS DO BRASIL E SEU REFLEXO NA ESTRUTURAÇÃO DA AGRICULTURA PARANAENSE	45
4 FEIRAS E EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: UM NOVO RAMO LUCRATIVO PARA O AGRONEGÓCIO	90
4.1 PERFIL DOS EXPOSITORES	115
4.2 PERFIL DOS VISITANTES	124
4.3 TRABALHO DOS PEÕES.....	135
5 CONCLUSÃO	139
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE	152

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem o intuito de analisar a origem e a evolução da Sociedade Rural do Paraná, sediada na cidade de Londrina (Paraná) e uma de suas realizações - Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina. Sobre esta se pretendeu detectar origem e as principais mudanças acontecidas. Paulatinamente a exposição agropecuária se tornou uma das mais importantes e expressivas da América Latina. Nesse contexto, foi investigado o papel econômico das grandes feiras para agricultura brasileira e como a política e a cultura influenciam no seu desenvolvimento.

Portanto, no primeiro capítulo analisamos a feira como uma forma de turismo, porém o intuito deste não foi focar as exposições como atividade turística, pois para isso seria necessário uma abordagem mais ampla. As exposições atraem uma grande leva de pessoas que utilizam meios de transporte como ônibus, avião, táxi, e ocupam grande parte dos hotéis da cidade. Mas elas não são consideradas como turismo que buscam o lazer, mas sim como turismo de negócio. A exposição também possui um caráter cultural, por isso se fez necessário analisar as influências da cultura *country* e caipira, e também como os meios de comunicação influenciam nessas mudanças e na forma de consumir da população.

Em constante desenvolvimento, as exposições servem de espaço físico para projetar uma imagem idealizada do passado ao mesmo tempo em que projetam desejos. Poderíamos usar um dos significados da palavra *avatar* - representação gráfica de um utilizador em realidade virtual – alterando para uma representação real de um frequentador da exposição, para uma aproximação do que a exposição se reveste em termos de cultura e identidade. Entre seus frequentadores, a indumentária e o imaginário têm uma correspondência com valores nativos ou não, redefinidos num contexto próprio. Durante essas semanas de feiras as pessoas se vestem em estilo *country*, as músicas sertanejas contagiam o ambiente, e a de Londrina se insere justamente nesse âmbito.

Pela importância que o agronegócio tem proporcionado para economia nacional, as feiras e exposições agropecuárias podem ser classificadas como turismo de negócios, pois elas se tornaram relevantes para economia urbana.

Elas possibilitam a geração de impostos, divisas e novos empregos, além de estimular os meios de transportes, hospedagem e gastronomia, além de serem vitrines das novas tendências do setor aos produtores.

Porém, anterior à análise sobre as exposições, foi realizado um estudo sobre as modificações político-econômicas as quais o Brasil passou no período de 1940 a 2006. Isso porque a Associação Rural de Londrina, criada em 1946, foi se estruturando no decorrer do período dessas mudanças políticas, juntamente com o apogeu da cafeicultura refletido na cidade de Londrina. Também foram considerados os momentos de adversidades, não só aquelas de caráter político, mas também mudanças climáticas, problemas sanitários, entre outros.

Essas mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais modelaram o caráter da Sociedade Rural e da Exposição no âmbito local, conseqüência de mudanças regionais e globais, alterando a forma de uso do território, interpretado não apenas como limite político, mas como espaço usado pela sociedade e empresas, tendo um papel crucial na formação social. Segundo Santos (2000, p.96)

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é à base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população.

Londrina se desenvolveu através da cultura cafeeira (embora tenham sido importantes algumas lavouras temporárias), e em 1940 os interesses econômicos e políticos estavam centrados para o desenvolvimento dessa cultura e conseqüente expansão da cidade. Nessa época Londrina tinha uma identidade vinculada ao café, porém a agricultura e a pecuária brasileira foram se modificando, assim como os objetivos políticos. Ora investindo no desenvolvimento de ambas, ora impulsionando o desenvolvimento industrial e sua modernização, o uso do território na região em que a cidade se insere revela a chegada de um grande contingente populacional. Numa fase posterior, com o declínio da produção do café, observou-se a fase nova no desenvolvimento do Estado do Paraná, através de investimentos em infra-estrutura, transportes e energia, além de indústrias ligadas a transformação da

matéria-prima agrícola. A partir da década de 1970 ocorreu uma diversificação através da modernização agropecuária, propiciando uma expansão das culturas da soja e do trigo, fase do desenvolvimento da cadeia agroindustrial. A década de 1980 foi um período de estagnação para economia brasileira, porém no Estado do Paraná segundo Migliorini

[...] intensifica sua produção através do incremento de produtividade e diversifica significativamente a produção com o cultivo de novos produtos como a cana-de-açúcar, ovos e aves redefinindo seus produtos na pauta da produção agropecuária estadual. E, ainda, consolida as grandes culturas em áreas apropriadas e aumenta a participação dos grandes e médios produtores rurais na oferta agrícola do Estado. (MIGLIORINI, 2006, p.71).

A partir da década de 1990 houve períodos de grande desenvolvimento a partir da adoção do Real em 1994, momento de grande rentabilidade para o setor agropecuário, mas também houve períodos em que o real ficou desvalorizado em relação ao dólar, gerando queda no setor agropecuário. Outros fatores a serem considerados são as adversidades climáticas como seca e estiagem.

A partir da análise e junção das informações, a Sociedade Rural e a Exposição criaram uma forma de produzir e consumir, pois as mudanças na agricultura e pecuária em cada período tinham maneiras de produzir e consumir diferentes das atuais. As mudanças se revelam na evolução genética e tecnológica, nas relações políticas, pois a Exposição não pode ser vista somente como local de negócios. Há também de se levar em conta o modo de consumir da população que também foi modificado pelas mudanças de roupas e tipos de músicas, de uma população antes predominantemente rural.

Coloca-se em destaque que essas mudanças tecnológicas, de consumo e de produção estão intimamente ligadas ao processo de mudança do meio técnico científico-informacional, através das redes, no qual ocorreu uma maior flexibilidade e agilidade. Vale como exemplo compararmos a agricultura praticada há sessenta anos quando não havia essa rapidez informacional, com a de hoje em que as cadeias produtivas estão interligadas através das redes. Por exemplo, convivemos com os leilões virtuais que demonstram essa mobilidade do setor agropecuário, o avanço da genética pecuária e da agricultura, propiciando melhor

rentabilidade em menor tempo. E as exposições, com o passar dos anos, se consolidaram na mostra do que há de mais moderno e inovador.

O agronegócio é uma atividade de grande expressividade na economia agrícola nacional. Neste contexto são realizadas exposições e feiras agropecuárias em todo o Brasil, a fim de estimular o desenvolvimento do setor em todos os segmentos. Elas possuem caráter e perfis diferenciados, se adaptam conforme o tipo de freqüentadores e aspectos da região, sendo que algumas têm como ponto principal a divulgação da indústria de máquinas e implementos agrícolas. Um exemplo é o caso do Show Rural da Coopavel em Cascavel (PR). Entretanto, sem deixar de lado este ramo de comercialização, é a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (PR) o melhor exemplo entre aquelas que têm a exposição de animais como enfoque principal.

Assim, as feiras e exposições precisaram criar novos ambientes de negócios e devem assumir um verdadeiro realce mercantil, utilizando todas as ferramentas disponíveis, sendo trabalhadas com o viés comercial, tanto na sua promoção quanto na sua realização. Conseqüentemente darão ao agricultor uma noção sobre o valor de seu produto, eliminando intermediações e consolidando uma clientela por meio de instrumentos como leilões, vendas pela internet, contratos dentro da cadeia produtiva.

Criou-se um canal de aproximação entre os produtores e as empresas do agronegócio. Este ambiente também tem favorecido a comercialização pelos pequenos grupos de produtores, reunidos em cooperativas, associações ou vendas em conjunto. Ao final, a feira não perdeu o caráter de festa popular e cultural, mas fortaleceu o braço comercial do setor primário e sua integração com a cadeia produtiva do agronegócio, o que acabará por aproximá-lo do meio urbano com uma imagem moderna e desenvolvimentista.

Nesse novo panorama de espacialização da atividade econômica decorrente da industrialização, o agronegócio passa a desempenhar papel relevante no desenvolvimento da economia urbana e na (re) definição de novas lógicas territoriais decorrentes da comercialização de bens (materiais e imateriais) e serviços. (ARRUDA, 2005, p.07)

Durante a pesquisa foi realizado levantamento bibliográfico, porém houve certa dificuldade em encontrar livros referentes ao assunto. Eles, em grande parte, se encontram esgotados ou não são mais publicados pelas editoras. Por isso,

parte da pesquisa está pautada em artigos de jornais e revistas, em entrevistas realizadas durante o evento de 2006 em Londrina. As entrevistas pautaram-se em questionários realizados entre 08/04/2006 e 18/04/2006, nos períodos matutino e noturno, para poder analisar ambos os perfis, tanto de compradores, vendedores e pessoas que buscam o lazer. Elas tiveram como objetivo identificar qual o perfil dos expositores e suas expectativas em relação à feira. Em relação aos visitantes, foi o de verificar quais eram as características dos freqüentadores. Foram também realizadas entrevistas com os trabalhadores, peões que cuidam dos animais, que se tornaram longas conversas. Também foram realizados levantamentos de movimento em hotéis, e dados junto à Companhia Municipal de Transporte Urbano (CMTU), tanto para o ônibus de circulação regional como intermunicipal, porém houve dificuldade em conseguir informações desses órgãos públicos e empresas privadas. Os dados seriam de grande relevância para a conclusão deste trabalho não foram obtidos com total êxito.

No início da pesquisa, o objetivo central foi o de detectar quais os principais impactos econômicos (aumento de vendas no comércio, aumento de hospedagem em hotéis, maior fluxo de ônibus e outros) gerados pela exposição na cidade de Londrina. Entretanto, houve a necessidade de se modificar os objetivos, pois ficamos diante da dificuldade na obtenção de dados que concretizassem esses impactos. Mesmo sabendo que eles existem, o trabalho centrou-se na descrição do espaço "interior" das feiras e exposições a fim de analisar como são importantes para economia brasileira e regional. Buscou-se identificar quão amplo é o seu ambiente que envolve todos os tipos de culturas, transformando-a em grandes percussoras do *agrobusiness*¹, mas também como festa popular que atrai milhares de pessoas.

Porém se faz necessária uma ressalva, durante as entrevistas também se teve dificuldade em obter dados com grandes pecuaristas e agricultores, pessoas ligadas ao agronegócio, e de difícil acesso, geralmente apressadas para seus compromissos.

A Exposição de Londrina é o reflexo do momento econômico e desenvolvimento pelo qual passa agropecuária brasileira, desde sua primeira edição. Cada ação é pensada para poder alcançar resultados já previstos, e ela foi

¹ Agrobusiness e Agronegócios serão utilizados como sinônimos no decorrer do trabalho, sendo o termo explicado no decorrer do mesmo por Graziano, (1998).

se modelando e se remodelando conforme as exigências de cada época. Inicialmente com o café, depois com a mecanização e modernização da agricultura e pecuária, desde a vinda dos primeiros zebuínos buscando o melhor da genética e biotecnologia animal. Porém, sempre mantendo a tradição de ser também uma festa popular, com suas atrações artísticas e culturais, uma mescla de interesses econômicos, políticos, culturais, científicos, e divulgação a agropecuária paranaense. Como analisa Santos (2002, p.243)

Cria-se, praticamente, um mundo rural sem mistérios onde cada gesto e cada resultado devem ser previsto, de modo a assegurar a maior produtividade e a maior rentabilidade possível.

Plantas e animais já não são herdados das gerações anteriores, mas são criaturas da biotecnologia; as técnicas a serviço da produção da armazenagem, do transporte, da transformação dos produtos e de sua distribuição, respondem pelo modelo mundial e são calcados em objetivos pragmáticos, tanto mais provavelmente alcançados, quanto mais claros for o cálculo na sua escolha e na sua implantação. É desse modo que se produzem nexos estranhos à sociedade local, e mesmo nacional, e que passam a ter um papel determinante, apresentando-se tanto como causa, quanto como consequência da inovação técnica e da inovação organizacional. O todo é movido pela força (externa) dos mitos comerciais, essa razão do mercado que se impõe como motor do consumo e da produção. Nesse mundo rural assim domesticado, implanta-se um império do tempo medido, em que novas regularidades são buscadas. Muitas delas só se tornam possíveis quando tem êxito a vontade de se subtrair às leis naturais. O respeito tradicional às condições naturais (solo, água, insolação, etc.) cede lugar, em proporções diversas, segundo os produtos e regiões, a um novo calendário agrícola baseado na ciência, na técnica e no conhecimento. (SANTOS, 2002, p.243)

A citação define a evolução da agropecuária, na qual evolução da genética trouxe maior produtividade e rentabilidade, e a população se adequou a essa forma de produzir e consumir. Novos produtos, novas máquinas, novos ritmos de produção devido a inserção das agroindústrias. As exposições ao passar de suas edições se modelam para atender uma nova demanda, maior exigência tanto de quem produz como de quem consome, alcançando recordes, premiações, e além de divulgação em âmbito nacional e internacional. Como é o caso da Exposição de Londrina, que nesse contexto se consagrou como uma das melhores feiras da América Latina. Genética esta que esta pautada nas mudanças tecnológicas, e tecnologia é a palavra chave para definir a Exposição, a mesma alcançou o sucesso,

devido principalmente as mudanças na genética bovina, pois no início ela era primeira feira do calendário de feiras, hoje a Exposição de Avaré –SP, acontece no final de fevereiro.

Em suma, essa pesquisa se pautou na análise da evolução política, econômica, social e cultural tendo como coadjuvantes as feiras agropecuárias, porém na forma de como essas modificam o modo de produzir e consumir, com a mudança e estruturação do espaço geográfico e mudanças no uso do território num determinado momento e como o homem o modificou a partir de suas necessidades de consumo e produção.

2 EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: UMA FORMA DE REALIZAR O TURISMO

O turismo é uma atividade que não inclui apenas o lazer, mas inclui atividades ligadas a vários setores, que utiliza o termo atrativo turístico, podendo ser classificados como naturais, culturais, econômicos, eventos programados e realizações técnicas, científicas e artísticas. As feiras agropecuárias podem ser classificadas como atrativo turístico econômico e eventos programados (BRASIL,2004). Entretanto devido às características da Exposição de Londrina, a classificação mais adequada é de eventos programados.²

Com o desenvolvimento e crescimento do turismo nos dias de hoje, tem que se analisar que o turismo não é algo novo. Para Gomes (1999) a primazia do geógrafo neste aspecto se deve ao fato da paisagem como categoria da Geografia ser de extrema importância ao turismo. Etimologicamente, turismo vem da palavra francesa “tour” que significa jornada. Entende-se por jornada, no sentido de lazer, descanso e passeio, que são de causas subjetivas a objetivas. (GOMIDE, 1972).

Almeida (1998) vê o turismo como uma atividade que não se torna somente uma forma de gastar o tempo livre, mas como algo que vem aproximando-se cada vez mais de um novo tipo de consumo, onde a globalização favoreceu a transformação do turismo em um dos segmentos econômicos mais promissores.

O que se comprova é que hoje o turismo não é realizado apenas em locais onde há contato com a natureza, sendo esta modificada ou não pelo homem. As feiras e exposições agropecuárias são classificadas também como turismo de eventos. Segundo Garcia (1998), o turista de eventos, permanecem por um período curto, e geralmente não ultrapassa uma semana. E este além de usufruir do local da feira, ainda movimentam outros setores da cidade. No caso da Exposição de Londrina, há grande deslocamento principalmente de pessoas para o shopping Catuaí, Armazém da Moda e outros lugares da cidade e conseqüentemente, estas pessoas acabam comprando ou se alimentam, durante a realização da feira que dura 10 dias.

² Para melhor compreensão consultar Inventário da Oferta Turística, Instrumento de Pesquisa, do Ministério do Turismo, (BRASIL,2004).

Além de aumentar em quase 100% a ocupação dos principais hotéis da cidade, principalmente os indicados pela Sociedade Rural. Outro setor muito utilizado fora da feira são as realizações dos leilões, alguns deles são realizados fora do recinto, utilizando outros centros de eventos da cidade.

Os deslocamentos humanos com fins turísticos se fazem devido a uma somatória de fatores, entre os quais pode ser citada a motivação para a viagem, possibilidades financeiras e temporais, existência de atrativos no local a ser visitado, existência de infraestrutura, existência de meios de deslocamentos. A motivação é fator essencial para a viagem e é condicionada pelo atrativo. O atrativo turístico será mais subjetivo em cada caso, se sairmos da classificação geralmente propostas, que os distribui em naturais e culturais. O que será um atrativo para a visita a um parente ou amigo, poderá ser simplesmente a necessidade de encontro, confundindo-se ao mesmo tempo com a motivação. O mesmo acontece quando a motivação é trabalho ou negócio, quando a causa desencadeadora da viagem também será o atrativo principal. (ALMEIDA, 2002, p.05)

A exposição de Londrina foi iniciada como uma forma de demonstrar as características da pecuária da época, pois para o *marketing* funciona sempre a frase “quem não é visto não é lembrado”. A feira foi progredindo e se tornou uma referência nacional e internacional.

Para Beni (1998, p.303), as feiras são

mostras, tendo como principal motivo a apresentação e/ou comercialização de produtos para o mercado interno e externo, abrangendo os setores econômicos da indústria, comércio, agricultura, pecuária e tecnologia, entre outros.

Beni (1998) ainda coloca que elas podem ser de vários tipos, dentre os quais os mais importantes são a feiras e exposições comerciais e industriais, feiras e exposições agropecuárias, entre outras.

2.1 A FESTA, A MÚSICA: UMA ANÁLISE CULTURAL SOBRE O COUNTRY E O CAIPIRA

Para sobreviver ao longo de novos tempos, as festas tradicionais populares foram incorporando diferentes aspectos, onde segundo Silva (2003,p.05)

As exposições tornaram-se eventos de fruição e consumos urbanos sem que perdessem seu caráter fundador: serem eventos com práticas e características rurais. [...] É no tempo /espaço da exposição que seus produtores podem retirar amplamente parte do discurso histórico da visão de mundo e habitus dominante da ruralidade brasileira, agora sob uma nova roupagem dos velhos modelos, os estilos *country* no qual a imagem do fazendeiro tradicional e anacrônico ao desenvolvimento da modernização e industrialização do campo foi rapidamente subtraída pela representação do empresário do agrobusiness [...].

Mello (2000) acredita que uma mudança nas estruturas de comunicação das festas alterou significativamente suas características originais: (as festas) se caracterizam como processos comunicacionais, na medida em que agentes socialmente desnivelados operam, negociam significados e produzem mensagens coletivas, cujo conteúdo vai se alterando conjunturalmente. Esse perfil eminentemente comunicacional assumido hoje pelas festas populares, exposições e feiras agropecuárias alterou profundamente a fisionomia primitiva. As antigas tradições vão sendo substituídas por novos padrões de interação sócio-cultural. A mídia e as instituições comerciais transformam a festas em espetáculos coletivos, usufruídos por usuários dispersos, muitas vezes convocados aleatoriamente, até mesmo fora dos calendários cívicos ou religiosos.

Assim conforme Silva (2003, p.10) [...] na atualidade as feiras ou exposições agropecuárias são vinculadas pelos meios de comunicação de massa, a televisão, o rádio, além de panfletos e *outdoors* que ocupam espaços urbanos locais e das cidades vizinhas fazendo com que estes eventos façam parte do calendário festivo das populações. Contanto eles unem as pessoas a fim de vivenciar múltiplas atrações, com características peculiares reconhecidas por todos, como as roupas e as músicas. Nas exposições agropecuárias é comum encontrar jovens que freqüentam outros tipos de festas, vestidos de botas, chapéus e jaquetas de couro – elementos simbólicos da cultura do campo, originados nas vestimentas dos vaqueiros ou *cowboys*.

Canclini (1997) afirma que as festas realizadas nas cidades possuem heranças das festas do campo, resultando de um cruzamento de ritos arcaicos e modernos, um universo simbólico rural. São diferentes, contudo, por causa das estruturas sociais, das relações familiares, do desenvolvimento técnico e

mercantil voltado para o lazer e da comunicação de caráter massivo que se desenvolvem no ambiente urbano.

Tais elementos históricos povoam o imaginário de jovens brasileiros que, travestidos de *cowboys* em festas *country* e exposições agropecuárias, tendo um ar de resgate histórico, guardadas as devidas proporções históricas e culturais, tanto o *cowboy*, como o vaqueiro sertanejo, o peão de boiadeiro, o candango e o bandeirante são construções bastante semelhantes, centradas no enfrentamento das forças da natureza, na conquista de territórios selvagens e na busca de novas experiências por estradas que levam ao interior.

Desta forma, podemos deduzir que o crescimento da cultura *country* e da popularidade da exposição agropecuária estão intimamente ligadas a uma visão idealizada que seus habitantes possuem do campo e de como representam esteticamente – de maneira globalizada - as características e tradições que herdaram de seus antepassados. Cultura esta vista como uma junção de símbolos e valores de uma determinada sociedade em um determinado período.

A exposição Agropecuária e Industrial de Londrina além de propiciar essa diversidade cultural se concretizou como uma das mais completas em demonstração e comercialização de animais devido aos criadores de todo o Brasil e exterior que selecionam o que há de mais avançado na genética, produtividade, além da parte de inovação tecnológica, palestras, simpósios, entre outros. Isso que possibilita a interação e troca de experiências entre os criadores e produtores rurais, tendo também como um dos objetivos a viabilização de grandes negócios.

A exposição acontece anualmente, no início do mês de abril, sendo uma data já esperada por uma parcela dos moradores da cidade e região. O grande sucesso, não se deve somente ao fato dela ser um espaço privilegiado para a realização de *agrobusiness*. Na verdade, a maioria das pessoas que a frequenta não possuem fazendas nem sequer conhecem raças de bois ou cavalos. Elas são atraídas pelo animado ambiente da festa, onde os animais expostos e as amostras de negócios do setor agropecuário figuram, para o grande público, como ambientação de um mundo rural, o “clima de fazenda” que serve como pano de fundo para o desenvolvimento da festa enquanto espaço de mediações, construção e trocas de elementos simbólicos entre a cultura do campo e da cidade.

Na exposição além de ser atraído pelo clima de festa, o visitante pode levar para casa desde celulares até tratores, picapes a banheiras de

hidromassagem. Ou seja, através da indústria cultural, a exposição além de vender produtos, impõe o consumo de novos símbolos e a percepção de valores resignificados. Um bom exemplo é a empresa Ford que tem presença bastante ampla nos rodeios, exatamente para divulgar a sua linha de picapes caminhonetes. Não deixando os rodeios de lado, decidiu fazer um maior investimento em feiras exposições agropecuárias. A razão para tal investimento esta ligada à estratégia da empresa. Os veículos utilitários do espaço rural também se converteram em elementos componentes da paisagem urbana como veículos de passeio. Esses veículos antigamente eram utilizados para transportar utensílios agrícolas, mas hoje são sinônimos de *status*, utilizados a ida para o trabalho no campo, no escritório, nos passeios com a família.

Nas lojas de moda *country* e nas selarias (especializadas em artigos para montaria, como botas, chapéus, cintos, selas, cabrestos, chicotes, berrantes e até ferraduras) o visitante pode “equipar-se” com todos os apetrechos necessários a composição de um “verdadeiro” *cowboy*, se quiser desfilhar como tal pela feira. O ato de consumir tais objetos – jaquetas, botas, chapéus - na verdade, funcionam como um canal de comunicação utilizado pelo público da pecuária para se fazer pertencer ao mundo rural e compartilhar, mesmo que por algumas horas, dos significados que eles carregam.

Seus organizadores, cientes da instabilidade do gosto do público, oferecem todos os dias os principais shows com astros da música sertaneja, é do pop nacional, do rock, pagode e forró. A variedade, portanto, é criada nos moldes da indústria cultural. Não é mais a música sertaneja que manda — pagode, pop, rock e forró, entre outros ritmos, dividem espaço com o *country* brasileiro.

Ao falar de música nos deparamos neste ambiente com vários gêneros, entretanto ao se falar do sertanejo, recordamos suas raízes – a música de raiz e música caipira, são elas músicas distintas ou fazem parte do mesmo gênero, a chamada música caipira foi se moldando com o tempo, sofrendo influências chamadas de naturais e impostas pela indústria cultural, que acabou se tornando num fenômeno. Já o termo sertanejo nos lembra sertão, ou seja quando mencionamos no início deste trabalho os imigrantes que buscavam uma melhor condição de vida, vendo no café uma esperança, este que era o homem da roça, que fazia a música sertaneja, não deixando de ser esta caipira.

Fernando Pereira em seu trabalho: *Música Caipira ou Música Sertaneja* (2002) relata a experiência de um homem que em 1929 apresentou um grupo de lavradores, que tocavam músicas que ilustravam como era o seu dia-a-dia, incluindo a catira, moda de viola, o cururu entre outros, conseguindo gravar um disco, que foi sucesso de vendas, a partir daí muitas duplas começaram a se formar.

Em 1944, a música caipira, já batizada oficialmente de música sertaneja pela indústria fonográfica, já contava com 40% do mercado de consumo. Surgem novas duplas de enorme sucesso junto ao público como Alvarenga e Ranchinho, Tonico e Tinoco, Jararaca e Ratinho, Mineiro e Mineirinho e Tião Carreiro e Pardinho. (PEREIRA,2002p.53)

Buscando sempre manter as características da música caipira, ela se manteve “intacta” no sentido de até final da década de 1970 e início da década de 1980, não sofrendo influências externas. Porém, com as mudanças que foram ocorrendo e devido ao sucesso da música sertaneja, a partir deste período as duplas caipiras buscam um novo visual, uma nova imagem, pois o homem havia deixado o rural em busca das cidades, assim a mesma é influenciada por esse novo território, mas flexível e ágil.

A indústria fonográfica, por seu lado para manter o rico filão, continua a chamar esse tipo de produção de música sertaneja. A *country music* norte – americana é a influência dessa vez que se estende ao vestuário, aos instrumentos. (PEREIRA,2002 p.54)

A música sertaneja que ouvimos hoje tem uma característica mais romântica, na grande parte falando de um amor perdido, ou um amor não vivido, outras são animadas, falando em festas, enfim cada dupla com uma característica própria, muitas vezes regravando músicas antigas, dessas duplas chamadas de caipiras, e que geralmente acabam agradando o público jovem.

Mas, paralelamente a toda essa degeneração da autêntica música caipira, ressurgem os puristas que procuram preservar as características originais da música do homem do campo e suas tradições artísticas. Hoje, mais do que nunca, estão se fortalecendo pelo país movimentos de preservação dessa identidade cultural. Preservação feita por artistas como Rolando Boldrin, Renato Teixeira, Almir Sater, Pena Branca e Xavantinho, Pereira da Viola, Sérgio entre outros que resgatam não só a verdadeira música caipira, mas a verdadeira música sertaneja em discos e shows. Outros ainda preferem usar o termo música de raiz para designar esse resgate. Resgate esse que só é verdadeiro quando feito com

uma autêntica “violinha de 10 cordas”, instrumento musical símbolo de um Brasil brasileiro sem mistura do estrangeiro, um Brasil nacional. Um Brasil caipira (PEREIRA,2002,p. 54).

Outro aspecto importante é em relação aos peões, e grupos - comitivas *country*, os primeiros grupos racionalmente organizado surgiram na Festa de Peão de Boiadeiro em Barretos – SP, a partir de 1956, atualmente registram-se números superiores a 1.300 rodeios por ano no Brasil, que respondem pela geração de 2,8 milhões de ofertas de emprego e atinge um público total de 27,6 milhões de pessoas.

Muitos jovens, a partir de então, passaram a adotar a postura dos peões, usando roupas parecidas, falando o linguajar das estradas, vestindo-se como os tratadores de cavalos ou os montadores na arena. Hoje são claras as referências feitas pelos grupos *country* a simbologia das antigas comitivas de boiadeiros: o termo comitiva, inclusive, é utilizado pelos integrantes como chamamento, mas possui agora um novo significado. Do antigo uso, restou o sentido de união entre os peões, de viver aventuras nas viagens pelo interior e de valorização de qualidades como força, virilidade e coragem.

Os elementos da cultura sertaneja, inseridos em novo contexto, foram lembrados de maneira positiva, como um misto entre o passado caipira e a modernidade norte-americana, simbolizando a ponte que liga a cultura nacional e estrangeira. Em sua maioria, os *cowboys* de rodeio e festas *country* se valem de uma gama de símbolos para evocar a presença do espírito do campo em meio a um ambiente tipicamente urbano.

E é neste clima de festa, de meio rural, que as exposições investem na presença de grandes estrelas da musica sertaneja, geralmente os shows de abertura são com duplas “sensação do momento”, o que atrai milhares de pessoas. Nesse conjunto de atrações que as culturas se mesclam num mesmo ambiente, em meio a pessoas ligadas ao ramo do agronegócio ou apenas um trabalhador, pessoas com objetivos diferentes, que fazem com que essas feiras e exposições se tornem cada vez mais uma festa popular.

O relacionamento entre os diversos agentes participantes desta festa popular também se baseia na intermediação de elementos de um imaginário coletivo que, uma vez apropriados pelos meios de comunicação, atingem o objetivo de mobilizar segmentos expressivos da população a participar do evento. Tais

elementos simbólicos estão presentes em um discurso coletivo, observado nas práticas sociais que acontecem durante o evento – como o encontro dos grupos *country*.

Acima de tudo, podemos constatar que a exposição transformou-se, ao longo do tempo, em uma festa popular de grande relevância devido também a existência, em sua estrutura, de elementos simbólicos compartilhados por seus freqüentadores, que tomam parte do evento com o intuito de divertirem-se e de sentirem-se mais próximos do universo rural.

2.2 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A produção cultural amoldou-se às tecnologias de comunicação. Desta forma, a produção, distribuição, patrocínio, programação e conteúdos específicos que estabelecem interações entre as indústrias culturais e o consumo de produtos referentes ao tema da identidade cultural, configurando a riqueza do *agrobusiness*. A exposição traz manifestações artísticas-culturais, diversão, ócio e evasão que somam-se ao negócio da pecuária. Um espaço lúdico que realiza aquilo que González (1994, p.54) observou nas feiras do México como configurando se em frentes culturais e arenas de sentido.

Mesmo tecendo considerações sobre a economia política dos meios, ao considerarem-se os fortes mecanismos de controle federal na concessão de freqüências e canais de radiodifusão, sua produção de conteúdos tem tradição de autonomia política e empresarial, fato que mesmo com a presença das grandes cadeias nacionais iria requerer que se mantivessem suas peculiaridades através de mecanismos específicos de inserção regional. São condições que, especificamente na região sul-brasileira, associa-se ao pioneirismo da televisão local e os vínculos estabelecidos com as cadeias e redes nacionais, a possibilidade de uma perspectiva cultural fortemente arraigada no espaço regional. O contexto midiático permite considerar, portanto, como se estrutura simbolicamente um potente sistema de comunicação dotado de um elevado grau de vínculos multimidiáticos, como ocorre no Brasil. A interação entre grupos sociais de formação etnocultural distinta, a arena cultural da diáspora que tanto se ressentiu no século passado, exigiu a elaboração,

por parte das indústrias culturais, de mensagens que contemplassem o sentimento confortador de pertença a uma mesma comunidade, uma “comunidade imaginada”.

Para estes, o *agrobusiness* como consigna publicitária é um dos interesses econômicos mais estratégicos, ao congregar audiências regionais, identidades regionais e os complexos agro-industriais controlados por cooperativas de produtores e empresas transnacionais, com vistas a sua plena exploração num mercado crescente. Neste contexto, o Jornalismo especializado na cobertura de atividades realizadas meio rural é um precursor de grande parte das estratégias ora em uso.

Atentos a esta realidade, os meios de comunicação desenvolvem uma cobertura especializada e de rotina, algo que depois viria a ser incorporado pela rádio, a televisão e a publicidade, mantendo o vínculo as raízes rurais, transfigurado em *agrobusiness* e se amoldando às tecnologias de comunicação. A produção, distribuição, patrocínio, programação e conteúdos específicos que estabelecem interações entre as indústrias culturais e o consumo de produtos referentes ao tema da identidade cultural a encontram-se hoje amplamente estabelecidos nos hábitos de consumo cultural, configurando a riqueza do *agrobusiness*

O que envolve a publicidade é a propaganda, o marketing algumas feiras atingem escala regional e internacional e se tornaram centro de contato entre produtores e distribuidores. Este caráter mais amplo representou uma transformação qualitativa nestes eventos, os quais passaram a representar para as cidades nas quais ocorrem, uma significativa fonte de poder econômico e político.

Apesar da imagem do agronegócio que já esteve vinculada ao caipira, programas de televisão e outros veículos como jornais e revistas já têm uma preocupação que não existia antes, a de trabalhar melhor essa imagem mostrando o que há de tecnológico, científico e moderno no campo, desvinculando totalmente o “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato da imagem dos produtores rurais.

O objetivo principal dessas feiras não é a venda direta e sim o contato com potenciais parceiros, a concretização e manutenção de parcerias de negócios. Entre 82 mil feiras cadastradas (AUMA, 2004), que ocorrem em todo o mundo, 55% ocorrem na União Européia, 13% em outros países europeus, 19% na Ásia e, bastante desproporcional à sua importância econômica e participação no comércio mundial, somente 10,7% das feiras são realizadas nas Américas. A Alemanha é o país com maior tradição em feiras e conta com 20% da capacidade

mundial em sediar estes eventos, contando ainda com 3 dos 4 maiores complexos mundiais.

O Brasil tem forte tradição em feiras e exposições agropecuárias. Entretanto, a grande maioria destes eventos tem como foco principal atrações musicais, rodeios e buscam atrair o público em geral. Normalmente, ocorrem leilões, atraindo exclusivamente profissionais da área de pecuária bovina. Os expositores buscam, quando presentes, consolidar a marca, não implementando ações estruturadas para contatos com distribuidores e parceiros de negócios. A este respeito, Cezar (2001) acrescenta que os produtores rurais estão cada vez mais dependentes de informação e tecnologia para tomarem decisões que atendam as suas necessidades de produção e satisfaçam novas demandas da sociedade. Questões ambientais e mudanças políticas, econômicas, sociais e exigências do consumidor surgem como forças no desenvolvimento rural contrastando com a dominância de abastecimento de mercado que estimulou a produção agrícola e a 'revolução verde' no passado. Neste novo contexto as tomadas de decisão do produtor rural se tornaram muito mais difíceis. O paradigma da era tecnológica se estabelece exatamente quando as novas tecnologias de informação e comunicação quebram o modelo desenvolvimentista ao prescindir do processo de urbanização como índice de desenvolvimento. Anteriormente, só se pensava no crescimento dos meios de comunicação de massa dentro do ambiente urbano. Hoje, a comunicação por via digital ignora as barreiras entre a vida urbana e o mundo rural, porque o fluxo distribuição/coleta foi invertido. O produto comunicacional não é mais “entregue”, agora ele precisa ser “acessado”.

2.3 O RODEIO

A festa do peão de boiadeiro é um conjunto de atrações populares que exploram o aspecto *country* e cujo ponto central é o rodeio de cavalos e touros. Suas raízes brasileiras estão na fazenda de gado, onde os peões, além das suas atividades normais, têm de amansar cavalos e burros xucros. Amansar um animal é otimizar recursos e colocá-los à disposição dos responsáveis pelos serviços de uma fazenda: o animal amansado serve para montaria, tração e pastoreio.

Paralelamente, a destreza do peão em cima de animais xucros sempre foi alvo de admiração pelas demais pessoas do meio onde ele vive. Até meados do século XX a exibição dessa habilidade em cima do cavalo para um público convidado era rara. A partir de 1956 começou a existir de maneira racionalmente organizada, como espetáculo popular em Barretos; o exemplo foi interpretado como um caso bem sucedido e passou a ser seguido em outras cidades. Atualmente registram-se números superiores a 1.300 rodeios por ano no Brasil, que respondem pela geração de 2.8 milhões de ofertas de emprego e atinge um público total de 27,6 milhões de pessoas.

Citam-se os rodeios neste trabalho devido a sua repercussão no mundo *country*, os rodeios são grandes atrativos nas exposições, envolvem grandes prêmios e excelentes competidores. Atraem milhares de pessoas para as arquibancadas, jovens, crianças, adolescentes, velhos, enfim, é o local onde todos entram no clima de emoção juntamente com o locutor, que faz com que todas essas pessoas vibrem a cada prova.

Em Barretos, a mais famosa em rodeios e festa, tudo teve início em 1955, quando dezenove rapazes resolveram montar um clube, o qual deram o nome de "Os Independentes", os mesmos criaram o clube com intuito de promoverem festas entre eles, porém começaram a realizar promoções beneficentes. Na época, Barretos era uma cidade onde haviam muitos peões devido aos frigoríficos que havia na cidade. Os rapazes, como formas de acabar com a fama de baderneiros que os peões tinham, organizaram em 1956 a primeira festa do Peão de Boiadeiro.

Algo muito interessante a ser destacado é a maneira como se chama o peão. O correto é peão de boiadeiro ou peão boiadeiro. Zequinha, um dos fundadores do clube Os Independentes, diz que o correto é peão de boiadeiro, pois boiadeiro era o patrão do peão, por isso peão de boiadeiro, de³ porque ele era empregado. (SILVA,2000).

O mecanismo de construção e inserção social foi resultante de uma percepção dos rapazes, sem a característica de exploração de um negócio. A intenção inicial de realizar um evento para a coletividade estava vinculada somente ao fato cultural. (SILVA,2000.p.27).

³ A palavra em negrito, é para enfatizar seu uso no contexto

Para eles - Os Independentes- os rodeios provocavam emoções em todas as camadas sociais, do fazendeiro ao peão. Dessa maneira as populações urbanas começaram a manter contato com a música, a dança, a comida e o modo de vestir do peão de boiadeiros. (SILVA, 2000).

Desde o início o clube teve um estatuto, com regras a serem seguidas por quem desejasse fazer parte e para os que já faziam parte. No início, os jovens tinham que ser solteiros e maiores de 22 anos, residentes na cidade, e, ao se casarem, eram desligados do clube. Entretanto, ocorreu uma situação em que o presidente do clube iria se casar, e através de votação ficou decidida a não exclusão. Mudou-se um dos artigos do estatuto, e hoje o jovem tem de ter mais de 21 anos e residir em Barretos há mais de cinco anos. Constata-se que este é um clube extremamente organizado, com muitas regras, e quando não são seguidas sempre há algum tipo de "punição". Talvez por isso que a festa de Barretos é a mais tradicional do Brasil.

O rodeio de Barretos, quanto ao aspecto das provas, em nada difere dos demais rodeios federados, por exemplo, de Presidente Prudente, Jaguariúna e Americana. O que ocorre na arena de Barretos é repetido nas demais: os peões, os animais, os juizes, os locutores e os palhaços são os mesmos. O que muda é o desempenho do animal ou do peão nas provas, cujos resultados interferem na pontuação acumulada de uma etapa para outra. É exatamente na performance do animal e do peão que esta o fator de atração do público de rodeio. O espectador que acompanha rodeio aguarda a saída de determinados animais, bem como a saída de determinados peões para apreciar o desempenho de um ou de outro. Quando coincide a saída de um animal famoso com a de um peão também famoso, a vibração do torcedor de rodeio vai ao clímax, mesmo que apenas oito segundos. Quanto a este componente da festa não há margem para criatividade de itens para maior atração do público. (SILVA,2000,p.41)

Essa é uma atividade que tem proporcionado fama, ascensão social, oportunidade de ganho de dinheiro extra, pois um peão que lida com o gado ganha em torno de três salários, mais um adicional quando trabalha em feiras e exposições agropecuárias. O rodeio possui prêmios que atraem cada vez mais esses peões, como carros, motos, camionetes, além de dinheiro.

Há que se levar em consideração que os *cowboys de rodeio* não são somente os peões de boiadeiro das fazendas e das comitativas. Durante a última década principalmente, houve a miscigenação das origens resultando em um quadro de atores em que se mesclam profissionais

do rodeio com atletas amadores interessados apenas na prática dessa modalidade de esporte: há *cowboys* que se tornaram empresários do rodeio sem dele se afastar e continuam na arena, há empresários, fazendeiros ou industriais que têm na a prática do rodeio como um esporte de paixão e há também os estudantes universitários com circuito próprio de provas. (SILVA,2000,p.63)

Além do rodeio, a festa de Barretos ainda possui muitos outros atrativos, como os shows de duplas sertanejas, de Música Popular Brasileira (MPB), pagode, forró, entre outros ritmos. Isso se dá em função do amplo público freqüentador. Porém, o ponto forte são as duplas sertanejas, além da boate: "Chitãozinho comentou que o retorno dos investimentos nos rodeios e festas de peão é tão certo que representantes da música também passaram a exploram este filão." (PAIVA,2000b,p.35)

O sucesso crescente da festa não apenas incrementa a aparência das ruas da cidade, mas esquentam a economia da região. A movimentação é muito grande, e todos da cidade e região acabam ganhando com isso. Nos hotéis, por exemplo, a diária para casal que custa normalmente R\$ 90,00 reais, nos dias de festa chega a custar R\$ 350,00 reais, os corretores de imóveis também lucram muito durante este período. (MEFFE, 2000).

Segundo Silva (2000), uma casa que seria alugada por R\$ 250,00 reais, passa a ser alugada durante os dez dias de festa, entre R\$ 2.000,00 a 5.000,00 reais. O que significa um faturamento grande para o proprietário do imóvel, pois ele ganha nestes dez dias o que ganharia em 8 meses, referindo-se ao valor de 2.000 reais.

Devido a repercussão do rodeio, a Federação Nacional do Rodeio Completo (FNCR) está tentando conciliar as feiras agropecuárias com as provas de rodeio, uma estratégia de alcançar maior participação do público.

Em 2000, a exposição de Londrina foi escolhida para sediar a final do campeonato dos rodeios, justamente por ser considerada a 3º maior feira no país, o que leva a uma maior interação com o público como já foi mencionado.

No início era apenas festa do peão, de cujas atrações fazia parte o rodeio [...] é facilmente entendido pela massa popular que ir ao rodeio equivale a ir uma festa do peão. Trata-se de uma relação complementar, pois não há festa do peão sem um rodeio, e o rodeio é um bom motivo para que se faça uma festa. (SILVA,2000,p.62)

Por isso as festas de peões começaram a ser realizadas em outras localidades como em Presidente Prudente (SP), Jaguariúna (SP), se transformando em festas de grande sucesso no território brasileiro. "Presidente Prudente não se caracteriza tanto pela grandiosidade de público, mas é uma festa tradicional, cujo título de campeão, dá muito prestígio aos competidores." (PAIVA,2000a,p.54).

Com tanta repercussão na mídia, principalmente através das novelas, nesse o momento vêm à tona os problemas de maus tratos aos animais. Geralmente pessoas pouco informadas concluem que os animais são machucados para poderem pular. Exatamente para evitar esses tipos de informações errôneas, foram estabelecidas certas normas através de lei estadual.

Em decorrência da lei estadual nº10.359, de 30.08.99, o sédem passou a ser obrigatoriamente confeccionado em lã natural ou algodão. O sédem é utilizado para provocar cócegas e assim melhorar o desempenho do animal, proporcionando um bom espetáculo. (SILVA,2000,p.66)

Assim como nas grandes exposições, o faturamento dos rodeios alcança altas cifras, fazendo com que grandes marcas invistam neste ramo. Por exemplo, a *Wrangler* (jeans), Brahma (cerveja), Kaiser (cerveja), Ford e Volkswagen (automóveis), além das linhas de produtos de duplas sertanejas como Zezé di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó.

Os rodeios brasileiros rendem cerca de 135 milhões de reais por ano só com ingressos. considerando os negócios paralelos - anúncios de propaganda, venda de picapes e caminhões, produtos veterinários, rações, vestimentas, alimentos etc., o movimento pode chegar a 2,5 bilhões de reais (SILVA,2000.p.73).

As fotos (1 e 2) seguintes são do rodeio do ano de 2006, expressam a emoção já referida, na abertura, quando acontece a cerimônia das orações (grande parte deles são devotos de Nossa Aparecida), que já fazem parte da vida desses peões, como forma de proteção para que nada ocorra tanto na hora de "muntar" no boi, e momento em que a emoção contagia o público.



Foto 1 – Arquibancada de shows e rodeio do recinto em Londrina, com uma grande quantidade de pessoas

Fonte: www.srp.com.br



Foto 2 – O rodeio

Fonte: www.srp.com.br

3 DESENVOLVIMENTO DAS POLÍTICAS ECONÔMICAS AGRÍCOLAS E ATUAÇÃO DA SOCIEDADE RURAL

O desenvolvimento da agricultura paranaense, principalmente norte do Paraná, pautou-se com a implantação principalmente da cultura cafeeira, passando a ser o produto de maior importância da economia do Estado. O rápido crescimento dos cafezais foi resultado da expansão cafeeira paulista, transferindo para o Paraná mão-de-obra e capital para implantação cafeeira.

O desenvolvimento da cultura cafeeira coincidiu com a colonização, povoamento e crescimento da cidade Londrina, e conseqüentemente ocorreu um aumento populacional e grandes mudanças na estrutura econômica do Estado do Paraná e na cidade de Londrina, e segundo Oliveira (2001, p.33) [...]”fez com que a população paranaense dobrasse entre os anos de 1940 e 1950”[...].

A cultura cafeeira também contribuiu para o processo de industrialização do Estado mesmo com certa dependência com o Estado de São Paulo, tanto na compra de produtos, como na exportação do café. Por um período ela foi realizada pelo porto de Santos, devido a precariedade do porto de Paranaguá. A renda produzida pelo setor cafeeiro era transferida para o Estado de São Paulo e houve uma certa dificuldade no desenvolvimento industrial, este atrelado à falta de infra-estrutura conforme Padis (1981, p.194):

[...]dado a precariedade das vias de comunicação , baixíssima produção de energia elétrica, a falta de armazéns e silos , o total desaparelhamento de seus portos e , sobretudo , a insignificância do setor secundário da economia.

Identificados os problemas que barravam o melhor desempenho da indústria no Paraná, essa situação começou a se modificar quando da criação de Projetos de Desenvolvidos, que iriam investir na melhoria da infra-estrutura, também com intuito de pôr fim dependência que havia com o Estado de São Paulo. Essas mudanças de cunho industrial aconteceram concomitante às mudanças ocorridas no âmbito agrícola. A partir do declínio do sistema cafeeiro, ora devido a superprodução ora, às adversidades climáticas, o desenvolvimento de outras culturas como a soja, esteve atrelado ao início da modernização da agropecuária, que a partir na década de 1970 tornou-se mais ágil e flexível. Segundo Migliorini

(2006) os produtores se articularam em torno de grandes cooperativas e formaram-se no Estado grandes complexos agro-industriais (alguns com a participação de capital internacional) consolidando interesses em torno da pecuária de carne, da pecuária de leite, da produção e beneficiamento dos cereais e das oleaginosas, do açúcar e do álcool.

A década de 1970 foi marcada pelo desenvolvimento das bases industriais, além de uma política de atração com incentivos fiscais, trazendo grandes industriais internacionais. Na década de 1980, a economia brasileira passou por um período de crise e pouca fluidez que durou até a década 1990. Segundo Brum (2000,p.425) foram duas razões básicas: "o esgotamento do projeto de desenvolvimento por substituição de importação, implantado no Brasil, e a falta de um novo projeto de desenvolvimento nacional".

A década de 1990 passou por alguns momentos complicados na economia industrial e agrícola, primeiramente pelos reflexos do governo Collor, e em um outro momento a mudança da moeda para Real, com intuito de conter o processo inflacionário. Assim com a implantação do Plano Real, gerou uma maior estabilidade econômica, destacando-se a taxa de câmbio que permaneceu sobrevalorizada por um período, favorecendo o setor agrícola. Porém essa permanência não foi constante, oscilando em um outro período a moeda. O valor variava conforme a cotação, ora em alta, ora em baixa, juntamente com as adversidades climáticas e fitossanitárias. Foi necessário referenciar esses fatos ocorridos sobre o desenvolvimento brasileiro, porém objetivo principal não é o de analisar ou discutir, mas sim citá-los como forma de os articular à agropecuária.

Assim com essas modificações no setor agroindustrial, a cidade de Londrina foi se desenvolvendo em meio há esses fatores, num primeiro momento sendo concentradora de mão-de-obra e de atração de migrantes, de infra-estrutura para a cidade no período cafeeiro, outrora como modificadora das relações no campo, passando a ser um celeiro através da soja, acompanhando as mudanças tecnológicas. Neste cenário desenvolvimentista, surgiu a Associação Rural, que se tornou uma entidade de grande importância para o Paraná e para cidade de Londrina, divulgando-a em nível internacional e nacional.

Os sub-capítulos a seguir detalham como se deu o processo de desenvolvimento da cidade de Londrina, sua relação com o contexto político e as modificações no cenário econômico brasileiro. Buscou-se nesse contexto

compreender a formação da Associação Rural de Londrina e de sua Feira Agropecuária, que foi estruturada a partir do declínio do café, e teve sua ascensão paralela ao crescimento da pecuária no Norte do Paraná. Por fim, entender as suas modificações desde a sua criação aos dias de hoje.

3.1 A CRIAÇÃO DA CIDADE DE LONDRINA E TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO AGRÁRIO⁴

Para analisar a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, é preciso analisar como se deu o processo de desenvolvimento da agricultura no Paraná e no município de Londrina além da formação e estruturação da Sociedade Rural do Paraná.

No Norte do Paraná, foi agricultura que possibilitou o desenvolvimento e expansão do Estado. Sua conhecida terra roxa que mais tarde seria não só utilizada para a cultura do café, atraiu povoamento para esta região, devido também a maior disponibilidade de terras compráveis.

Segundo Barbosa (2000, p.35) "O primeiro núcleo da colonização brotou de uma clareira aberta no meio da mata "[...]Embora parte da área já tivesse lavradores, a ocupação de forma sistematizada se iniciou por meio da incorporação de uma grande gleba pela Companhia de Terras do Norte do Paraná. Ela utilizou recursos para atrair os colonos, como folhetos de propaganda para brasileiros e estrangeiros, transporte gratuito, hospedagem, assistência técnica entre outros, dando oportunidade aos trabalhadores para adquirir pequenos lotes agrícolas em prestações com intuito de atrair pequenos fazendeiros. Londrina foi fundada no ano de 1929 e elevada à condição de município no ano de 1934, portanto, uma cidade relativamente jovem, mas de um crescimento populacional rápido.

Para confirmar segue um trecho do Documentário Histórico: Jubileu de Prata de Londrina (1934 – 1959, p.54):

Cuidando de difundir o seu trabalho no Norte do Paraná, a Companhia de Terras editava livretos, fartamente ilustrados e repletos de estatísticas falando do clima, da terra e das oportunidades da região. Isso, e a própria experiência dos que

⁴ Está se referindo ao processo de colonização da cidade, correlacionando com as situações políticas, porém estas ainda serão analisadas no decorrer do texto em outro sub-capítulo.

vieram primeiro, muito contribuíram para a grande diversidade de raças e pessoas hoje radicadas aqui, em sua própria língua e no seu país de origem. Eis o Exemplo da propaganda que se fazia lá fora :

BRASILE,

La mecca degli italiani !

Italiani, nel Brasile, la Compagnia di Terre Norde del Paraná senza tema di esagerazione, la Compagnia di colonizzazione più grande, più moderna di tutte delle compagnie di colonizzazione del mondo [...] .

Essa colonização gerou crescimento populacional, setores sociais distintos, inclusive de classe média, estimulou fortemente a concentração da produção - sobretudo a cafeeira, conseqüentemente a expansão de núcleos urbanos (BARBOSA,2000,p.32). Essa expansão estruturada com base em núcleos urbanos trouxe paulistas, mineiros e de imigrantes italianos, alemães, japoneses, espanhóis entre outros estrangeiros.

Dessa especulação planejada das terras, resulta um rápido povoamento do norte do Paraná, sendo que a oeste se encontra uma região típica de pioneirismo, onde a frente pioneira se desloca rapidamente para oeste dos povoadores da região nesta fase destacam-se ainda paulistas, mineiros e fluminenses, talvez os paulistas estejam em primeiro plano. Além desses aparecem ainda, com certo destaque, os nortistas, mais conhecidos como "bairanos" que deixam o torrão natal em busca de terras mais férteis, indo grande parte fixar-se no norte do Paraná (CAMBIAGHI,1951-1952p.86)

A foto 3 ilustra os primeiros paulistas vindos em grupo para adquirir terra nas proximidades de Londrina. Ao observar a imagem percebem-se nitidamente as dificuldades que estes homens enfrentaram para realizar a colonização de Londrina e região.



Foto 3 – Primeiros paulistas vindos em grupo para adquirir lotes de terra em Londrina.
Autor : Desconhecido

Fonte: Jubileu de Prata de Londrina (1934-1959,p.23)

Ao se analisar essa mistura populacional de cultura, crenças e hábitos, o geógrafo Piere Monbeig(1945) relatou :

[...]os italianos esquecem as suas ingratas colinas calcárias, onde a água se vende o preço de ouro, os japoneses encontram, finalmente, a vastidão do espaço;e os poloneses se entrevêm o fim da sua miséria. Ao calor das derrubadas, as disputas de raça e os preconceitos europeus se fundem numa nova comunhão: a da pátria brasileira.

Apesar, da grande participação do imigrante estrangeiro, em função do esgotamento de fronteiras agrícolas nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, a região foi o destino da rota migratória os trabalhadores agrícolas que se deslocaram de vários pontos do Nordeste e do país, e trabalhadores oriundos dos Estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC). Isso desmistifica a idéia de que o processo de colonização se deu principalmente por estrangeiros Cambiaghi (1951-1952, p.88-89) afirma que a região norte paranaense

[...] foi povoada por elementos nacionais, e assim os estrangeiros, embora numerosos, apresentam um total bastante inferior ao número de brasileiros. A primeira vista, temos a impressão do contrário, talvez porque os estrangeiros, em geral, estão agrupados em determinados pontos, como por exemplo, os japoneses, que se agrupam formando colônias, como a colônia Esperança no município de Arapongas [...], como se pode constatar na tabela abaixo

Os dados fornecidos pelas respectivas agências municipais de estatística, segundo o censo de 1950, exemplificam:

Tabela 1 Censo demográfico de 1950

Municípios	Brasileiros	Estrangeiros
Carlópolis	6.799	326
Sta Mariana	13.327	2.300
Tomazina	20.473	49
Quatiguá	4.305	479
Londrina	72.144	4.407

Fonte: Censo Demográfico IBGE – 1950 apud CAMBIAGHI(1951-1952)

Brasileiros e estrangeiros constituíram este território, juntamente com a expansão cafeeira que consistiu na organização de uma ampla estrutura de produção, incluindo a infra-estrutura urbana e de transportes. A cidade estava se desenvolvendo ainda em condições precárias, porém isso foi o que em síntese significou a moldagem de um modelo de economia e sociedade.

No período de 1949 – 1950 houve uma reanimação da cotação do preço do café, e nesta época Londrina já estava se tornando um centro regional significativo, principalmente devido à presença dos bancos que desempenharam papel importante para os agropecuaristas e comerciantes. Em 1950 foram instaladas quatro casas bancárias, o que mostra que a cidade havia tomado um impulso extraordinário com a alta do café: “Londrina era a maior exportadora de café do norte paranaense.” (PRANDINI,1952 , p. 77).

A produção de café também se desenvolveu e se expandiu juntamente com o desenvolvimento da cidade. Mas não foi a única cultura comercial, tendo também importância as lavouras de milho, arroz, feijão, algodão, a extração de madeira, criação de gado, bovino e suíno, em escalas menores.

Segundo Carnasciali et al. (1987, p.132),

No Grande Norte, houve expressivo desenvolvimento das forças produtivas, como resultado da acumulação durante o ciclo cafeeiro, existindo um número razoável tanto de produtores capitalistas quanto de produtores familiares mercantis. Além disso, havia uma infraestrutura produtiva no tocante aos meios de transporte, capacidade de armazenagem, bancos e serviços ligados ao mercado externo, além de certa organização política entre os produtores rurais e um movimento cooperativista relativamente desenvolvido.

Após esta década ocorreu a modificação na estrutura econômica brasileira, ampliada nos anos posteriores a 1955, quando os investimentos do Estado se deslocaram para a economia urbano-industrial em detrimento da economia agrário-exportadora.

O preço do café caiu com a concorrência mundial. O governo fez tentativas estocar o produto, e propôs plano de diversificação de culturas que tomaram impulso devido às geadas⁵ de 1962, 1966, 1969, 1972 e 1975. Nesse período ocorreu a substituição do café por outras culturas, atividades agropecuárias e industriais. Após a geada de 1975 que resultou na perda em 100% da safra, o uso do solo agrícola fechou o ciclo anterior que resultou da erradicação de cafezais.

O Estado brasileiro, pressionado pelas empresas multinacionais, que necessitavam de mercado consumidor, redirecionou seus investimentos, empréstimos e financiamentos para o setor agrícola de forma que privilegiasse as culturas de fácil mecanização em detrimento das culturas como o café, que não possibilitam a mecanização facilitada na fase da colheita. A cultura do café foi drasticamente reduzida no norte do estado Paranaense, além do fato do Estado não conseguir mais arcar com os custos dessa lavoura que havia se transformada em atividade pouco viável economicamente em termos de agricultura funcionando nos padrões de empreendimento tipicamente capitalista.

Concomitante ao processo de colonização da área, o Estado brasileiro desenvolveu a partir da década de 1970, políticas que visavam o incremento das exportações brasileiras. A expansão dos cultivos de soja e trigo - o primeiro com ampla demanda no mercado mundial, e o segundo objetivando diminuir as importações - justificaram o desenvolvimento de estratégias que consolidou, a partir da década de 1970, o processo de modernização da agricultura brasileira. Conforme Gonçalves, (2000,p.40)

⁵ Geada é um fenômeno microclimático de natureza física caracterizado pelo resfriamento da atmosfera, sendo o café pouco tolerante ao frio.

[...]a soja e os grãos tornaram-se um dos principais cultivos do norte - paranaense, ou seja dessa maneira organiza-se no Sul/Sudeste brasileiro uma ampla base produtiva da moderna agropecuária de grãos que tem como núcleo de produção e principal produtor nacional o norte-paranaense que passou a ser conhecidos como celeiro nacional.

A modernização da agricultura teve um papel fundamental, ao "expulsar" do campo trabalhadores rurais que se transformaram em mão-de-obra barata para as indústrias, além de direcionar a ocupação de áreas favoráveis à mecanização agrícola. Como resultado destes processos, o movimento migratório intensificou-se, em poucas décadas a população rural urbanizou-se.

Entre os fatores mais importantes para que o processo se consolidasse, estava o acesso ao crédito que se apresentava disponível para todas as fases do processo produtivo agrícola, desde o preparo da terra à compra de insumos e implementos, até a comercialização, industrialização e o armazenamento da produção.

Assim essas transformações capitalistas geradas no campo, principalmente pela mecanização/tecnologia e mudança de culturas, atreladas ao desenvolvimento e atração propiciadas pelas cidades, acabam por gerar um fluxo migratório das populações rurais em direção as mesmas, em busca de melhores condições de vida.

Por um lado, a concentração da propriedade de terra expulsou um grande número de pequenos agricultores, posseiros, proprietários, parceiros e arrendatários; como estas categorias de produtores eram justamente as que faziam uma utilização mais intensiva de mão-de-obra, uma parcela significativa da força de trabalho agrícola acabou sendo 'liberada' ao mesmo tempo. Paralelamente, a mecanização nos grandes estabelecimentos teve um efeito líquido negativo sobre a necessidade de mão-de-obra. Ou seja, o aumento da demanda por mão-de-obra proporcionado pela modernização verificou-se sobretudo na categoria de 'temporários'; no conjunto, a mudança tecnológica acabou expulsando contingentes significativos de trabalhadores (MARTINE, 1994, p.48).

Tabela 2 – Evolução da população de Londrina: 1935 - 1996

ANO	POP. URBANA	POP. RURAL	TOTAL
1935	4.000	11.000	15.000
1940	19.531	64.765	75.296
1950	33.707	33.144	66.851
1953	48.000	42.000	90.000
1960	77.382	57.439	132.821
1970	163.871	64.661	288.532
1980	267.102	34.647	301.749
1991	376.676	23.424	390.100
1996	396.530	16.364	412.894

Fonte: Müller (1956, p. 91). Censos Demográficos do IBGE. 1950, 1970, 1980 e 1991. Sinopse preliminar do Censo Demográfico 1960, IBGE e Plano diretor de Londrina, 1997.

Observando a tabela 2, detecta-se que após os anos de 1970, o percentual de população rural decaiu rapidamente em decorrência do acelerado crescimento da população urbana. Isto ocorreu devido a vários fatores como a passagem do cultivo de café (baixa mecanização e grande quantidade de mão-de-obra) para culturas como soja, trigo, milho e algodão (exigem uma mecanização intensa e conseqüentemente dispensam o emprego de mão-de-obra abundante) Nesse período ocorreu ainda forte concentração de terras, ampliada devido aos maiores custos da mecanização do campo, o que levou os produtores a se endividarem junto ao capital financeiro e perderem suas terras. De outro lado, havia necessidade de mão-de-obra no crescente setor terciário e industrial de Londrina. Houve uma intensa migração rural-urbana que culminou com o crescimento acelerado e complexificação do espaço urbano de Londrina. Em relação aos dados da tabela em destaque as disparidades, pois no ano de 1935 a população rural era quase o triplo da urbana, em 1950 as duas quase se equiparam, porém em 1996, a população urbana é muito maior que a rural.

A migração do campo em direção à cidade não se deveu somente ao processo de tecnificação das lavouras, mas teve forte incentivo a partir da

mudança do uso do solo agrícola na fase do plano de erradicação de cafeeiros anti-econômicos pelo Instituto Brasileiro de Café - IBC. A substituição de cafeeiros pelas lavouras temporárias ou pastagens associadas à implantação do Estatuto do Trabalhador Rural produziu a não necessidade da mão-de-obra rural extra, residir dentro das propriedades rurais. (CARVALHO, 1991). Durante a implantação do programa de erradicação do café, mais de 100.000 trabalhadores perderam seu emprego (entre 1962 e 1967); onde a cultura do café empregava 30 pessoas, o da soja não necessitava mais do que uma.

Desta forma, as migrações foram motivadas através das mudanças decorrentes do processo de modernização no campo. Aqueles que não encontravam mais emprego, terras ou moradia no campo se dirigiam às cidades em busca de oportunidades, transformando-se assim, gradativamente em proletários urbanos. Os imigrantes ao chegarem empreitaram à cidade várias dificuldades de adaptação por não possuírem uma qualificação para o trabalho urbano e devido à baixa oferta de empregos. Parte deles encontrou trabalho na sazonal no campo.

Essas mudanças na economia geram modificações nas relações de trabalho e na estrutura agrária e resultaram em intensos fluxos migratórios internos e externos às fronteiras estaduais.

Embora se constate relativa desaceleração no processo de urbanização do Estado e se verifique que os fluxos migratórios de longa distância cederam lugar a movimentos de proximidade, mantendo-se ainda inconclusos, o intenso ritmo e a horizontalidade com que se realizou esse processo deram a tônica ao movimento de transição das últimas décadas. (ROSA, 2004, p.35)

Integrantes de um mesmo processo transformador no Brasil e no Paraná, a base populacional rural diminui seus números . Enquanto no Brasil essa inversão de proporcionalidade se deu continuamente, no Paraná percebe-se forte mudança entre os anos de 1970 e 1990. Nesse período o grau de urbanização saltou de 36% para 78%, prosseguindo em alta até o final do século XX - números que confirmam um relacionamento intrínseco entre a reestruturação da economia e os movimentos populacionais.

Migrantes oriundos dos campos ou de pequenos núcleos urbanos foram influenciados pelo meio urbanos tendo que disputar o trabalho, bens e serviços, o acesso ao solo e à cidade. Se nas cidades as contradições sociais já estariam presentes, a urbanização em tal intensidade, só as ampliou.

Essa urbanização atingiu horizontalmente os municípios paranaenses. Enquanto nos anos 50 em torno de 95% deles tinham mais de metade da população vivendo em áreas rurais, no ano 2000 isso ocorria em apenas 29% dos municípios. (ROSA, 2004,p.38).

Segundo Singer (1985), em decorrência das transformações tecnológicas as regiões favorecidas não cessaram de acumular vantagens, porém os efeitos da difusão do progresso se fizeram sentir num âmbito territorial relativamente acanhado:

A população de áreas desfavorecidas sofre, em consequência, um empobrecimento relativo: o arranjo institucional faz com que participem do processo de acumulação sem que possam beneficiar-se dos seus frutos (SINGER,1985, p.38).

Que, de acordo com Santos (1993, p.10) se por um lado, “o campo moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalista vivem cada vez mais nos espaços urbanos”, por outro, a cidade os absorve, mas não evita os níveis crescentes de segmentação social e espacial.

Assim percebemos a importância do desenvolvimento agrícola do norte do Paraná que trouxe um grande progresso e expansão da cidade de Londrina. Tornou-a um pólo atrativo na qual a urbanização serviu para constituir uma nova dinâmica espacial, não somente para cultivar, vender ou alugar, mas para futuramente a construção de grandes núcleos urbanos que se tornaram núcleos de novos municípios. As cidades são produzidas para serem lócus da regulação do que se faz no campo, nascendo com um conteúdo e uma finalidade econômica: prestadoras de serviços, concentradoras da renda fundiária e constituinte de uma mão-de-obra imprescindível à sustentação deste núcleo e da atividade econômica predominante agrícola.(ARRUDA,2005)

3.2 POLÍTICAS ECONÔMICAS DO BRASIL E SEU REFLEXO NA ESTRUTURAÇÃO DA AGRICULTURA PARANAENSE E NA SOCIEDADE RURAL

Após a análise sobre a formação e estruturação da cidade de Londrina serão investigadas as políticas econômicas e seus reflexos na agricultura,

suas fases de desenvolvimento, juntamente com a continuidade do trabalho da Sociedade Rural. Cabe neste momento fazer uma ressalva acerca do processo de desenvolvimento e formação dos complexos agroindustriais (CAIs) próprios ao processo de modernização agrícola, implantação de agroindústrias, cooperativas, entre outros. Devido ao crescimento econômico e o aumento do consumo esses complexos se aperfeiçoaram. O que contribuiu para isso foram as constantes transformações técnicas, a globalização que torna as ações mais rápidas e flexíveis, as mudanças na estrutura capitalista, com a junção do capital industrial, agrário, comercial e financeiro. As repercussões vão além dos processos econômicos, modificando o uso social do território. Para Guimarães apud Silveira (2005) o conceito CAI representa essa a integração técnico-produtiva

Na fase inicial da industrialização necessitou de investimentos das empresas privadas nacionais, multinacionais, estatais e o próprio Estado. Assim Getúlio Vargas que ficou na presidência de 1940 a 1945 estimulou a industrialização, baseado na empresa nacional. Para tanto eram necessários investimentos na infra-estrutura e produção de matéria primas básicas.

De um lado, a empresa nacional era ainda fraca, e, portanto não tinha interesse nem condições de assumir a responsabilidade de empreendimentos econômicos de vulto [...] (BRUM,1995,p.84). Este modelo de desenvolvimento, baseado num Estado forte e na política de industrialização por substituição de importações, foi financiado basicamente pelo Estado, na primeira fase, e num segundo momento pelo capital externo. Substituição de importação, quer dizer que passaria a produzir no país o que antes era importado, primeiramente produzindo o que era de necessidade imediata. Com fim da 2º Guerra Mundial, o Brasil consegue acumular um saldo positivo, pois os países envolvidos na guerra, estavam preocupados em atender suas necessidades bélicas. Ao término do conflito mundial em 1945, o Brasil é grande credor internacional, com um saldo positivo acumulado acima de US\$ 700 milhões. (BRUM,1995, p.88).

As políticas econômicas no Brasil, durante o período 1946-1950, foram profundamente influenciadas pela situação econômica internacional após a Segunda Guerra Mundial. Eurico Gaspar Dutra, então presidente nesse período, investiu dinheiro em coisas defasadas e supervalorizadas. Se na primeira fase priorizou-se a produção de bens não-duráveis, nesta segunda fase o intuito era o de produzir bens de consumo duráveis. Mas esse tipo de produção necessita de tecnologia, capital, mão-de-obra.

A despeito do projeto liberal inicialmente formulado no início da administração do presidente Dutra, as autoridades brasileiras logo se deram conta dos problemas resultantes da escassez de capital estrangeiro. Não obstante, a industrialização prosseguiu estimulada pela política de câmbio fixo, o que beneficiou as importações de bens de capital, juntamente com uma política de déficit público.

Este governo se iniciou após sete anos de ditadura e no fim da 2ª Grande Guerra Mundial, o que se esperava era normalização das atividades econômicas, dos fluxos comerciais, e de capitais, além de diminuir a presença estatal. Vale ressaltar que neste período de fim de conflito mundial os Estados Unidos exerciam sua hegemonia política e econômica, possuindo a principal moeda conversível no comércio internacional, e assim com intuito de controlar a inflação, o mesmo estabeleceu um preço teto para compra do café brasileiro, ou seja detinha grande parte do poder político, sendo que esta hegemonia refletiu no Brasil da década de 1940 e 1950. Assim como menciona Saretta, (1995, p.422)

[...]a política econômica daqueles anos que vão de 1946 a 1950 apresentou um caráter oscilante, que passou das melhores intenções, baseadas nos predicados da boa gestão dos gastos públicos e diminuição da intervenção estatal, para rigorosos controles sobre setores importantes da economia e para déficits e liberalização de crédito tidos como inevitáveis para o desenvolvimento econômico do País.

E foi entre esses acontecimentos políticos e econômicos que foi criado em 1946 a Associação Rural de Londrina – ARL, uma organização criada pra defender os interesses dos agricultores, principalmente dos cafeicultores, tanto no âmbito econômico, político e de desenvolvimento da cidade e região, tendo como primeiro presidente o Sr. Hugo Cabral (1946-1948), um dos maiores cafeicultores e pecuaristas da região.

[...]a intenção de criar uma associação como esta se baseou na necessidade de fazer convergir uma mentalidade adiantada para um tipo de organização que desse suporte as ações e aos empreendimentos derivados dessa mentalidade. A partir dessa aglutinação de forças, grandes benefícios foram carreados para o Norte do Paraná, por meio da dinamização da agricultura e da pecuária. Ao mesmo tempo, aqueles que da entidade emergiam para cargos políticos importantes, concentraram todos seus esforços em beneficiar o setor agropecuário, o que acabou redundando em progresso para toda região. (BARBOSA, 2000, p. 42).

Além de ter um presidente conhecido na agropecuária regional, todos os outros fundadores também tinham nomes expressivos. Um deles Horácio Sabino Coimbra, fundador e presidente da Companhia Cacique de Café Solúvel de Londrina. Outros eram vereadores, deputados e ex-prefeitos. No início a associação era subordinada à Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, porém em 1954 essa subordinação teve fim, tornando-a mais independente para manter seus principais objetivos: a prosperidade e independência, este que ficou conhecido como marca/slogan da Associação.

Na mesma época, houve um aumento da população no Paraná, devido à crescente lavoura de café, das altas das cotações do café sobre o mercado internacional e dos baixos preços das terras. A colonização organizada favoreceu a ocupação com implantação de estradas e caminhos que ligavam as cidades e estimulavam a produção e o comércio.

Desta forma, entre 1940 e 1950, a população total do Estado aumentou 71%, dos quais 3/4 pertencem ao mundo rural; entre 1950 e 1960, época do maior afluxo de migrantes, o crescimento demográfico é de 105% (SWAIN,1988,p.27).

O Paraná além da boa qualidade do solo tornou-se o maior produtor de café. Suas colheitas, boas ou más, comandaram os preços das cotações internacionais, e o café se tornou o ponto forte das exportações, além apresentar um aumento na produção agrícola diversificada. (SWAIN,1988). As culturas alimentares, intercalares às ruas dos cafezais, destinadas ao mercado interno cresceram com o desenvolvimento das pequenas propriedades, o que fez do Paraná (em especial do Norte do Paraná) um elo importante na cadeia do abastecimento brasileiro. A expansão da superfície cultivada e o aumento da produção agrícola consolidaram a posição da agricultura familiar dentro da estrutura agrária do Paraná. Os latifúndios subsistiam, mas seu lugar relativo na estrutura fundiária perdeu a importância. (Ipardes, 1973)

Recordamos que neste período Londrina já havia se tornado um centro regional significativo, principalmente devido à presença dos bancos. Era da cidade que saía a maior exportação de café do norte paranaense. No período compreendido entre 1950-1952, o então presidente da Associação Rural Nelson Antunes Eggas, era gerente de banco, e “na verdade, era ele um elo importantíssimo entre o mundo da lavoura e do gado e o mundo dos negócios”

(BARVOSA,2000, p.44). Em sua gestão na ARL (então Associação Rural de Londrina) foi criado o Instituto Brasileiro do Café (IBC), que interveio na defesa dos preços, na retirada de café do mercado, além de incentivar o plantio e a produção (CANCIAN,1981).

A associação continuou a se desenvolver progressivamente, e a produção de café se expandiu em conjunto com o desenvolvimento da cidade. Porém ele não era a única cultura comercial, visto a importância das lavouras de milho, arroz, feijão, algodão, a extração de madeira, criação de gado bovino e suíno, porém em escalas menores. Raphael Ferreira Rezende administrou a ARL entre 1952 e 1954, e destacou-se como deputado federal devido às suas ações na defesa da agricultura, setor que na sua gestão passou por momentos difíceis devido às adversidades climáticas como a geada que ocorreu em 1953, dizimando os pés de café.

[...]esse entorvo, impossível de ser controlado, faria oscilar os tamanho das safras com reflexos desestabilizadores sobre a política monetária nacional , os preços externos e a receita cambial [...] fará os homens do ouro verde pensarem mais seriamente em diversificar suas atividades. (BARBOSA,2000,p.45)

Ainda referindo-se à geada de 1953, do livro Jubileu de Prata, foi retirado este trecho ou texto de autor desconhecido. Ele descreve a intensidade da dor da perda, mas também descreve a paisagem da época com palavras suaves:

Domingo, Julho, cinco. Um sol brilhante dava um tom roxo a folha verde-escura do cafezal, que a geada, abrupta e dura, castigara ao romper do dia entrante. Sobre a madeira seca, entre a verdura do mato delicado e rastejante, via-se neve, clara e cintilante, à cor da terra a contrastar a alvura.

Lá embaixo a várzea era um lençol de gelo!

Estranho odor de folha queimada dava a impressão de sonho ao pesadelo. Conservava o caboclo: “Deste embruio por vezes já saí... mas a danada agora deu pra me quebra o orgúio...”.

Apesar da geada, o Paraná obteve grande desenvolvimento na produção cafeeira na década de 1950, cujo ápice aconteceu em 1960. “Ultrapassando inclusive a produção paulista, com a qual entrou a concorrer e sofrer concorrência, pois ali também se verificou novo aumento da produção” (CANCIAN, 1981,p.82).

O café tornou-se uma atividade expressiva e dinâmica, isto justifica a expansão de novas fronteiras, assim como ocorreu dentro do Estado do Paraná, “uma área onde o café estava penetrando, uma em que se encontrava plenamente em produção, e outra, decadente” (CANCIAN, 1981, p.92).

Apesar disso, o café é uma cultura que foi substituída por pastagens e lavouras. Nas regiões que sofriam com seu declínio e em outras ela encontrava o seu apogeu.

Conforme se sabe, as atividades agrícolas do Norte do Paraná revelam extrema mobilidade e versatilidade. Os empresários reagem quase que automaticamente a estímulos do mercado. Aham-se estreitamente vinculados aos fluxos monetários. (CANCIAN, 1981, p.106)

Para os agricultores e associados da Associação Rural de Londrina a necessidade de diversificar suas atividades se concretizou em 1955 com a 1ª Exposição Pecuária, quando participaram 500 agricultores no recinto do Jockey Club. Na ocasião estavam presentes senadores, governadores, secretário da Agricultura, demonstrando assim o apoio que a associação estava obtendo para seu desenvolvimento e progresso. Esta foi a maneira encontrada por Fernandes Sobrinho⁶ (1954-1956) em seu discurso de inauguração da feira, quando ressaltou: “estejam certos que o governo jamais se arrependerá de fornecer crédito à gente capaz de realizar o que se vê nas mostras que estamos inaugurado” (BARBOSA,2000,p.46).

O café tido como a âncora da agricultura paranaense nesta época, começou a difundir a importância da criação de bovinos. O então tesoureiro da ARL, Celso Garcia Cid, tornou-se presidente da Associação Brasileira de Criadores de Gir, sendo talvez o mais importante das contribuições para o desenvolvimento agropecuário da região. O declínio dos preços do café foi um problema cuja saída foi a diversificação da produção, com investimentos em outras áreas. O café passou para segundo plano, porém sem que perdesse o seu valor para os grandes cafeicultores.

Entre oscilações econômicas e políticas em 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito Presidente da República. Ele queria alcançar o

⁶ Foi prefeito de Londrina de 12/12/1955 a 12/12/1959, administrou as propriedades de café da família, realização obras importantes como a construção da concha acústica, melhores condições de tráfego, barragem do Igapó, fundação da guardinha de automóveis.

desenvolvimento brasileiro, econômico, social, cultural, em cinco anos, recuperando o que não havia sido feito em 50. Essa conduta desenvolvimentista tinha como objetivo consolidar a industrialização, através do Programa de Metas, visando o planejamento e desenvolvimento de vários setores, como energia, transportes, alimentação, educação entre outros. “JK substitui o nacionalismo getulista pelo desenvolvimentismo” (BRUM,1995,p.98). Este período realizou a abertura econômica ao capital estrangeiro, e a empresa nacional teve de enfrentar a concorrência internacional.

Antônio Fernandes Sobrinho foi sucedido por Nelson Maculan⁷ (1956-1958), e em sua gestão realizou a 2ª Exposição Pecuária, com intuito de fazer desta exposição uma tradição. Ele foi um dos líderes paranaenses da Marcha da Produção ainda no governo de Juscelino Kubitschek, cujo líder foi Álvaro Godoy. A formação do movimento contava com a participação dos cafeicultores do Norte do Paraná e do Oeste Paulista, com intuito de entregar ao presidente reivindicações a respeito da política cafeeira adotada pelo governo brasileiro.

Celso Lafer(2000,p.44) analisou esse período compreendido entre 1956 e 1961:

[...]o projeto de desenvolvimento de JK, via industrialização e urbanização, não era compatível com o dos cafeicultores, pois, enquanto para JK a industrialização significava progresso e modernização, para os cafeicultores do Norte do Paraná o discurso do progresso estava atrelado à lavoura cafeeira, um tipo de ocupação racional com ações planejadas para o campo e criação de cidades.

Esses problemas repercutiram tanto interna como externamente devido à interferência norte-americana, na superprodução brasileira, e tornou-se difícil manter os preços do café nos níveis de então.

A figura de Álvaro Godoy, presidente da Associação dos Lavradores do Norte do Paraná (ANLP) foi preponderante neste período, juntamente com a Folha de Londrina, que se mantinha a favor das reivindicações dos cafeicultores. O jornal publicava todos os acontecimentos relativos à cafeicultura. O que Godoy reivindicava era que o governo não deixasse de apoiar a agricultura,

⁷ Em 1954 elegeu-se vereador de Londrina, pela União Democrática Nacional (UDN), pós sua gestão, elegeu-se a suplente de senador pelo partido trabalhista Brasileiro (PTB), e posteriormente foi presidente do IBC.

especificamente o café, isso pode ser verificado no processo de comprovar a legitimidade da “Marcha pela Produção” ou seja,

Demonstrando sujeição a uma ideologia burguesa do tipo liberal, ao mesmo tempo em que clamava por liberdade de iniciativa econômica reivindicava protecionismo, expressava que o movimento era legítimo porque se tratava de um movimento com princípios morais e cristãos, cujos integrantes eram homens de esclarecido espírito patriótico, homens de bem que lutam por seus direitos e deveres e não arruaceiros e desordeiros. Porém, argumentar que o movimento era anticomunista, que todos os seus integrantes eram “cristãos, amantes da Pátria, do trabalho e da terra e confiantes nos destinos do país”, não evitou a repressão. O Ministro da Guerra de JK, Marechal Lott, deslocou efetivos militares para Jacarezinho (fronteira do Paraná com São Paulo) para impedir a passagem da caravana. Londrina e Maringá foram sitiadas por forças do Exército, compostas, de acordo com o jornal, de mais ou menos mil soldados, com os respectivos apetrechos bélicos, inclusive metralhadoras. (NOLLI E CESÁRIO,p.07 s.n).

Nas concepções de JK, essas reivindicações eram contrárias à sua política, pois esses agricultores / cafeicultores se opunham ao seu projeto de desenvolvimento. Percebe-se assim que estes homens queriam defender seus interesses indo contra as regras impostas pelo governo da época. A foto a seguir de 1959 é referente a uma reunião realizada em prol da abertura de novos mercados para o café. Da direita para esquerda, Álvaro Godoy, presidente da Associação dos Lavradores do Norte do Paraná, Renato Celidônio, presidente da Associação Rural de Maringá, Américo Ugolini, presidente da Associação Rural de Londrina, Mário da Cunha , representando o Prefeito Municipal de Londrina, Renato Cunha, presidente da Câmara Municipal e David Dequech, presidente da Associação Comercial de Londrina.



Foto 4 – reunião para abertura de novos mercados, Da direita para esquerda, Álvaro Godoy, presidente da Associação dos Lavradores do Norte do Paraná, Renato Celidônio, presidente da Associação Rural de Maringá, Américo Ugolini, presidente da Associação Rural de Londrina, Mário da Cunha, representando o Prefeito Municipal de Londrina, Renato Cunha, presidente da Câmara Municipal e David Dequech, presidente da Associação Comercial de Londrina.

Autor: Desconhecido

Fonte: Jubileu de Prata (1934-1959)

O período compreendido entre 1958 e 1960, a Associação Rural de Londrina ficou sob a presidência de Américo Ugolini, e realizou em fevereiro de 1960 a 4ª Exposição Pecuária. Inscreveram-se mais de 170 animais, segundo o Livro Jubileu de Prata, mas há informações dela ter sido a “3ª Exposição” (BARBOSA, 2000,p.49).Típico do clima norte paranaense, durante a exposição choveu torrencialmente, porém isso não impediu a realização de negócios, com destaque para o julgamentos de animais (Ver foto 5):

As exposições de pecuária, no Norte do Paraná, de ano para ano melhor se apresentam, evidenciando a pujante enfiatura dos homens daquela fabulosa região. A tal ponto que não seria exagero dizer que Londrina dentro em pouco se constituirá num opulento empório de gado bovino, capaz até de atingir o alto nível da agricultura. São estas as conclusões dos técnicos e dos observadores, que prazerosamente registramos. (BARBOSA,2000, p.50)



Foto 5 – Momento de julgamento na Exposição de 1959, um exemplar de bovinos da raça Gersey da Usina Central Paraná de Porecatu

Autor: Desconhecido

Fonte: Jubileu de Prata,(1934-1959)



Foto 6 – O jovem Garcia Cid , filho do renomado criador Celso Garcia Cid ao receber das mãos do Sr. Américo Ugolini, presidente da Associação Rural de Londrina um dos inúmeros troféus que couberam ao gado bovino da raça Gir, campeão da IV Exposição Pecuária de Londrina da Fazenda São João.

Autor: Desconhecido,

Fonte: Jubileu de Prata(1934-1959)

Celso Garcia Cid⁸ se tornou importante na história da Associação Rural, após trazer da Índia animais de grande superioridade, como zebu, gir, nelore e guzerá (CID e PELLEGRINI, 1990). Raças de grande importância para a pecuária brasileira, a de maior destaque foi a Nelore. Além do café, a pecuária se tornou cada vez mais expressiva e neste período iniciou-se também um grande interesse pela pecuária leiteira.

As significativas transformações ocorridas no setor agrícola, principalmente após a década de 1950, levaram os agricultores a sucessivas especializações, da porteira para dentro e fora dela.

A produção de fertilizantes, defensivos, máquinas e equipamentos, rações dentre outros, deixa de ser realizada nas propriedades agrícolas e passa a ser atividade distinta de uma indústria que tem o setor agrícola como mercado consumidor de seus produtos. As empresas especializadas na produção desses insumos são denominadas de "antes da porteira" ou a montante da agricultura". De forma análoga, o processamento, a comercialização, a distribuição e o transporte de produtos da agricultura passam a ser realizadas por empresas especializadas denominadas "depois da porteira" ou a jusante da porteira. Entre esses dois setores, as unidades de produção agrícola passam, então a contar com um conjunto de recursos produzidos externamente e a orientar sua atividade para um mercado intermediário distinto do setor agrícola. (RUFINO, 1999, p.17).

Empresas estabeleceram subsidiárias no Brasil, e o que antes era fabricado no exterior e vendido aqui sob a forma de produto industrializado, a partir de então foram fabricados no país, utilizando de mão-de-obra e matéria-prima baratas, importando o restante.

O início dos anos de 1960 juntou a instabilidade política e a crise econômica devido ao fato de que os dois presidentes que sucederam JK tiveram mandatos curtos e não menos desastrosos. A partir da década de 1960, ano em que Jânio Quadros foi eleito como presidente, a agricultura brasileira passou por grandes modificações. Em relação a esta mudança Mazzali (2000) considerou que a partir da segunda metade do período que se intensificaram a relação agricultura/indústria, ocorreu uma reformulação no padrão de acumulação de capital via modernização. Quanto ao incentivo à modernização, a classe produtora no campo recebeu um

⁸ Garcia seguiu para a Índia em 1957. Ele teve que contar com apoio de conhecidos políticos para conseguir entrar no Brasil com os animais. Homem de negócios, já tinha uma frota de ônibus iniciada na sua vinda a Londrina. Do seu lote de 112 animais 60 foram cedidos para outros criadores brasileiros. Para ele, compartilhar essa genética significava além de vender, dar continuidade a essa linhagem.

tratamento privilegiado no acesso aos recursos para executar o processo de modernização agrícola.

É pertinente justificar o uso do termo modernização que para Graziano (1998) tem tido uma utilização muito ampla, referindo-se ora às transformações capitalistas na base técnica da produção ora à passagem de uma agricultura "natural" para uma que utiliza insumos fabricados industrialmente. "Assim, não se deve confundir os conceitos de modernização, industrialização da agricultura e constituição dos complexos agroindustriais, que são distintos [...]"(GRAZIANO,1998,p.30).

[...] a partir de 1964, neste momento, iniciou-se a implementação da ideologia de modernização conservadora do governo militar, via internacionalização, e conseqüentemente, aceleração do processo de industrialização. A coincidência dessas ações com a fase ascendente do ciclo econômico conhecido como milagre brasileiro permitiu que se alterassem profundamente as alianças tradicionais e se privilegiassem as forças "modernas" ou empresariais de produção agrícola. (MARTINE; BESKOW, 1987.p.19)

Com a deposição de João Goulart em 1964, inaugurou-se um novo modelo de administração da economia. As decisões políticas concentraram-se nas mãos do Poder Executivo e os presidentes do período militar conseguiram implantar seu projeto econômico, ignorando as negociações democráticas. Primeiro presidente militar, o marechal Humberto Castello Branco tentou atrair novos investimentos de capital para o país. De acordo com o modelo de 1964, o investimento do Estado na indústria pesada, como a siderúrgica e de bens de capital, transformaria o Brasil em uma potência gigante. Assim Moreira (1999,p.21)

[...] confirma que no fim dos anos 50, - que se instalaram no país as principais indústrias produtoras de máquinas e equipamentos para agricultura, bem como as de fertilizantes químicos , defensivo agrícolas, rações e medicamentos veterinários.

A indústria de tratores tem sua produção expandida. Em 1970, ela é de 57% maior que a média do período 1962/69 [...] de uma média de 9.000 unidades anuais para o período de 1962/69 cresce para um nível de produção 50.000 unidades a partir de 1975[...] a demanda por fertilizantes girava em torno de 100 mil toneladas anuais entre 1950 –1954, chega a 260 mil entre 1960 e 1962.

O aumento significativo das exportações, juntamente com desenvolvimento industrial, tecnológico e as políticas agrícolas, exigiu maior agilidade, rapidez, e aumento do volume de produção devido ao maior consumo,

porém vai uma ressalva, pois essas indústrias instaladas foram em grande parte de multinacionais.

Pode-se concluir que o ciclo cafeeiro contribuiu para a estruturação e desenvolvimento da industrialização, e a principal causa dessa relação, segundo Oliveira (2001, p.45), "[...] era a falta de conexões econômicas das populações das regiões Norte Novo e Norte Novíssimo com o estado do Paraná". A população dessas regiões não só adquiriam produtos industrializados e de consumo em São Paulo, como exportavam o café que produziam pelo Porto de Santos. Em função da ligação que a população das regiões do Norte Novo e Norte Novíssimo tinham com o Estado de São Paulo, conforme Padis (1981, p.193 -194),

[...] a renda gerada pelo café produzido no Paraná que não era reinvestida no próprio setor cafeeiro era transferida para o estado de São Paulo. E assim, não se criava condições para a diversificação da produção dentro do Estado do Paraná, principalmente no que se refere ao setor industrial do Estado.

Como o estado do Paraná se encontrava extremamente carente de infra-estrutura, conforme Padis (1981, p. 194) "[...] dada a precariedade das vias de comunicação, baixíssima produção de energia elétrica, a falta de armazéns e silos, o total desaparecimento de seus portos e, sobretudo, a insignificância do setor secundário da economia" com os primeiros sinais de esgotamento do ciclo cafeeiro no início da década de 1960, a renda gerada no estado não encontrava muitas alternativas de investimento, e com isso ocorreu a evasão da renda gerada pela cafeicultura no Paraná para outras regiões do País.

É neste período que o café inicia seu declínio, devidos a fatores desde os climáticos (geadas, secas e estiagens) ao surgimento de novas culturas e é neste momento que o papel do Estado é repensado em relação às atividades agrícolas. Na escola estadual no início da década de 1960, foi implantado o Projeto de Desenvolvimento Industrial do Paraná que visava:

Planejar o desenvolvimento, através de uma atuação centralizada voltada para a criação de infra-estrutura em transporte e energia, financiamento de projetos industriais privados e racionalização do aparato administrativo do Estado.

Na verdade, pensa-se a ação estadual nos quadros do nacional desenvolvimentismo [...]. O estadualismo, a ufania paranista ou, apenas, o paranismo, apresentam-se nesse momento como dimensão política do modelo paranaense, readequando no plano do

Estado uma ideologia então dominante em termos nacionais (LEÃO, 1989, p.20 Apud MILWARD, 1999, p.09).

O intuito do Paranismo era mobilizar a opinião pública para construir um Estado economicamente forte e socialmente justo, e segundo Leão (1999,p.11), “ Trata-se da democracia–cristã, introduzida já nos anos 50, [...] mais tarde com a eleição do governador Ney Braga, como grande agente que iria pôr em pratica a visão democracia–cristã.”

A partir do Projeto de Desenvolvimento Industrial do Estado foram criadas e revitalizadas uma série de empresas estaduais destinadas a atuar em diversos setores como economia e finanças, energia elétrica, telecomunicações, serviços públicos. Entre as empresas criadas nessa época pelo Estado, conforme Augusto (1978, p.08), podem ser citados:

Banco do Estado do Paraná (BANESTADO); Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR); que foi transformada, posteriormente, em Banco de Desenvolvimento do Paraná (BADEP); Companhia Paranaense de Silos e Armazéns (COPASA); Companhia Agropecuária de Fomento Econômico; Companhia Paranaense de Eletricidade (COPEL); A Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR); Companhia de Informática do Paraná (CELEPAR), Companhia de Telecomunicações do Paraná (TELEPAR); Fundo de Desenvolvimento Educacional (FUNDEPAR); Companhia de Habitação Paranaense (COHAPAR), além de outras. Também foi instituído na década de 1960 o principal mecanismo de financiamentos do desenvolvimento industrial do Estado: o Fundo de Desenvolvimento Estadual (FDE), gerido pela CODEPAR.

Dentre os principais objetivos da implantação da infra-estrutura ligada à industrialização, grande ênfase foi dada para a malha rodoviária pela função do escoamento da produção agrícola, o que para Lourenço (1999,p.02)

[...] começa a assentar as bases da chamada vocação agroindustrial do Estado. Vale lembrar que boa parte dos recursos transferidos para a implantação da infra-estrutura do Estado na década de 1960 era proveniente da agricultura, atividade econômica mais expressiva da época.

A implantação da infra-estrutura e o apoio no crédito rural impulsionaram a modernização do setor agrícola que foi possível devido a busca pelo crescimento econômico da economia brasileira dirigida pelo regime militar, iniciando-se um processo de modernização, pautada na mecanização, fazendo

deste setor fonte para a indústria. Nesse período, segundo Bastos (2006), a agricultura no Brasil cresceu apenas 4,5% ao ano em média, durante o período do “Milagre” (1968-73). Com o desenvolvimento da agricultura, implantação de infraestrutura e desenrolar da industrialização, no período compreendido entre 1960 e 1969, Omar Mazzei passou a defender os interesses da Associação. No seu mandato, em setembro de 1965, ela passou a denominar-se Sociedade Rural do Norte do Paraná, demonstrando força e importância para toda região norte paranaense.

Em termos conceituais, em um sentido mais recente, sociedade é apontada como o “conjunto de homens, com grupos de diversas dimensões e significados, que compõem a humanidade.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1977, p.263) Ou, de forma mais abrangente, sociedade é uma “espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos co-participantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional; e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte, pela sua participação no contexto geral. Assim, o conceito de sociedade define mais as relações entre os elementos componentes e as leis subjacentes nessas relações do que, propriamente, os elementos e suas descrições comuns” (HORKHEIMER; ADORNO, 1977, p.263). Associam-se ao conceito de sociedade importantes categorias de análise, entre as quais a de poder (sociedade e domínio), dinâmica (processo contínuo da divisão social do trabalho); rede (complexidade dos grupos interligados e superpostos, compartilhando cultura e sistema institucional).

Para a geografia, a sociedade é considerada na produção do espaço, criado a partir de organização e produção social, adquirindo um papel ativo na sua produção. Dessa forma “os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento” (SANTOS,1999,p.86).

Soja argumenta que a estrutura do espaço organizado representa um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, relações estas que são simultaneamente sociais e espaciais. As relações sociais e espaciais (relações estruturadas) advêm do mesmo modo de produção, sendo dialeticamente inseparáveis. Assim, são as relações de produção que respondem pela configuração

do espaço. “O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produtos de translação, da transformação e da experiência sociais” (SOJA, 1993, p.101).

Mais recentemente, Santos afirma que a natureza é um conjunto dos complexos naturais, com existência material própria. A produção histórica, ou seja, as obras dos homens (estradas, plantações, casas etc.), a partir de relações sociais, atribuem existência social à natureza, realizando a “configuração territorial”. Deve-se ressaltar que essas ações são dotadas de propósitos: “Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade” (SANTOS, 1999, p.67) A configuração territorial geográfica resulta, pois, da substituição da natureza natural pela natureza humanizada. “O espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais.” (SANTOS, 1999, p.88).

As relações entre os associados e participantes da feira foram modificadas e reestruturadas. Além da mudança modificaram o nome da feira, nesta gestão a sede da entidade, localizada então no centro da cidade, foi transferida para o Parque de Exposições Governador Ney Braga (ver figura 2). A nova sede foi construída através de doações, e partir de então a exposição passou a se chamar Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina e realizada no mês de abril. O parque recebeu este nome devido a uma homenagem feita a Ney Braga que não mediu esforços para ajudar a Associação.

É a partir dessa mudança de lugar, que se define um novo território, uma nova característica para a feira. Para Santos (1994), o território são formas, usos, objetos e ações; sinônimo de espaço humano, espaço habitado,

[...] é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele um objeto de análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. (SANTOS, 1994, p.15)

Para Haesbaert (2004) os territórios são espaços concretos e/ou simbolicamente dominados/apropriados de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito seus limites físicos e sua utilização material.

O território não é visto apenas como limite político administrativo, mas sim como um espaço utilizado pela sociedade.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. “Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população.” (SANTOS, 2000, p.96).

As exposições foram se tornando cada vez mais importantes e famosas, e a de Londrina não raro tinham a presença de presidentes da República.

Inclusive, as exposições realizadas em Londrina eram tão importantes que em suas inaugurações sempre compareceram presidentes da República. Houve até o episódio em que, durante a vinda do presidente Castello Branco à exposição de 1965, Omar Mazzei, então presidente da entidade, discursou tecendo críticas ao governo. (BARBOSA, 2000, p.93)

O mesmo teceu críticas ao Ministério da Agricultura e o então presidente da República respondeu diplomaticamente

Na abertura da exposição o sisudo presidente da República não perde a calma. Afirma que prefere a franqueza à descortesia e aos elogios. Ele começa extremamente cordial: Atendendo ao fidalgo chamamento de Londrina, aqui estou para inaugurar esta exposição. Ouvi atentamente o discurso do orador que acaba de falar. Apreciei seus conceitos e assinalo suas imperfeições. Primeiramente, eu me regozijo com Londrina, por estar presente a uma exposição que representa o grande esforço de um povo laborioso e de trabalhos voltados para a terra. O orador afirmou que o Ministério da Agricultura está, aqui, plenamente ausente. Eu concordo que Londrina tenha razão em assim se manifestar. Mas é preciso assinalar que há um ano o governo trabalha para desemperrá-la e entregá-la a rendimento pleno. (FOLHA DE LONDRINA, 1965, p.02)

Omar Mazzei se preocupou em dotar o parque de toda infraestrutura necessária para promover as exposições com qualidade. Na sua gestão foram ampliados e construídos pavilhões para abrigar os animais, além da criação do Pavilhão do Registro Genealógico, que possibilitou aos agricultores da região registrar seu gado sem precisar se deslocar até Curitiba.

Outro presidente de destaque foi Francisco Antônio Sciarra (1969-1970) apesar do curto período de sua gestão na Sociedade apoiou a implantação de um instituto de pesquisa agrônômica na região. A formação do Instituto Agrônômico

do Paraná (IAPAR) foi possível devido à grande contribuição oferecida pelo IBC que tinha como presidente João Ribeiro Júnior. Este colocou à disposição 1,5 milhão de cruzeiros:

Quando promovemos a exposição de abril de 1970, não nos preocupamos apenas com aspectos da pecuária e da indústria, mas em transformar a ocasião em acontecimento político e, assim, atrair para Londrina as atenções dos governos federal e estadual. Desse modo, atuamos junto às autoridades federais para lograr trazer o maior número de ministros. Vieram os ministros da Fazenda, Delfim Netto; da Agricultura, Cirne Lima; da Indústria e Comércio, Marcos Vinícius Pratini de Moraes; o presidente do Banco do Brasil, Nestor Jost; o governador de São Paulo, Abreu Sodré; e um ministro do Paraguai, além de outras autoridades. (BARBOSA, 2000,p.108).

Na década de 1970 ocorreu um salto da modernização da agricultura, expandiu-se a área plantada, aumentou o uso de máquinas, insumos e implementos. Para que houvesse essa expansão, os bancos tiveram grande contribuição através da disponibilidade do crédito rural. Por exemplo, o Banco do Brasil variou de 51% a 77% entre 1960 e 1978 no total de empréstimos. Desenvolve-se assim em escala nacional, um mercado para os produtos industrializados de origem agropecuária, originando-se as agroindústrias. (CONCEIÇÃO, 2003).

O período compreendido entre 1968-1973, o chamado “milagre econômico” do governo militar, cujas medidas visavam auto-suficiência econômica, esbarraram na crise da alta dos preços do petróleo em 1973, esta de dimensão mundial. Mesmo assim, o presidente Ernesto Geisel (1974 a 1979) manteve seu projeto de desenvolvimento, elevando a dívida externa a patamares altíssimos. Os anos de 1969 a 1973 foram os períodos de grande crescimento da economia brasileira. A disponibilidade externa de capital e a determinação dos governos militares de fazer do Brasil uma “potência emergente” viabilizam pesados investimentos em infra-estrutura (rodovias, ferrovias, telecomunicações, portos, usinas hidrelétricas, usinas nucleares), nas indústrias de base (mineração e siderurgia), de transformação (papel, cimento, alumínio, produtos químicos, fertilizantes), equipamentos (geradores, sistemas de telefonia, máquinas, motores, turbinas), bens duráveis (veículos e eletrodomésticos) e na agroindústria de alimentos (grãos, carnes, laticínios). O setor de bens de consumo mais duráveis foi o que mais se expandiu. As exportações aumentaram e o volume de empréstimos

externos superou o montante utilizado para financiar o crescimento. Houve, então, grande acúmulo de reservas cambiais.

Através desta modernização, e há muito havia passado o apogeu do café, a soja passou a fazer parte do cenário - paisagem do Paraná. Onde havia apenas o verde do café, passou a existir o verde da soja, que conforme Gonçalves, (2000,p.40).

[...] a soja e os grãos tornaram-se um dos principais cultivos do norte - paranaense, ou seja, dessa maneira organiza-se no Sul/Sudeste brasileiro uma ampla base produtiva da moderna agropecuária de grãos que tem como núcleo de produção e principal produtor nacional o norte-paranaense. A partir de uma política governamental intensiva de estruturação da moderna agropecuária produtora de grãos e fibras, esses Estados, com destaque para o Paraná, passaram a ser conhecidos como celeiro nacional.

Embora a soja seja reconhecida como produto principal, isso não significou a estagnação de outras culturas, elas apenas se modernizam de outra forma e intensidade.

Para Fleischfresser (1988), o acelerado processo de modernização da agricultura, por meio da incorporação do capital no processo produtivo, provocou transformações profundas na composição agrícola e na base técnica de produção no Estado do Paraná, ocasionando a mecanização da produção e a utilização de insumos modernos. Essa revolução tecnológica também deve ser vista como desigual e contraditória, pois há disparidades regionais, cultivos que visam o mercado externo, aumentando a concentração de terras e de riqueza [...] “nos anos 70 o Paraná havia sido transformado em nova fronteira agrícola, representando 23,96% da área total e 24,39% da produção de soja”. (SANTOS E SILVEIRA, 2001,p.128)

Entre 1970 e 1976, a presidência da Sociedade Rural foi ocupada por Manoel Campinha Garcia Cid, filho de Celso Garcia Cid. Neste período a Sociedade Rural Norte do Paraná passou a ser denominada Sociedade Rural do Paraná, devido ao grande sucesso que a exposição propiciava em todo território paranaense. No ano de 1970 a então exposição Agropecuária e Industrial promovida pela Sociedade Rural do Norte do Paraná - SRNP, deixou de ser apenas uma

promoção para a pecuária regional⁹ e converteu-se em um acontecimento inserido no calendário dos pecuaristas de todo o Brasil. Sendo um acontecimento local, é uma festa para a população e um motivo a mais para atrair visitantes de todas as regiões. Foi neste ano que foi realizado o I Congresso nacional para exportação de Zebu, recebendo a visita do vice-presidente da Associação de Criadores de Gir do Brasil, José Ferreira Keffer “sem vir aqui ninguém pode fazer idéia do que seja a exposição em tamanho e organização “(BANCOS ,1970,p.20).

Para atrair o público a exposição tinha circo gratuito, parque de diversões, apresentação de pára-quedistas, desfile de modas, shows musicais, rodeio e concurso para Rainha. Em 1970 expressivo foi o número de animais inscritos: 184, contando apenas os bovinos e cavalos doenças. E mais suínos, bovinos, coelhos (cujo mercado estava crescendo) e muares. No ano passado as transações de compra e venda de animais atingiram a cifra de NCr\$1.500.000.

Criadores do Norte do Paraná e Minas Gerais contam com a maior participação, mas de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso também foram significativas.

Pecuaristas da Venezuela e do México, os maiores importadores de nosso gado de raça, compareceram a feira, e seus empresários agrícolas vieram para conhecer as técnicas de criação e os plantéis do gado brasileiro, além de empresários da pecuária nacional:

Com a sétima exposição afirmou Francisco Sciarra o processo de criação e aperfeiçoamento do gado de raça do Paraná continua de maneira a mais promissora. Promissora porque desde o governo Ney Braga, o gado de “pelo duro” vem sendo substituído por animais de raça, com o que o Paraná – que há dez anos importava 70% da carne para consumo – chega a fornecer até para o exterior e para diversos Estados do país. (FOLHA DE LONDRINA, 1970,p.13).

Desde a sua formação a Exposição sempre se preocupou em reivindicar soluções para as crises enfrentadas pelos agricultores e pecuaristas paranaenses. Aquele ano o então presidente da Rural Manoel Garcia Cid, analisou os principais acontecimentos dos últimos seis anos (1964 a 1970) em relação ao café. Naquele período o Paraná havia perdido 467 milhões de cafeeiros. Para Garcia

⁹ Desde o processo de colonização o gado do Brasil era rústico e pouco produtivo, a introdução de raças zebuínas gerou uma transformação intensificando-se a partir de 1920. O rebanho brasileiro tem grande importância econômica e social, movimenta as indústrias, distribuição, agentes e indústrias. Segundo Correa a cadeia produtiva da pecuária bovina gera 7,2 milhões de empregos diretos do bezerro ao bife e do couro ao calçado.

Cid a melhor solução seria: “somente melhores preços internos poderiam despertar o cafeicultor para a grande tarefa de restaurar e implantar novas lavouras.” (NA ABERTURA,1970, p.04)

A pecuária paranaense nessa época já detinha um dos melhores plantéis de raças zebuínas¹⁰, sendo exportada para todo o Brasil, e grande parte dos animais zebuínos paranaenses eram originários da Índia. Em 1970 a Exposição foi considerada a maior mostra da pecuária brasileira, superando outras em número e na qualidade dos animais.

Do fim da década de 1970 e início de 1980 ocorreram grandes transformações no meio rural e uma delas refere-se ao gigantesco êxodo rural. Além de diminuir a população do campo, ele acompanhado de uma série de modificações como mecanização da agricultura e contribui para a substituição da mão-de-obra no contexto de expansão capitalista no meio rural. Além disso, a disponibilidade de terras a preços mais baixos no Centro-Oeste levou ao deslocamento da criação, como se constata na tabela a seguir:

Tabela 3 – Distribuição rebanho bovino de 1950 a 1995 por regiões

Região	1950	1970	1995
Norte	2,3	2,2	11,3
Nordeste	21,6	17,6	14,9
Sudeste	37,7	34,2	23,5
Sul	23,1	24,0	17,1
Centro-Oeste	15,3	22,0	33,2

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário de 1950,1970 e 1995.

Em 1950 a região Sul e Sudeste somavam juntas 60,8 %, da distribuição do rebanho bovino por regiões, ainda em 1970 conservaram o maior contingente, entretanto em 1970 o Centro-Oeste obteve um aumento de quase 7%, reduzindo os números no Nordeste. Analisando o ano de 1995 percebe-se um

¹⁰ Zebu é uma espécie bovina cuja característica principal é saliência muscular, chamada de cupim. A Índia é o berço do zebu e no Brasil existem aproximadamente 10 raças, sendo que os primeiros plantéis de zebu puro foram importados na Índia.

grande aumento para a região Centro-Oeste, e uma queda de mais de 10% na região sudeste.

A década de 70 não ficará marcada apenas pela implantação da CIC, na cidade de Curitiba, durante os mandatos dos governadores Jayme Canet Júnior (1975-1979) e o segundo governo Ney Braga (1979-1982), mas também pelo plano do governo estadual para atração de indústrias.

A estratégia de atração buscava o alargamento das vantagens competitivas do Paraná, mediante articulado esquema de apoio político, incluindo a concessão de uma série de benefícios físicos, fiscais e financeiros. (NA ABERTURA,1970, p.04)

O Paraná conseguiu através dessa política agressiva de captação de indústrias modernizar e implantar seus parques industriais de cimento, metal mecânica, papel e celulose, e em especial o setor agroindustrial (soja, café, laticínios, frigoríficos), diversificando sua indústria, tanto no aspecto produtivo quanto no geográfico, “visto que o agronegócio desenvolveu-se notadamente no interior do Estado”.(LIMA, 2006,p.112)

Com todas essas modificações e o plano do governo, a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina de 1974 (presidente Manoel Garcia Cid), atraiu uma caravana de pecuaristas de Santa Cruz de La Sierra – Bolívia, por intermédio do agente do Banco do Brasil,instituição presente em grande parte das exposições. Para atrair a população local e regional fizeram uma programação diversificada com rodeios e shows com artistas famosos como a dupla caipira¹¹ João Mineiro e Marciano e o cantor Paulinho Gama, dos grandes shows apresentavam artistas de sucesso na época, como o de Jair Rodrigues Wanderlei Cardoso, além dos desfiles de moda, concurso da rainha, e a sempre presente exibição da Esquadrilha da Fumaça. Os ingressos custavam Cr\$2 cruzeiros. Em relação ao julgamento de animais em 1974, oposto aos anos anteriores enfatizaram a produtividade¹², onde cada categoria recebia atenção especial.

Tudo isso indica claramente a intensificação de uma política de organização e julgamento nesta exposição: valorizar a produtividade dos animais, da mesma maneira que a pureza racial [...] já foi longe o tempo em que se julgava uma raça medindo-se apenas o

¹¹ Termo que será analisado em outro sub-capítulo

¹² No início das feiras os pecuaristas levavam a melhor animal do seu rebanho, com intuito de ter apenas bons animais em sua propriedade. Para eles essa era significado de boa produção e rentabilidade. Hoje o pecuarista expõe o seu melhor animal, melhor em genética e produtividade.

comprimento da orelha com uma régua, hoje julgamos a caracterização racial do animal mas também damos a mesma importância ao peso ponderal e a todas as informações e aspectos que indiquem não apenas a pureza racial mas também um rápido crescimento com peso cada vez maior .(OS MELHORES,1974,p.12).

O destaque foi para as duas raças que tinham sido introduzidas no Brasil-Gelbvieh e Fleckvieh, de origem alemã.

O bom desenvolvimento da agricultura e pecuária paranaense gerou em 1974 saldos positivos para exposição de Cr\$ 327.730, um aumento de quase 200% em relação ao ano anterior. A comercialização de animais atingiu o valor de Cr\$ 16 milhões de cruzeiro, foram expostos 4 mil animais e aproximadamente 1 milhão de pessoas visitaram a feira. O Banco do Brasil contribuiu com 70% do total do dinheiro das operações realizadas na feira.

A agricultura paranaense neste período ainda tinha um certo vínculo com o Estado de São Paulo. Havia uma distorção na distribuição das quotas de moagem que favorecia a moageira paulista, a qual o Paraná vendia boa parte do seu trigo, comprando-o novamente em forma de farinha. O Paraná de destacava como segundo maior produtor nacional, “em 1973 atingiu um volume aproximado de 460 mil toneladas, alcançando em 1974, 700 mil toneladas”. (PRESENÇA, 1974,p.08). Com essas divergências o Estado do Paraná ficou imposto a uma situação de produtor – primário – exportador. E o que se desejava era uma autonomia para o Estado:

há mais de 25 anos a industrialização e comercialização de trigo encontrava-se sob rígido controle estatal , a compra , importação e distribuição do trigo estrangeiro e nacional é monopólio do governo Federal, de acordo com a capacidade de moagem de cada um..O Paraná colhia muito trigo , mas só podia moer uma pequena parte, insuficiente para o próprio consumo estadual.(MOINHO DE TRIGO,1974,p.08)

Durante a presidência de Luís Roberto Neme (1976-1978/ 1986-1988), ocorreu uma mudança significativa relacionada aos shows que atraíam um grande público. Antes, eles eram realizados de forma precária em um palco improvisado, o que dificultava a contratação de artistas famosos. As mudanças, atendendo os artistas mais exigentes, levaram ao aumento do público.

[...] naquele tempo era difícil para nós, diretores, administrar a bilheteria e a portaria. A bilheteria então era administrada por instituições assistenciais como a Guarda Mirim, que ficavam com uma parte da renda proveniente da venda dos ingressos. Mas por volta de 1974, a diretoria foi procurada por Délio César e Romeu Cury, que se propuseram a assumir a bilheteria e a promoção de shows, ficando aos diretores a parte relativa a pecuária. (BARBOSA,2000, p.113)

Em 1977, o então secretário Paulo Carneiro Ribeiro iniciou uma consolidação da política de certificação de sementes, tornando o Paraná o 2º estado do Brasil a contar com esse processo, permitindo a produção de sementes de alto teor de pureza e germinação. Segundo artigo da folha de Londrina: Agricultura, a que mais cresce no país, (1978,p.03):

Disse que a ACARPA CAFÉ do Paraná¹³, Ceasa, Copasa, Iapar, SAC, apresentam um saldo positivo em suas atuações o que levou o Paraná a uma posição de destaque no país na área agropecuária apesar da adversidade climáticas enfrentadas em 1975, com a geada que destruiu o café.

A geada de 1975 foi extremamente devastadora num cenário que o café não era a principal lavoura do estado, para tanto cabe neste momento ressaltar como a mesma ocorreu em 17/07/1975.

Após chuva ocorrida no dia anterior, à região cafeeira do Paraná foi tomada por rápido abaixamento de temperatura acompanhado de vento, prenúncio de desastre eminente. Notícias de Curitiba davam conta que muitos telhados estavam cobertos de neve. Horas depois os ponteiros da planta e o lado exposto ao vento já exibiam sinais de queima (geada conhecida pelos agricultores como geada negra). A noite o céu se apresentava limpo, sem nuvens e leve brisa. A zero hora os termômetros registravam temperatura de 0°C , evoluindo rapidamente para até -5°C. A região amanheceu sob intensa formação de geada afetando, café, pastagens, trigo, cana, rami e hortaliças. Os cafeeiros foram atingidos até o tronco comprometendo 100% da safra. Os prejuízos para o café foram estimados em US\$ 4 a 4,5 bilhões. (POZZOBON,2006p.147)

Quase três anos depois na exposição de 1978 (14ª Exposição), os ingressos custavam Cr\$ 10, um aumento significativo. Porém o intuito era de manter o nível das promoções aos visitantes. Como exemplo, o tradicional, concurso do

¹³ Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná , criada em 1959, Em 1977, através da Lei 6.969, era criada a **Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER-Paraná**, com a finalidade de absorver as atividades da ACARPA, que iniciou seu processo de extinção

número de sementes da abóbora, tinha como prêmio um Dodge Polara ofertado pela empresa Transparaná. Aproximadamente 3 mil animais foram expostos. Na programação, atrações importantes como a de Sidney Magal, Chacrinha e suas chacetes.

Devido às adversidades da geada de 1975, e da seca, os saldos foram considerados razoáveis, atingindo em comercialização 11,5 milhões de cruzeiros, quando o esperado foi de 20 milhões de cruzeiros. Os leilões obtiveram grande sucesso, com um faturamento de Cr\$ 4,5 milhões com mais de mil animais foram leiloados. Bastante comum nas feiras são as reclamações do público em relação aos altos preços dos lanches, bebidas, salgados entre outros. Confirmando que este foi um período árduo não só para os agricultores.

“Dentre as notícias de destaque da época tem-se: “Só antecipação de financiamentos poderá salvar os cafeicultores”, “Agricultores terão dívidas prorrogadas por uma safra”, “Levantamento indica quebra de um milhão de toneladas de soja”, “ Só antecipação de financiamentos poderá salvar os cafeicultores”, “ Seca já começa prejudicar o trigo no oeste do Paraná”.

Sendo uma sociedade, todas as obras realizadas, desde o ganho dos terrenos, até a construção e melhoramento de infra-estrutura, eram feitas por doações. As exposições algumas vezes geravam grandes lucros, e em outras o dinheiro ganho era suficiente para pagar as despesas. Através das doações dos associados ocorreu a expansão da Sociedade Rural, que até então realizava somente a Exposição e mantinha o Registro Genealógico de animais. Também foi em sua gestão que foi construído o recinto de leilões Horácio Sabino Coimbra. No início ele era bem rústico e feito de madeira. Neme participou ativamente de muitas realizações, obras, construções de novos recintos, tendo sempre como objetivo melhorar e tornar cada vez mais famosa a exposição agropecuária de Londrina. Para isso obteve ajuda de ministros, governadores para a melhoria do ambiente do Parque Ney Braga. E assim se foi modelando o parque, fazendo com que a exposição se projetasse internacionalmente.

Entre 1978 – 1980, Fernandes Sobrinho assumiu novamente o cargo de presidente da Sociedade, depois da gestão 1954-1956.

Jamil Janene (1980 – 1984/ 1988 - 1990)¹⁴ implantou o sistema KS¹⁵, construiu sala para reuniões e para presidência, transformou a Casa do Peão, (antigamente os peões abrigavam-se na Casa do Criador) construiu a casa do Nelorista (hoje funciona a Associação dos Neloristas do Paraná). Fez também uma nova pista de rodeio, pois eram realizados junto da pista de julgamento, o que acabava gerando uma disputa pelo espaço. Ele construiu o recinto de leilões de nome: Abdelkarim Janene (ver figura 2), recorrendo à ajuda do governador Ney Braga.

Apesar de ter se dedicado sempre à pecuária, Jamil Janene deu grande destaque à cafeicultura nas suas gestões. Lembra que a sociedade Rural foi voltada para o café e agricultura até o advento da era Celso Garcia Cid, especialmente a partir da Exposição de 61, quando este expôs os bois que trouxera da Índia. Desse modo a Rural se tornou um reduto de pecuaristas de elite, ou seja, de gado registrado. (BARBOSA,2000,p.127)

O que Jamil Janene fez durante sua gestão foi enfatizar que o café tinha sido muito importante para toda a região, tanto é que o mesmo filiou a Sociedade ao Conselho Nacional do Café. Ele, que nunca foi cafeicultor, mas seu pai sim. Janene enfatizou que: “depois da geada de 1975, o café naufragou num mar de amarguras, porém gera emprego o ano todo”. Essa sua atitude de defender o cultivo do café, não desmereceu a importância da pecuária de corte que se tornou de grande importância para a Sociedade, e para o desenvolvimento de cooperativas como a Cativa.

Durante a abertura da 22ª Exposição, Ney Braga lembra do seu tempo de Ministro da Agricultura: Ney informou que o presidente Castelo Branco perguntara-lhe porque só defendia o produtor e não o consumidor, e que ele responderá ao Chefe da Nação que sua atitude era o certo, porque se o consumidor come mais por menos e não remunera quem produz, fará desaparecer a agricultura, mas devemos lutar em favor do consumidor, mas não matando o produtor. (MINISTRO DA AGRICULTURA,1982,p.08).

Tentando inovar e obter uma maior participação dos visitantes, os ingressos custavam 50 cruzeiros, com direito a um cartão para o concurso da abóbora, concorrendo prêmios de televisores, geladeiras, bicicletas e rádios. A

¹⁴ Apesar de ter se dedicado a pecuária, em sua gestão deu ênfase a cafeicultura, isto se comprovou quando em uma abertura da exposição, fez um discurso referindo-se ao café, havendo grande repercussão, pois a base da Rural enfatizava mais o ramo pecuário.

¹⁵ Telefone PABX, com ramais

intenção era manter os preços acessíveis, para fazer da feira a maior festa popular da cidade. Além é claro de, palco de popaldas negociações entre pecuaristas, banqueiros e indústrias. Para a maioria desinteressada em negócio, que compra lembrancinhas, brinca no parque ou simplesmente passeia, a programação artística é o mais importante, não se resumindo apenas a Nelson Gonçalves.

Mesmo com altas taxas de juros, teve-se grande busca por créditos, principalmente para financiar animais de corte, preferencialmente Nelore, mas a crise agropecuária foi comprovada nos números: somente 130 mil visitantes, mas como de praxe, os leilões as cifras sempre são superadas, foram arrematados 320 animais, considerado um número razoável, mas arrecadou-se 30 milhões de cruzeiros.

Como a Sociedade não é apenas a exposição, pecuaristas representando os Estados do Mato Grosso, Minas Gerais, e do Paraná se reuniram para encaminhar reivindicações ao Governo, devido aos problemas pelos qual a pecuária de corte vinha passando.

Hoje o preço do boi é o mais baixo dos últimos dois anos, considerando as correções monetárias, porém existe uma perspectiva muito boa, em outubro passado, com o boi atingindo três mil cruzeiros por arroba [...] segundo o dirigente rural , os frigoríficos baixaram o preço do boi e subiram o da carne , mas isto dura pouco , porque há uma demanda muito grande de carne para exportação e os frigoríficos já firmaram contratos de exportação na ordem de um bilhão de dólares.(PECUÁRIA DE CORTE,1982,p.08)

Bruscas quedas nos investimentos levaram os produtores a recorrer apenas ao seu próprio capital, com isso houve uma aumento de consumo interno de insumos e meios de produção, além dessa queda, a política deu ênfase as culturas destinadas ao mercado externo, sendo classificada como modernização conservadora. ¹⁶(MARTINE; GARCIA, 1987). As culturas tradicionais, mais precisamente o café, foram substituídas por culturas temporárias, em especial a soja e o trigo, de elevada cotação comercial no mercado internacional, vinculadas a técnicas modernas, proporcionando uma expansão produtiva e alterando a estrutura agrária do Estado. Durante o início dos anos 1980 consolidou-se o predomínio da

¹⁶ Segundo Silva (199) em seu texto "A modernização conservadora dos anos 70", a grande mudança na agricultura brasileira é a passagem do complexo rural para os complexos agroindustriais que começou nos anos 60, após o processo de industrialização urbana. Com isso, a agricultura perde a sua auto-suficiência em produzir os seus meios de produção e passa a se dedicar a uma atividade específica, produzindo mercadorias, ou seja, compra a força de trabalho e insumos e vende produtos.

soja na agricultura paranaense. Mas no final dessa década, a soja já não possuía o mesmo dinamismo, apesar de ainda ser o principal produto no que se refere ao valor da produção. Já, o trigo teve seu desempenho quase dobrado ao longo desses anos. Quanto à cultura do café, o que ainda restou apresentava índices de produção elevados. (ROLIM, 1995) .

No início da década de 1980, a economia brasileira enfrentava uma crescente instabilidade macroeconômica, com elevadas taxas de inflação. Desse modo, a prioridade do Governo Figueiredo (1979/1985) foi combater a inflação, através de cortes dos gastos públicos. Houve redução de recursos para o financiamento rural. O governo estava pressionado por dois problemas básicos no início de 1979: altas taxas de inflação e crescimento da dívida externa, além do choque do petróleo. “O governo Figueiredo passa a administrar a crise, é o fim do milagre e também o crepúsculo do ciclo militar”(BRUM,1995,p.229).

A Sociedade Rural se estruturou e se fortaleceu em meio às crises, um dos aspectos marcantes da "personalidade" da Sociedade Rural em defesa dos interesses de seus associados, segundo Barbosa (2000,p.135),

Outra coisa que a sociedade Rural tem de importante é a independência política, e esta é a sua grande força. Temos tanto a Liberdade de dizer a um governador ou mesmo ao presidente da República que ele está errado quanto temos a liberdade de aplaudi-lo quando age corretamente. Se estivéssemos vinculados partidariamente, perderíamos força [...] costume, porém, fazer uma separação entre a exposição e a Sociedade Rural propriamente dita. As exposições são eventos da Sociedade Rural. A Sociedade Rural não é a exposição, é muito mais.

Após as benfeitorias realizadas por Janene frente à Sociedade, Brazílio de Araújo Neto tornou-se presidente por duas gestões nos anos de 1984-1986, 1988-1990. Em ambos houve na Rural um momento de discussão sobre uma série de questões importantes, como as conseqüências no Estado ter sido uma região de fronteira agrícola: a erosão, o melhoramento do solo, a melhoria de leis trabalhistas, a organização das propriedades, tudo isso dentro de uma visão mais empresarial e moderna. (BARBOSA,2000).

No início de 1986 o presidente José Sarney lançou o Plano Cruzado I, não muito benéfico para agricultura com o congelamento dos preços. As importações foram liberadas, aconteceu a mudança da moeda e a inflação diminui consideravelmente. O plano Cruzado II descongelou os preços aumentando

novamente a inflação. Em 1987, a inflação acumulada provocou aumento das taxas de juros, tornando impossível saldar as dívidas, principalmente de pequenos produtores, gerando uma explosão dos preços dos imóveis rurais, dos rebanhos bovinos e dos demais estoques de produtos agrícolas. “A safra 1986/87 apresentou um decréscimo de 1,1% na área plantada, em relação à safra 1985/86, enquanto a produção de grãos aumentou 11,7%, com a produtividade crescendo 21,8%” (LUCENA; SOUZA,2000,p.12.) “O Plano Cruzado em si, é um plano emergencial, destinado a corrigir distorções conjunturais da economia brasileira”. (BRUM,1995,p.243)

Em meio a essa crise, e o pouco efeito dos Planos I e II, ainda em 1987 foi lançado o Plano Bresser, que não obteve sucesso e a inflação não. O *Plano Verão* de janeiro de 1989 também adotou o congelamento de preços. Ele foi considerado o pior dos planos de estabilização, pois, nem mesmo no período em que vigorou o congelamento dos preços estes deixaram de subir, elevando a taxa de inflação para 1.782,9% ao ano.

Quando se fala que a Sociedade Rural possui interferência em nível regional, federal e nacional, neste período fica comprovado este fato.

Portanto, a capacidade de convocar e ser convocada são fundamentais para a Sociedade Rural. E ela funciona na medida em que se usem essas duas coisas a nível do Estado e a nível do Brasil. Recordo –me que quando José Sarney era presidente aconteceu um episódio do decreto de desapropriação de Londrina para fins de reforma agrária. Logo que surgiu a notícia houve grande receio, grande perplexidade entre os produtores. A Sociedade Rural “ferveu” como eu era o presidente, tinha por obrigação tomar uma atitude diante do inusitado fato. Então convoquei uma reunião para deliberar o que fazer.

Todos me pressionavam, e já era bem tarde da noite quando Antônio Fernandes Sobrinho me disse: “Liga que ele vai atender. Afinal, você preside a Sociedade Rural do Paraná, e o Paraná é um dos maiores produtores do Brasil” Liguei e o presidente Sarney de fato me atendeu. Expliquei que estava acontecendo um grande equívoco. No dia seguinte ele revogou o decreto. (BARBOSA,2000,p.134)

A 26ª Exposição foi inaugurada com algumas novidades, uma programação paralela, com palestras, debates, com variados temas, este que se mantém até os dias de hoje. Ano de 1986, o então presidente da Sociedade acreditava que o pacote econômico do governo iria refletir nos negócios.

Agora quem quer ter lucro tem que investir em produtos de qualidade, os pecuaristas, por exemplo, tem que procurar o lucro na produtividade dos animais, melhorando o nível de eficiência de seu plantel. (COMERCIALIZAÇÃO ,1986,p.05)

O plano de estabilização econômico, não foi totalmente eficiente para os produtores paranaenses, devido as estiagens sofridas nos últimos dois anos. Assim os produtores não conseguiam pagar suas dívidas e nem os custos.

Só seria possível aos produtores saldar os seus débitos se os preços das próximas safras cobrissem o custo total de produção e se a produção fosse obtida com a eficiência, o que lhe proporciona algum lucro. (RECORDE DE OFERTA,1986, p.07).

Nela também aconteceu o 1º leilões de Máquinas, Equipamentos e Implementos Rurais, com grande sucesso, aproximadamente Cz\$500.00 mil cruzados. Os leilões de gado de corte atingiram as cifras de Cz\$ 4 milhões, já a soma de todos os leilões atingiu Cz\$ 24 milhões, atingindo recorde no Paraná, isto se deve ao fato da qualidade e produtividade.

Épocas de mudanças, depois de vários planos no governo Sarney, em 1990 o então presidente Fernando Collor, lançou seus planos, congelou salários, e havia ainda impactos pela mudança da moeda. Assim, a 30º Exposição Agropecuária enfrentou dificuldades mas não deixou de surpreender em números. O comércio “esfriou” pois as pessoas estavam sem dinheiro, mas não deixaram de comparecer à feira. Ele teve uma inauguração diferente. Dessa vez ela não contou, como sempre com presença de personalidades como: governadores, presidentes, ministros. Participaram apenas o prefeito de Londrina (Antonio Belinati) e o presidente da Sociedade Rural (Bazílio) “Não faltou a banda municipal, mas não houve os tradicionais discursos, tudo restrito conforme permite a falta de liberdade do Plano Collor.”(CRIADORES,1990,p.06)

Em relação aos valores, apenas os leilões se sobressaíram batendo recordes brasileiros. A descapitalização dos produtores fez com que o comércio de máquinas e equipamentos caísse, mas os leilões superaram as previsões:

Graças a qualidade dos animais colocados em remate, os leilões em Londrina bateram dois recordes: Brigitte da Três Galhos , uma Simental de 7 anos foi vendida por Cr\$2.160.000, tornando-se a vaca mais cara do Brasil. E Dilma de 4 irmãos TE, transformou na vaca da raça Marchigiana mais cara do País, ao ser vendida , no final da semana passada por Cr\$ 636.000. Briget é uma fêmea campeã em

coleta de embriões, isso explica seu preço recorde. Mesmo sendo uma feira mista, ela se destaca no melhoramento da pecuária bovina, assim mesmo com as adversidades pela qual a economia brasileira passava, o produtor continuou investindo em qualidade e produtividade. (ESTÁ NOS EMBRIÕES,1990,p.12)

Se para pecuária ainda havia bons reflexos, para a agricultura a situação não estava tão boa. A produção de trigo no Paraná foi reduzida em aproximadamente 30%, o que se refletiu na necessidade de importações.

Sendo este um setor dinâmico e que está sujeito a adversidades climáticas, econômicas, nesta exposição havia uma preocupação no campo sanitário, os rebanhos estavam ameaçados pela mosca do chifre. “O Brasil perderá em 36 meses, 225 mil toneladas de carne bovina [...] com isso o animal não pasta e perde peso. Acarretando perdas de até Cr\$17 bilhões” (EM TRÊS ANOS,1990,p.13).Vários Estados estavam sendo atingidos e o Paraná, procurou meios de se precaver antes .

Em 1990 o Plano Collor reteve os depósitos em conta corrente e de cadernetas de poupança, prejudicando o custeio das safras deste período Em fevereiro de 1991 o Plano Collor II congelou preços e salários, e a economia no geral em todos os âmbitos sofreu impactos.

A Associação Brasileira de agrobusiness (1993) diz que nos últimos 12 anos a produção cresceu 33%, devido aos aparatos tecnológicos, porém a renda caiu 42%. Para produzir mais, o produtor recebeu muito menos pelo seu produto. Mesmo fixando taxa de juros, para beneficiar o agricultor, no balanço geral, as medidas de apoio a agricultura significaram, em última análise, uma retirada da presença do Estado do setor, que se confundiu com renúncia do Estado do seu papel indelegável de supervisionar a atividade econômica, não como interventor intempestivo, mas como indutor da atividade. E nem por isso a opção pseudoliberal se traduziu em preços livres ou menor carga fiscal. (ABAG,1993). O reflexo foi a redução na área de plantio, redução do custo da produção, ou seja, comprando menos insumos básicos para a produção, além de ficar desprovido para compra de novas tecnologias (máquinas agrícolas) evitando até mesmo o endividamento .

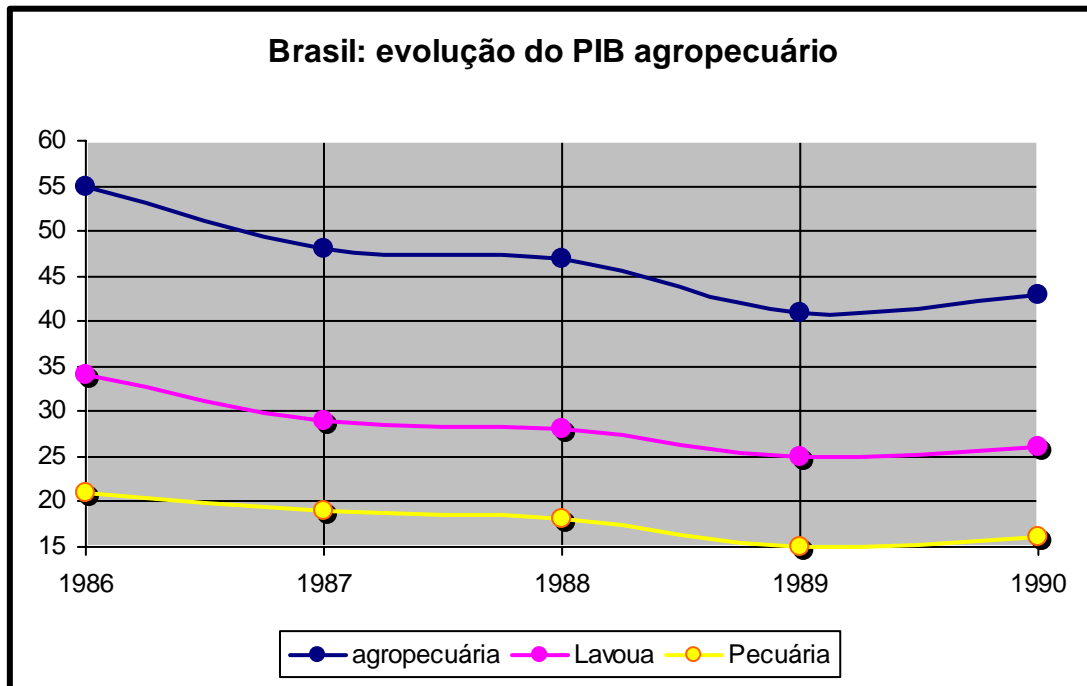


Gráfico 1 – Evolução do PIB Agropecuário Brasil

Fonte: Associação Brasileira do Agronegócio, 1993.

Organizado por Maira Rodrigues Barbosa

Através da análise do gráfico, constata-se que mesmo sendo a agricultura um grande diferencial no PIB, no período compreendido 1986-1990 houve uma queda visível. E para os consumidores maior preço dos alimentos, aumento da importação entre outros. Além das mudanças no que produziu, (tabela 4) nota-se a diminuição da produção do café em aproximadamente 80 mil toneladas, enquanto que a cana-de-açúcar aumentou sua produção em aproximadamente 30 milhões, devido principalmente à decadência de um produto e ascensão de outro, assim como o soja.

Tabela 4 – Produção em toneladas de Café e Cana - de - açúcar no Paraná em 1980,1990,2000 e 2006:

Produção /ton	1980	1990	2000	2006
Café	180.000	156.702	132.435	100.973
Cana-de-açúcar	4.451.480	11.736.412	23.190.410	34.461.627

Fonte: IBGE/ Ipardes, 2007

Milton Santos analisa essa mudança de organizações: No passado a natureza do produto e as condições e velocidades da circulação determinavam certa organização do território, pois existiam ritmos agrícolas que não podiam ser modificados [...], mas hoje as biotecnologias e os novos calendários, a capacidade de armazenagem e as condições e fluidez efetiva para certas firmas [...]

Na década de 90, as lavouras de algodão, trigo e café registraram declínio em decorrência de condições adversas do mercado. O algodão encontrou dificuldades com a concorrência do produto importado, o trigo deixou de receber o apoio das políticas de subsídios e o café foi afetado pela superprodução mundial e redução dos preços. Entre as culturas temporárias, ganhou importância a cana-de-açúcar, com um aumento de área plantada de mais de 100% entre os Censos de 1985 e 1995/96. Devido à incorporação de nova tecnologia, houve alterações intensas no volume e composição da força de trabalho, com redução do trabalho familiar, aumento do assalariamento e elevação na produtividade do trabalho. Com a mecanização, associada à substituição na pauta de produtos, as regiões liberaram grande contingente de mão-de-obra. (FLEISCHFRESSER, 1988) Durante a década de 1990, teve continuidade o processo de redução de pessoal ocupado na agricultura, sendo que este em 1995 representava 69% do existente em 1985.

Luiz Meneghel Neto (1990 – 1992), em sua gestão, devido as crises do governo de Collor, fez com que as exposições anteriores não tivessem o desenvolvimento esperado, Luiz assumiu a presidência da Sociedade que enfrentava problemas financeiros. Em sua gestão seu principal objetivo foi a aparência do parque, e buscou ajuda para revitalizar o espaço entre os associados. O seu maior objetivo foi mostrar o significado econômico da feira em comercialização, criação de empregos, arrecadação de Imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços (ICMS). Desse modo se fez necessária a presença de empresas como a Ford, Maxion e Valmet. A exposição já era considerada a porta de expansão das raças européias para o Brasil, funcionando como um medidor para os criadores, pois se uma raça crescesse em Londrina era garantia de crescimento para todo o país, “milhares de animais e dólares, é a feira de Londrina, que abre o calendário em grande estilo”. (FOLHA DE LONDRINA,1991,p.05)

Nas duas gestões de José Carlos Tibúrcio (1992-1993/ 1995 – 1996) a Sociedade Rural já possuía um caráter mais dinâmico conhecendo a

funcionalidade de outras feiras, Tibúrcio assumiu fazendo uma “limpeza na sociedade” colocou as contas em dia demitiu funcionários, além de idealizar uma ação mais técnica. Ele tentou concretizar questões que melhorassem o desempenho em relação a parte burocrática, e que melhorasse o rendimento da feira. Promoveu reuniões a fim de explicar como o produtor rural poderia se inserir no Mercosul. Apresentou ao Governo Federal propostas efetivas para garantir o abastecimento de carne na entressafra e evitar importações, abertura de linhas de crédito especial com juros subsidiados, criação de um plano de emergência para retirar o ICMS, e segundo Barbosa (2000,p.142) “Consegui com o apoio das demais Sociedades Rurais a edição de uma lei que proibia a realização de leilões num raio de 30 km onde houvesse exposições, pois entendia que isto prejudicava os nossos eventos”.

Neste período ocorreram novamente fortes geadas que acarretaram na queima de 50% dos cafezais. Os pequenos agricultores não conseguiam saldar seus débitos bancários e ele negociou uma prorrogação das dívidas. Além das geadas, a febre aftosa atingiu o rebanho do Norte do Paraná,

Ele fez baixar uma portaria regulamentando o uso de rifle para combater a febre aftosa, ele explica que: foram abatidos mais de 2 mil cabeças de gado e mais de 5 mil de porcos. Depois desse abate, que provocou muita polêmica, sobretudo da parte dos políticos, os criadores foram indenizados.(BARBOSA,2000,p.144)

Todos os presidentes sempre lutaram para melhorar a qualidade do Parque e Tibúrcio não fugiu a regra. Fez grandes melhorias, construiu Pavilhões, adquiriu equipamentos, e reformulou a estrutura interna como forma de melhor administrar: à direita, a área de alimentação, indústria e comércio, no centro a pecuária e à esquerda, o lazer. Divisão que permanece até os dias atuais. Esta análise é mais do que administrativa, mas pertinente, pois no parque durante a festa da exposição agropecuária se vê que estas divisões se tornaram sociais. A *grosso modo* a ala “rica” e ala “pobre”, como comentaremos mais à frente no trabalho.

Durante sua gestão a conjuntura econômica brasileira não era das melhores. Os baixos salários e uma contínua queda do preço da carne há aproximadamente 10 anos. “O medo de investir hoje acaba provocando esta queda de preço e é uma atitude errada por parte dos selecionadores e criadores que devem apostar no futuro da atividade.” (FOLHA DE LONDRINA,1992, p.06). Devido à crise geral da agropecuária, aquele ano foi fraca a presença de empresas do setor

de máquinas e implementos agrícolas, e uma perceptível queda no faturamento de leilões.

Em 1993 aconteceu na feira o 13º Seminário internacional do Mercosul, fato de extrema importância para participantes, agricultores e pecuaristas da região.

A partir do lançamento do Plano Real (1994), no governo de Fernando Henrique Cardoso, surgiu um novo marco institucional, provocando elevação da taxa de investimento, por meio da “redescoberta” por parte de empreendedores internos e externos, um desses investimentos foi a mudança da zona de empreendimentos, deixando a zona saturada de São Paulo e Rio de Janeiro, mudando estrategicamente os eixos. A região Centro-Sul, entre elas o Paraná, tornou-se alvo de novas inversões produtivas. Isto também foi propício devido aos pólos automobilísticos, a modernização do agronegócio, expansão da fronteira internacional, incluindo o Mercosul, infra-estrutura tanto em transportes, energia e telecomunicações. Este plano teve o objetivo de conter o processo inflacionário, marcada pela criação do fundo social, para tentar equilibrar as contas da União, criação da URV (unidade real de valor), este que corrigiu todos os preços e valores, além da criação da nova moeda, resultando na queda da inflação, aumento do consumo, crescimento das importações, devido a paridade com o dólar.

Pode-se considerar como movimento cíclico-anos bons atrelados a anos ruins, ano da mudança e da boa safra, que acabou se refletindo nos bons negócios, a exposição de 94. Boas expectativas de vendas, principalmente para as máquinas, com melhoramento da infra-estrutura do parque, quando o espaço para estes equipamentos aumentou em 50%, atraindo grandes empresas, além de empresas de automóveis.

“Negócios animam revendedores: embora o principal motivo da participação no evento seja o de expor os produtos, alguns negócios já foram fechados. “(NEGÓCIOS ANIMAM,1994,p.12). A feira é o local onde se iniciam os negócios. Se uma empresa fatura 45 mil na feira, ainda fatura mais 15 mil depois do término da feira.

Mantendo a tradição os leilões eram superados em valores a cada ano, rusticidade, precocidade, qualidade, em meio as raças zebuínas e européias, dos 6.000 animais ofertados, foram vendidos 5.000, com faturamento de US\$ 2 milhões. Tradição na pecuária, tradição em referência genética, foram vendidos

aproximadamente US\$ 35 mil em leilões. Já sendo considerada umas das maiores feiras em volume de negócios, atraiu comitivas do exterior, este que vinham a feira com o objetivo de realizar parcerias, para isso foi inaugurado o Pavilhão Internacional, e para melhor receber os visitantes e as grandes estrelas musicais, foi inaugurado o recinto de shows e leilões João Milanez, jornalista renomado de Londrina.

Em 1995 a exposição recebeu a presença de caravanas de 13 países entre as quais do, Canadá, África do Sul, Alemanha, China, França, Paraguai, Uruguai. A participação é uma resposta aos contatos mantidos no exterior por diretores e demonstram a importância que a feira estava conquistando no exterior. Ela reuniu em uma mostra diversidade de raças de gado zebuino e europeu, enquanto a feira de Uberaba e Esteio renomado nacionalmente, apresentam respectivamente zebuínos e europeus, além de oferecer oportunidade de negócios, lazer, diversão, conhecimento tecnológico, empregos entre outros. A importância de uma feira é medida pelo poder que ela tem de fazer transformações, de criar, oferecer tecnologias, “ela oferece ótimos efeitos colaterais, pois acaba gerenciando o próprio aumento do movimento geral de gente e negócios”. (35°EXPO,1995,p.08)

Durante a gestão de Francisco Galli (1998-2000) foi realizada uma pesquisa para verificar qual era o perfil dos sócios da Sociedade Rural, e concluiu-se que 66% dos associados eram residentes na cidade de Londrina, o restante de outras 47 cidades paranaenses e algumas do Estado de SP, RJ, e MS. Em relação ao grau de instrução verificou-se que era consideravelmente elevado pois 15% tinham pós-graduação completa, 43.5 % possuíam o 3º grau completo e 11.5% o 2º grau completo. A partir destes dados, pode-se verificar que o agricultor e pecuaristas são instruídos, podendo aqui desmistificar que pessoas ligadas ao campo não são escolarizadas.

Assim, se o estado e as diversas instituições que cercam a sua intervenção no sistema econômico foram, e ainda são decisivas para a conformação de um ambiente propício ao desenvolvimento econômico, no sistema capitalista, as estratégias e a organização do setor privado constituem um determinante fundamental do investimento, e, por conseguinte, dos níveis de emprego, produtividade, produção e renda.(MAZZALI,2000,p.168) .

O ano de 1998, não obteve grandes resultados sendo que o público foi menor devido às fortes chuvas ocorridas na região, o que afetou a venda dos comerciantes das barracas de alimentação. Era esperado um milhão de pessoas, mas receberam 769 mil visitantes. Dos 8.134 animais apresentados, foram comercializados mais de 5.000 mil animais, o que em valor representou aumento de 50% em relação ao ano anterior. Porém o faturamento total de comercializações, não evoluiu, mantendo as mesmas taxas do ano anterior, aproximadamente, 25 milhões.

Ao analisar esses períodos, concluiu-se que os leilões na maioria das vezes sempre atingiram a expectativa ou alcançaram recordes nacionais. Mesmo que o clima econômico não fosse muito favorável os leilões sempre se mantiveram, ao contrário dos outros ramos que foram atingidos diretamente.

De acordo com o pecuarista Renato Mesquita, criador de gado Nelore puro e gado comum, a Exposição valoriza os animais que são colocados a venda. Como todo criador, procura trazer o que tem de melhor para vender, fazer seu marketing. Os preços acabam também sendo os melhores. Mesmo assim ele reclama da situação da pecuária hoje, especialmente do preço da arroba do boi, que não acompanha custos fixos da produção. De acordo com o pecuarista houve inversão de valor no setor após a implantação do Real. O plano econômico trouxe um aumento de consumo; a arroba subiu até a US\$ 35 pela demanda expressiva de carne. Com isso os pecuaristas começaram a abater animais primeiro com 18 depois 17 finalmente até com 15 ou 14 arrobas. Valia a pena. Mas toda esta matança ocasionou a redução do plantel nacional (BARBERATO,1998,p.11).

Neste ano foi utilizada a transmissão via satélite, pelo canal do Boi, atingindo todo o Brasil, parte do Paraguai e Bolívia. A empresa enviou fitas de vídeos para uma gama de criadores, para facilitar as vendas por telefone.

A partir de 2000 a agricultura alcançou bons resultados, posteriormente começou a passar por uma situação dramática decorrente da crise da safra 2004/2005 em diante. A determinação da dimensão da crise deve ter a clareza de que nem toda a agropecuária está assolada a ela. Mas, certeza, as lavouras de soja, milho e algodão a realidade configurou-se como dramática. Na produção de alimentos, essa situação afetou mais duramente o arroz. Nas criações, foi afetado por razões sanitárias o agronegócio da carne bovina e da carne de frango. O primeiro como reflexo da detecção e não solução do problema do foco de

febre aftosa nos rebanhos sul-matogrossense e paranaense. O segundo, pelos impactos derivados da ocorrência de gripe aviária com efeitos sobre o consumo.

Entretanto, vários produtos ligados ao agronegócio foram muito bem e se aproveitaram da crise para alargar sua representatividade interna, expandindo áreas cultivadas na substituição de outros que tiveram afetadas as respectivas rentabilidades. Trata-se do caso do agronegócio canavieiro, cujo preço do açúcar dobrou nos últimos doze meses e o preço do álcool que se tornou remunerador ao produtor.

A 42ª Exposição de Londrina, foi um ano de comemoração. Grandes negócios foram realizados devido ao bom momento vivenciado pela agricultura onde boa colheita significa boa comercialização. Entretanto não foi desta vez que a Sociedade conseguiu atingir um milhão de visitantes, objetivo perseguido há anos. Com 845 mil visitantes, 14 mil animais e aproximadamente 12 mil comercializados, a movimentação global atingiu 120 milhões, um aumento de 20 % em relação ao ano anterior. Sucesso, assim define a Exposição em comercialização, eventos e palestras, qualidade de animais expostos. É reconhecida a importância da pecuária nacional na produtividade e eficiência e por isso ela é chamada de vitrine brasileira do cruzamento industrial. A Feira bateu vários recordes entre eles, preço médio por animais, e o número de financiamentos realizados pelo Banco do Brasil aumentaram em 50 % comparados com ano anterior. Comércio e indústria alcançaram bons desempenhos, tanto em automóveis e máquinas agrícolas.

“Pela tradição de ofertar animais de boa genética e precoces, somados a diversidade, o evento atrai o interesse de pecuaristas de todo o Brasil.” (FOLHA RURAL,2002,p.20). Para que estes animais possam ser arrematados, eles passam por alguns rituais comparados ao “dia de noiva”.

Munidos de secadores, tosquiadeiras, esmaltes para cascos, laquês e escovas, os preparadores de animais trabalham durante cerca de uma hora pra deixar touros, vacas e novilhas impecáveis. “Disfarçamos os defeitos dos animais, melhoramos seu visual e suas qualidades”.(BEZERRA,2001,p.05)

O preço cobrado é tão ou mais alto aos praticados pelos melhores salões de cabeleireiros de cidade com valores de R\$ 35,00 para novilhas e R\$ 70,00 para vacas. A Foto 7 abaixo demonstra a qualidade desses animais uma vaca da

raça Marchigiana. Na Foto 8, é uma campeã de 1959. Visualmente podemos comparar a evolução da genética e qualidade bovina.



Foto 7 – Grande Campeã - Marchiana

Fonte: www.srp.com.br



Foto 8 – Grande campeã da raça Holandesa, de propriedade do Sr. Hugo Cabral, na Exposição de 1959.

Autor: Desconhecido

Fonte: Documento Histórico Jubileu de Prata,(1934-1959)

A crise agrícola que se iniciou em 2004, fez com que o produtor perdesse renda, ficasse em meio de dívidas, e a saída era o corte de custos o primeiro deles, relativo à mão-de-obra. Além do câmbio desfavorável que afetou as

exportações, febre aftosa, estiagens, gripe aviária, juntos, resultaram em um clima desanimador para agricultores, pecuaristas, e trabalhadores do ramo. Sem capital para realizar investimentos pesados como maquinários, resultam na redução do volume de vendas de mercado de máquinas agrícolas automotrizes. A produção global despencou em torno de 23%, entre 2004 e 2005, e no primeiro bimestre de 2006 declinou outros 21%. Declínio sentido pelos poucos expositores de máquinas agrícolas da Exposição. No início de 2006, o agricultor estava tentando achar meios de se estabilizar economicamente, pois as dívidas tinham que ser pagas e não era o momento de comprar equipamentos, mas sim de quitar a dívida dos equipamentos comprados em épocas de boas safras, como a de 2003/2004.

As crises do campo são cíclicas, e o comportamento dos produtores durante as fases de alta é determinante para se compreender as dificuldades que enfrentam nas fases de baixa. Na última fase áurea, quando a agricultura protagonizava constantes recordes e guinava o *superávit* da balança comercial, os produtores não se preocuparam em pagar suas dívidas e em se proteger de futuras mudanças na conjuntura então amplamente favorável, com elevação nos preços do mercado internacional de *commodities* e câmbio desvalorizado. Ao contrário, endividaram-se ainda mais comprando máquinas e equipamentos para aumentar a produção, além de insumos e fertilizantes. (MOURA, 2006, p.23)

O negócio de defensivos agrícolas repercute com intensidade os impactos da crise atual do agronegócio brasileiro, notadamente nos segmentos de grão e fibras. Segundo fontes do setor, entre janeiro e abril de 2006, registrou-se queda de 13% no volume comercializado, diminuindo as receitas do setor em 22%. Em 2005, as vendas totais de defensivos agrícolas no Brasil já registraram quedas em relação a 2004, pois totalizaram US\$4,244 bilhões contra US\$4,495 bilhões no ano anterior, representando decréscimo de 5,6% no faturamento do setor, de acordo com dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (SINDAG).

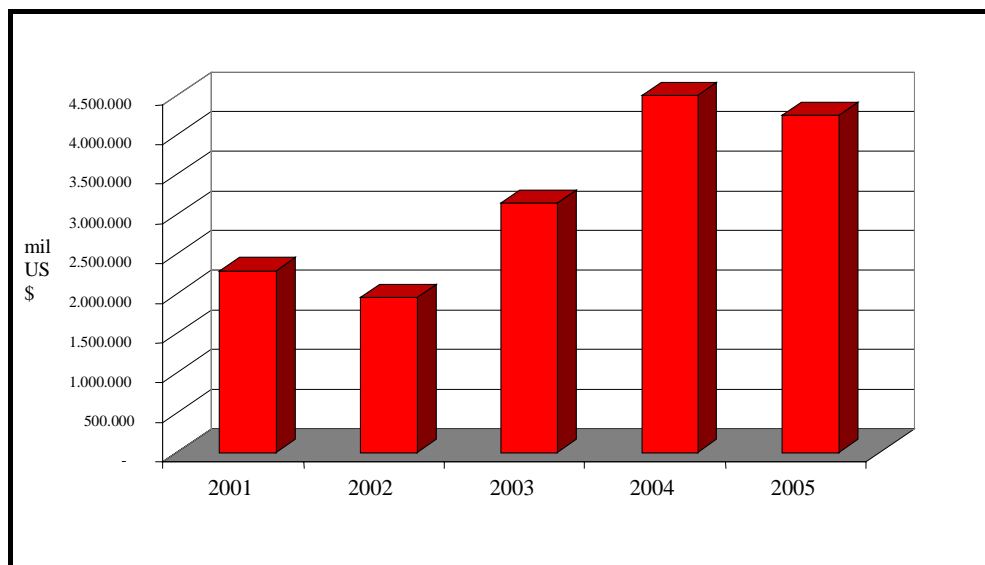


Gráfico 2 – Valor das vendas de defensivos agrícolas, Brasil, 2000-2005

Fonte: Elaborada a partir de dados do SINDAG, organizado por Maira Rodrigues Barbosa.

Em relação ao Valor Bruto de Produção (VBP), os resultados também não foram os estimados, este que passa por três anos de quedas sucessivas. Em 2004 o valor do VBP foi de R\$ 185,911 bilhões, 2005 R\$ 164,1 bilhões e 2006 R\$ 164,1 bilhões, isto se deveu a queda da produção, preço médio dos produtos (grãos), e mais a oferta internacional de commodities, aliada ao baixo câmbio. Com o dólar desvalorizado, a produção brasileira teve sua lucratividade reduzida no mercado internacional, pois os produtos nacionais ficaram mais caros, quando cotados em moeda estrangeira. A análise comprova que foram os produtores rurais os que mais perderam no ano 2005/2006. Sem renda, deixaram de comprar insumos, em investir na produção, e com isso geraram um ciclo de perda para todo o agronegócio. Porém foi a agricultura que registrou maiores quedas, quando o PIB de 2004 foi de R\$ 100,78 bilhões, e em 2005 caiu para R\$ 85,20 bilhões, uma perda de R\$ 15,58 bilhões.

Em suma, essa crise estava atrelada somente aos fatores climáticos, sanitários, porém também devido ao não investimento por parte do governo, provocando prejuízos a montante e jusante dos encadeamentos produtivos.

No Paraná estado responsável por um quarto da produção nacional de grãos, a estiagem provocou diminuição de 17,4 na safra, atingindo 18,05 milhões de toneladas, sendo que a previsão era de 21,85 milhões.(LOURENÇO, 2006)

Analisando os resultados do agronegócio dos últimos anos,

constata-se que entre 2002 e 2004 o agronegócio brasileiro estava em sua melhor fase. Por exemplo, em 2004 a saca da soja alcançou aproximadamente R\$ 52,00 reais, com a cotação do dólar em US\$ 3,12, já em 2005 a soja estava cotada em R\$ 22,00 reais a saca, com o dólar a US\$ 2,60. A desvalorização do dólar frente ao real fez reduzir ainda mais os preços, colaborando para que a remuneração ficasse abaixo do custo de produção em diversas regiões.

Os números da safra brasileira 2005/06 apontam uma redução de 5,0% na área plantada, que atinge 22.145,0 mil hectares contra os 23.301,1 mil hectares cultivados na safra 2004/05. Os baixos preços recebidos pelos produtores na comercialização da safra 2004/05, a persistência da baixa taxa de câmbio, o alto custo de produção frente a expectativa de preços futuros gerando falta de perspectiva de rentabilidade, aliado a possibilidade de melhor rentabilidade na cultura do milho, são os fatores apontados para o desempenho negativo da área, tanto no Paraná quanto no Brasil. A expectativa de produção de 58.175,0 mil toneladas é 13,1% maior do que as 51.451,5 mil toneladas produzidas na safra anterior, também frustrada pelas condições adversas de clima ocorridas na região sul do país. A produtividade estimada em 2.627 kg/ha é 19% maior do que os 2.208 kg/ha alcançados na safra 2004/05. (BRASIL, 2006, p.03)

Outra dificuldade que o agricultor tem que enfrentar estava relacionado à taxa de câmbio que variou durante as etapas do processo produtivo. Ou seja, na época do plantio ela possuiu um valor e na hora da comercialização outro.

Enquanto os produtores compraram insumos com base no Dólar mais caro, a produção foi comercializada com a moeda americana desvalorizada. Isso desnivelou os termos de troca que ficaram desfavoráveis à agricultura. (CNA, 2006, p.04).

A CNA avaliou que a atual crise trouxe reflexos negativos sobre a atividade econômica, na geração de empregos, nos baixos preços dos alimentos, nas exportações do agronegócio e na arrecadação tributária. A crise afetou em especial a produção de soja, arroz, trigo, milho, algodão, feijão, vinho e bovinocultura de corte. Além do clima, a queda da rentabilidade agrícola e o aumento dos custos de produção, principalmente em função da alta dos preços do petróleo, insumo básico para a produção de fertilizantes e do aço, utilizado na

produção de máquinas e equipamentos agrícolas, vêm afetando a agricultura.

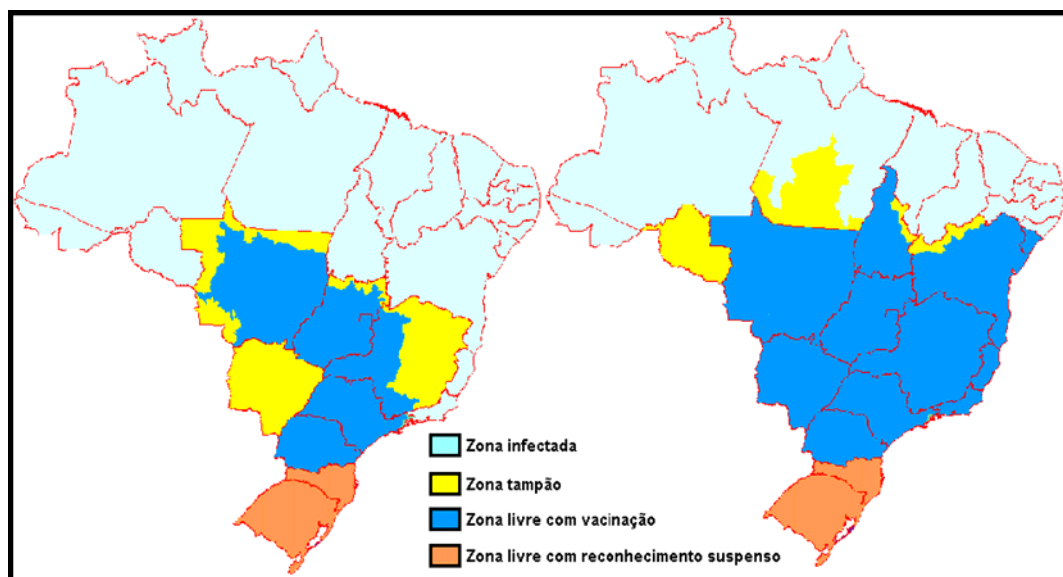
Apesar disso, a Feira de 2005 bateu vários recordes entre eles, preço médio por animais, e o número de financiamentos realizados pelo Banco do Brasil aumentaram em 50 % comparados com ano anterior. Comércio e indústria alcançaram bons desempenhos, tanto em automóveis e máquinas agrícolas. Mas também sofreu os reflexos do ano de 2006, época de crise econômica, agrícola, problemas sanitários como febre aftosa e gripe aviária, quebra da safra, baixa dos preços. Na sua edição 46^o (2006) houve quedas das vendas e no movimento, porém muito otimismo para a melhora na economia agrícola. Pelo menos era isso o que esperava o agricultor: “custeio da próxima lavoura ainda é principal preocupação dos produtores, que espera a renegociação das dívidas da última safra”. (FOLHA DE LONDRINA, 2006, p.04).

Na tentativa de alcançar soluções para amenizar essas adversidades foi lançada a Associação de Produtores de Bovinos de Corte (APBC). Apesar de não ser ainda uma associação legal, ela se propõe a lutar por melhores condições para os pecuaristas, tanto para comércio nacional como internacional.

Em plena crise da febre aftosa¹ foram inscritos 9.000 animais, mas vendidos 2.500 animais, comparados com os 5.000 vendidos em 2005. Nesta exposição a prioridade foi a qualidade dos animais e não quantidade, o que se refere à boa genética. O público atingiu 800 mil visitantes, e a movimentação global foi de R\$138 milhões, quando comparados com os R\$160 milhões de 2005 levou a, uma diferença de R\$ 22 milhões. A seguir está um cartograma com as zonas de febre aftosa no Brasil, 2000 e 2001 respectivamente.

¹ Febre aftosa é uma doença viral altamente contagiosa que afeta gado bovino, suínos, caprinos, suínos entre outros, e raramente os seres humano são infectados.

Cartograma 1 – Ocorrência de Febre Aftosa no Brasil – 2000 e 2001 respectivamente



Fonte: Programa de erradicação da febre aftosa, MAPA, 2001

Não é o objetivo do trabalho analisar este assunto, porém ela é uma doença com rápido potencial de difusão que, acarreta sérias conseqüências sócio-econômicos. Devido à descoberta de focos de febre aftosa no Mato Grosso do Sul (outubro/2005) e Paraná (dezembro/2005), o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) fez inspeções em fazendas localizadas em um raio de 25 km do foco. Foram feitas interdições das propriedades infectadas e dos municípios situados dentro deste perímetro através da implantação de postos de fiscalização, visando disciplinar o procedimento para circulação de produtos e subprodutos de origem animal no território brasileiro e obstruir qualquer trânsito de animais susceptíveis até o sacrifício sanitário dos animais (BRASIL, 2005)². Foi uma época de grande transtorno para pecuaristas e para a Sociedade Rural, pois muitos expositores optaram por não trazer seus animais para um Estado onde havia a suspeita da febre aftosa.

Com esses focos alguns países restringiram as importações apenas do Estado do Mato Grosso do Sul, como a Rússia, o Chile e a Inglaterra. No entanto, a União Européia, Israel e África do Sul embargaram a carne importada tanto do Mato Grosso do Sul como dos seus Estados vizinhos: São Paulo e Paraná. Com isso, a restrição atinge cerca de 80% do volume exportado de carne bovina

² Porém havia informações que a origem estaria no contrabando de gados do Paraguai, principalmente pelo Estado do Mato Grosso que possui aproximadamente 800 km de fronteira.

in natura e 20% da carne de suíno. Permanecendo esta situação e considerando-se que não haja desvio de exportações para os Estados não embargados, a queda esperada nas exportações seria de US\$ 196 milhões em 2005 (BARROS,2005)

4 FEIRAS E EXPOSIÇÕES AGROPECUÁRIAS: UM NOVO RAMO LUCRATIVO PARA O AGRONEGÓCIO

O agronegócio tem se tornado uma das atividades de grande expressividade na economia nacional. Ele é responsável por 33% do Produto Interno Bruto (PIB), 42% das exportações totais e 37% dos empregos brasileiros. Estimativas consideram que o PIB da agricultura, chegou a US\$ 180,2 bilhões em 2004, contra US\$ 165,5 em 2005. Entre 1998 e 2003, a taxa de crescimento do PIB agropecuário foi de 4,67% ao ano, porém reduziu de 563,89 bilhões, em 2004, para R\$ 537,63 bilhões, em 2005. (CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL, 2005)

Segundo a CNA, no de ano 2005 as vendas externas de produtos agropecuários renderam ao Brasil US\$ 36 bilhões, apresentando superávit de US\$ 25,8 bilhões. Portanto, para que essa atividade cresça, são realizadas exposições e feiras agropecuárias em todo o Brasil a fim de estimular o desenvolvimento do setor em todos os segmentos. Há um maior incentivo ao melhoramento genético de animais e adoção de novas tecnologias, para motivar uma maior integração funcional do setor agropecuário. Não podemos esquecer que esse tipo de evento movimenta o comércio e gera empregos temporários. Ele mobiliza também o setor de serviços, além de servir como forma de divulgação de novas pesquisas e projetos de instituições públicas e/ou privadas, e atrai um grande número de pessoas. Elas majoritariamente não visam "fazer negócio", e buscam o lazer e o entretenimento num ambiente que se opõe ao meio urbano.

Os eventos agropecuários são cada vez maiores e mais sofisticados, e se transformam em megafeiras de negócios que se multiplicam no Brasil e se tornam um dos maiores e prósperos ramos do *agrobusiness* onde David e Goldenberg apud Graziano (1998, p.50),

Definem o *agrobusiness* como a soma de todas as operações envolvidas no processamento e na distribuição dos insumos agropecuários, as operações de produção na fazenda e o armazenamento, o processamento e a distribuição dos produtos agrícolas e seus derivados.

Esse tipo de evento está crescendo e se desenvolvendo no mesmo ritmo em que o Brasil aumenta sua produção agropecuária. As feiras agropecuárias se tornaram a vitrine do ramo agropecuário, e algumas possuem um caráter de venda e implantação de novas tecnologias e produtos. Outras têm como objetivo central a exposição e a venda de animais. A exposição de Londrina se concretizou como uma das mais completas em demonstração e comercialização de animais devido aos criadores de todo o Brasil e exterior, que selecionam o que há de mais avançado na genética, produtividade, precocidade, rusticidade.

As exposições tornaram-se eventos de fruição e consumos urbanos sem que perdessem seu caráter fundador: serem eventos com práticas e características rurais. [...] É no tempo / espaço da exposição que seus produtores podem retirar amplamente parte do discurso histórico da visão de mundo e habitus dominante da ruralidade brasileira, agora sob uma nova condição: a da pecuária e da agricultura tecnificadas, uma nova roupagem dos velhos modelos, os estilo *country* no qual a imagem do fazendeiro tradicional e anacrônico ao desenvolvimento da modernização e industrialização do campo foi rapidamente subtraída pela representação do empresário do agrobusiness [...]. (SILVA, 2003, p.05).

Esses eventos tornaram-se um comércio lucrativo, daí necessidade de uma boa divulgação na mídia para atingir todo o tipo de público. Em Londrina, meses antes do início da Exposição, inicia-se a divulgação do evento por toda a cidade. O comércio local entra no clima *country*, realizando promoções com este tema, além das propagandas em ônibus, universidades, televisão, rádio e outros. Considerando que o *marketing* é "alma do negócio", as grandes feiras têm importância para economia brasileira, pessoas e, não deixando de ter um caráter de lucro e tecnologia. Segundo Silva (2003, p.10),

[...] em seus primórdios as exposições agropecuárias eram quase exclusivamente feiras de negócios e exposições entre proprietários visando a maximização de lucros e a obtenção de uma tecnologia mais avançada com vistas a uma maior produtividade. Na atualidade as feiras ou exposições agropecuárias são veiculadas pelos meios de comunicação de massa, a televisão, o rádio, além de panfletos e outdoors que ocupam espaços urbanos locais e das cidades vizinhas fazendo com que estes eventos façam parte do calendário festivo das populações. [...]

Justamente por esses diversos fatores a exposição de Londrina se tornou muito importante para a cidade, atingindo setores não diretamente relacionados ao agronegócio assim:

Estas exposições são importantíssimas para a economia de Londrina. Em apenas quinze dias a exposição da Sociedade Rural materializa nada menos que 30 milhões de reais. Além do mais, gera uma cadeia econômica vastíssima. Não há praticamente nenhum setor da atividade econômica da cidade que direta ou indiretamente não se beneficie do evento. Nesse sentido, vou dar um exemplo bem simples, mas muito significativo: Durante as exposições, todas as madrugadas, dezenas de lavadeiras postam-se na porta do Parque Ney Braga para apanhar a roupa suja dos peões e ganhar com isso. Ao mesmo tempo, para lavar as roupas elas compram sabão nos supermercados, usa mais água da Sanepar, mais energia elétrica da Copel. Isto significa que vão gerar outros ganhos com sua humilde atividade enquanto elevam sua renda. Poderia usar exemplos de atividades mais portentosas em termos financeiros que envolvem além dos negócios da pecuária, que são o forte das exposições e geram milhões, a compra e venda de máquinas agrícolas, aviões, carros importados, etc. Mas preferi dar o exemplo mais simples das lavadeiras, que passa despercebido do grande público. Quando se analisa todo o espectro econômico da exposição é que se percebe o quanto ela é importante. O PIB da exposição é maior do que a arrecadação anual de 350 a 399 municípios paranaenses. (BARBOSA, 2000, p. 119 - 120).

Com o desenvolvimento do setor agropecuário, as feiras e exposições se modelam e se adaptam com as mudanças constantes do setor. Há grandes investimentos na área da genética, diversidade de leilões que atraem grandes produtores e compradores, presença de bancos oferecendo diversas linhas de crédito, estandes com exposição de máquinas agrícolas, automóveis, empresas de melhoramento animal, vegetal, insumos e outros. Além de oferecer ao público visitante entretenimentos como shows, parques, restaurantes, da qual uma parte é de familiares de grandes ou pequenos produtores, ou apenas pessoas que buscam um lazer diferenciado. Nos dias da feira eles trocam o resto da cidade pelo movimento da feira, contudo com toda infra-estrutura e modernidade que a cidade propicia.

Um bom exemplo é o Banco do Brasil, um dos que mais investe no agronegócio brasileiro. Nas feiras e exposições disponibiliza produtos e serviços bancários, principalmente linhas de crédito com taxas e prazos atividade

agropecuária, para que os produtores rurais e as empresas possam fazer bons negócios. O Banco do Brasil está presente nos principais eventos. (Tabela 5)

Tabela 5 – Principais feiras e exposições com participação do Banco do Brasil

FEIRAS	DATAS PROVÁVEIS	MUNICÍPIO/ESTADO
Show RuralCoopavel	31/01 a 04/02	Cascavel (PR)
Expodireto Cotrijal	07/03 a 11/03	Não-Me-Toque (RS)
Expogrande	30/03 a 10/04	Campo Grande (MS)
Agrishow Comigo	05/04 a 09/04	Rio Verde (GO)
Expolondrina	07/04 a 17/04	Londrina (PR)
Agrishow Cerrado	19/04 a 23/04	Rondonópolis (MT)
Expozebu	29/04 a 10/05	Uberaba (MG)
Bio Fair Brazil Pronatura	07/05 a 10/05	São Paulo (SP)
Agrishow Ribeirão Preto	16/05 a 21/05	Ribeirão Preto (SP)
Agrishow Nordeste	14/06 a 18/06	Luis Eduardo Magalhães (BA)
Expointer	27/08 a 04/09	Esteio (RS)
Fenagri	Novembro	Petrolina (PE)
Bio Fach América Latina	16/11 a 18/11	Rio de Janeiro (RJ)
Fenagro	Novembro/Dezembro	Salvador (BA)

Fonte : Mesquita (2004) e Torrico (2005). Org.: Maira Rodrigues Barbosa.

Estas exposições possuem caráter e perfil diferenciados. Todas visam o desenvolvimento do agronegócio mas se adaptam conforme o tipo de freqüentadores e aspectos da região. Algumas possuem como ponto principal a divulgação da indústria de máquinas e implementos agrícolas, como é o caso da Expodireto no Rio Grande do Sul, Show Rural da Coopavel em Cascavel no Paraná, Agrishow em Ribeirão Preto (SP) e Cerrado em Rondonópolis no Mato Grosso. Entretanto, não deixam de lado o ramo de comercialização mas têm como enfoque principal a exposição de animais, como é o caso da Expointer (RS), Fenagro (BA), e a Exposição Municipal, Industrial e Comercial de Avaré (SP) e a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (PR).

A Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação - Agrishow realiza feiras em Ribeirão Preto (SP), Rondonópolis (MT) e Rio Verde (GO), "juntas faturam mais de R\$ 4 bilhões, justamente por isso esta sendo classificada como uma das três maiores feiras agrícolas do mundo e a maior da América Latina" (MENEZES, 2004, p.40) excluindo-se a Agrishow Cerrado realizada na Bahia.

Há feiras que possuíam um caráter de apenas exposição, mas como nos últimos anos a pecuária tem se desenvolvido principalmente no Centro-Oeste, muitas delas se transformaram em grandes feiras de negócios. É caso da Exposição Agropecuária de Campo Grande (Expogrande), no Mato Grosso do Sul, onde os leilões atingem preços altos, há a participação de grandes bancos, mostra de aprimoramento genético. Isso faz dela uma grande feira de negócios. E pode ser comprovado através dos números que, segundo Mesquita (2004, p.38) "[...] em apenas quatro anos, o volume de negócios evoluiu mais de 450%. Pulou de R\$ 32 milhões em 2000 para R\$ 147 milhões em 2004" [...], portanto conclui-se que realmente cada vez mais, as feiras têm se tornado vitrines do agronegócio brasileiro, ganhando credibilidade e confiança dos expositores, compradores, vendedores, ou apenas visitantes.

Indo-se de um extremo a outro no Brasil, as feiras realizadas no Estado do Rio Grande do Sul, são dois grandes exemplos: a Expodireto Cotrijal (Não-me-Toques, e a Expointer (Esteio) sendo esta mais importante. A Expodireto Cotrijal, no início era uma feira da cooperativa Tritícola Mista Alta Jacuí Ltda, mas seu sucesso consolidou uma grande feira e deixou de ser vinculada somente à esta organização. Tendo agora maior apoio do Estado, é uma feira que proporciona muita informação, inovação, demonstração, informações com debates de assuntos variados em suas palestras, como meio ambiente, soja, agricultura de precisão transformando-a numa das maiores feiras agrodinâmicas do Rio Grande do Sul. Constatamos isso pela expansão através dos números, "em 2000 o volume de negócios foi de R\$ 21 milhões e em 2003 foi de R\$ 200 milhões". (EXPODIRETO COTRIJAL,2004).

O outro exemplo, a Expointer, se tornou o maior e mais tradicional evento realizado no Rio Grande do Sul, na cidade de Esteio [...] sendo o evento agrícola mais antigo do RS [...] e com o passar do tempo o mais importante ponto de agronegócio no Estado, com forte venda de máquinas, quão importante é este evento que para os criadores a venda de um animal não é objetivo principal, mas a

premiação de um animal em um evento como este, atesta suas qualidades genéticas para o mercado, valorizando o reprodutor e agregando valor aos seus herdeiros. Ou seja, garante um ano inteiro de bons negócios com a venda de semens do animal premiado [...] (O FEIRÃO BILIONÁRIO NO CAMPO,2004).



Foto 9 – momento de julgamento - 2006

Fonte: www.srp.com.br

A foto 9, exemplo de alguns animais que foram à julgamento em 2006. Na exposição de Londrina o critério de avaliação para os julgamentos dos animais é muito rigoroso, sendo considerada de grande prestígio pelas associações de criadores.

[...] justamente por isso é a líder no ranking da América Latina em número e qualidade de animais, assim aqui o julgamento tem um peso maior, porque a somatória das notas dos animais de um criador é multiplicado pelo número de animais da feira, o que eleva sua nota final. (KASTER, 2005a, p.21).

Exatamente por isso que o ramo de leilões tem crescido, gerando uma profissionalização das leiloeiras, e o aperfeiçoamento da organização dos mesmos, proporcionando um ambiente propício para concretização de bons negócios.No Brasil os leilões se iniciaram primeiramente na região sul, com intuito da venda do gado sem raça pura, entretanto foi no Estado de São Paulo que ocorreu um aprimoramento, visando o mercado de animais de raça, "a evolução natural do

um aprimoramento, visando o mercado de animais de raça, "a evolução natural do processo levou a busca de diferenciação por parte dos criadores de maior renome [...] surgem assim os chamados "leilões de elite". (CLÁUDIO, 2000, p.352). Ou seja assim, é necessário um aperfeiçoamento na produção do evento, caracterizando-o como leilão - show. (ver foto 10 e 12). O mesmo autor diz que os leilões atraem grande número de compradores e vendedores, devido ao fato que em muitos leilões as condições de oferta e demanda são determinadas no ato da compra ou venda, o que o torna mais competitivo.



Foto 10 – Marca VR, umas das melhores do Brasil em genética

Fonte: <http://www.srp.com.br>

Hoje uma das grandes tendências é o desenvolvimento dos mercados eletrônicos (vídeo-leilões), sendo este método um tanto menos custoso, um deles é o deslocamento, neste tipo de evento o animal não é deslocado, tem-se apenas o trabalho de filmá-lo, e realizar o anúncio do leilão, além de entrar em contato com possíveis compradores. Entretanto esta é uma rotina comum dos leilões realizados em feiras, porém cada tipo possui suas vantagens e desvantagens: o custo de um leilão virtual é até 50 % menor do que um convencional.



Foto 11 – Leilões Virtuais

Fonte:www.srp.com.br

Não se pode deixar de frisar que os leilões realizados fora da época das exposições não deixam de ser menos lucrativos. A diferença é que estes necessitam de uma maior divulgação na mídia, além do que seus freqüentadores são mais específicos, ou seja, são pessoas que possuem o objetivo central de vender ou comprar bons animais, sendo que todos os leilões possuem este intuito, entretanto em grandes feiras como é caso de Londrina, muitas vezes nota-se a presença de jovens, sendo eles na grande maioria de estudantes, porém isto não desvaloriza o evento.

Para o criador Niemeyer a diferença entre um leilão de uma feira e um que é realizado fora do circuito é que a participação em um evento expressivo torna o acesso do público e compradores mais fácil. (GUIRRA, 2003, p.13).



Foto 12 – Leilão de elite

Fonte: www.srp.com.br

Hoje³, com o problema da Febre Aftosa, a "saída" para que se possam continuar os grandes e famosos leilões, que já haviam sido programados antes da detecção da doença, a Sociedade Rural, investiu no leilão virtual, sendo este permitido pela Secretária da Agricultura, porém as grandes "estrelas" do leilão não poderão comparecer, apenas suas imagens serão analisadas, isto não faz com que diminua a qualidade do leilão. Até o momento, não houve comprovação de que os animais comprados em leilão no estado estivessem doentes.

Na grande maioria, os leilões realizados em exposições é o chamado leilão inglês, caracteriza-se por lances, nos quais os interessados ofertam valores crescentes, até o lance mais alto, que é o lance do comprador. (CLAUDIO, 2000, p.352).

Porém, acredita-se que mesmo com o sucesso destes leilões, eles não superam as vendas em recinto, pois em leilões realizados em feiras, exposições e fora delas, há um maior contato entre quem vende e quem compra, sendo também a hora de conversar com amigos, discutindo sobre uma infinidade de assuntos. Porém os leilões brasileiros em recinto e virtuais somaram um faturamento de 620

³ O hoje significa o período em que foi realizado o trabalho, porém no ano de 2008 o Paraná recebeu novamente o certificado de área livre de febre aftosa

milhões no ano passado, comparando-se com o ano de 1995 que o valor era de R\$ 43 milhões, tendo um aumento de mais de 100%.(GUERIN, 2005b).

Comprovando a importância dos leilões em uma feira:

[...] em muitas circunstâncias, o leilão passou a ser mais importante que os julgamentos [...] muitas pessoas interessadas na área podem dizer quais foram os animais mais caros leiloados em uma exposição, mas nem sempre sabem quais rezes foram as grandes campeãs. (GUIRRA,2003,p.13).

Estes animais são arrematados por preços muito altos devido a sua qualidade avaliada segundo padrões como o arqueamento da costela, couro firme, cupim ereto, descendentes, entre outros. Em relação aos preços, pessoas leigas se perdem nas cifras. Um exemplo segundo Bezerra (2001), Essência TE⁴ da Guadalupe [...] “foi arrematada em maio na Expozebu 2001 por 840 mil reais,” o mais alto preço pago a um único bovino em todo mundo, segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - ACBZ, [...] ela já havia sido campeã Bezerra da Expozebu 2000 e da Exposição de Londrina.

Neste mercado há muita instabilidade principalmente em relação a moeda, entretanto tem grande potencial econômico, devido ao crescimento da pecuária nacional. O ramo é muito rentável e lucrativo, e para compreensão de valores, em relação aos touros, um reprodutor pode ser pai de vinte e cinco mil filhos por ano através de inseminação artificial. Sua capacidade é de quatro mil doses por mês. Cada coleta rende até quinhentas doses, vendidas entre cinco e quarenta reais, sendo que um touro tem vida útil de 10 anos e capaz de gerar milhões de doses sêmem.

Uma vaca que em sua vida útil teria de cinco a dez crias, pode produzir com TE de 30 a 40 crias. O custo médio de uma prenhez a fresco varia entre 150 e 220 reais, não considerando a doadora, e com embriões congelados fica mais cara ainda. Embora uma vaca possa gerar centenas de embriões, nem todos vingam. (BEZERRA, 2001, p.67)

⁴ TE significa transferência de Embrião, técnica genética a qual ela foi gerada., Essência TE da Guadalupe , nasceu em 1999.

Conforme Pietro, especialista em reprodução animal, professor da Universidade São Paulo, um boi vale tanto devido às modernas técnicas de reprodução aplicada ao gado bovino. Com ajuda da ciência, uma vaca não é só uma vaca, um boi não é só um boi - eles se multiplicam no patrimônio genético de seus descendentes. E isso quer dizer retorno financeiro – lucro. (BRIGUET, 2005).

"A tecnologia de transplantes de embriões tornou as vacas de qualidade muito rentáveis. [...] um embrião de Essência T.E Guadalupe foi colocado em leilão e vendido por 8,4 milhões de reais."(LEILÕES EM PROFUSÃO, 2002, p.08).

Muitas pessoas leigas não entendem como um animal pode valer tanto, mas por essa peculiaridade animais são vendidos por preços mais altos e surpreendentes a cada dia. E justamente por valarem tanto, hoje assim como os carros já saem das concessionárias com seguro, o mesmo está ocorrendo no setor pecuário, onde estes animais tão valiosos, só deixam as fazendas se estiverem devidamente seguradas. O preço do seguro fica entre 3 a 4% do valor do animal.

A inseminação artificial é um método de comprovada eficiência para acelerar o ganho genético e o retorno econômico na pecuária [...] mas uma das maiores dificuldades para realizar a inseminação é a chamada detecção do cio (cujo nome técnico é "taxa de serviço" (BRIGUET, 2005).

E para detectar se uma vaca está no cio, a observação é o único método, porém para um grande criador que possui um grande rebanho, torna-se um trabalho minucioso, para não deixar algumas vacas passar do período fértil.

Entanto foi desenvolvida uma técnica de inseminação artificial em tempo fixo, que dispensa a detecção do cio. Hoje é possível programar a hora e o dia em que a vaca vai ovular por meio de hormônios e cuidados no manejo. [...] Hoje uma vaca pode demorar até 8 meses para engravidar após o parto. Com essa técnica moderna, ela pode engravidar em dois meses e meio. Essa economia de tempo também vale dinheiro. (AYA, 2004, p.05).

Além de gerar mais lucros para os produtores, esse tipo de técnica aumenta a quantidade de animais no rebanho com características genéticas que fazem com que produzam mais carne, leite, e melhores descendentes.

E para aplicação e interpretação dessas técnicas e conhecimentos,

são realizados simpósios durante esses eventos, com presenças de pesquisadores internacionais e nacionais para troca de informações, aperfeiçoamento e novas técnicas. Tudo com o intuito de aumentar a produtividade e o lucro para os criadores, além de enriquecer os estudos de técnicos e pesquisadores.

Um exemplo do investimento genético dos criadores, “foi a vaca da raça Nelore que no ano de 2004 durante a exposição de Londrina valia R\$ 1, 24 milhões. Era a mais cara do evento, justamente devido à características singulares.” (AYA, 2004).

E uma das escolhas para criação e grandes investimentos pela raça Nelore, é a relação custo - benefício, pela sua adaptabilidade. O Zebu é um animal que consegue transformar capim em proteína nobre [...] das quase 170 milhões de cabeça de bovinos do rebanho nacional, cerca de 136 milhões são reses zebuínas e que 80% são da raça nelore ou apresentam alguma influência dela. (GUIRRA, 2002,p.30).

Outros zebuínos como Gir e o Guzerá, possuem características singulares, mas não conseguem competir com os da raça Nelore.

Na opinião do pesquisador Antonio Rosa, da Embrapa Gado de Corte, as raças o Gir e Guzerá estão em evidência no momento, mais que precisam ser "mais trabalhadas". Ele afirma que tais animais acabam sendo interessantes principalmente para os criadores menores, que precisam diversificar a produção e podem contar com as características de dupla aptidão (leite e carne) dessas raças. (GUIRRA, 2002, p.32).

Apesar da evolução das técnicas de melhoramento, para alguns ainda ela não é acessível. São ainda utilizadas técnicas arcaicas, não se preocupando muito com a qualidade do animal, animais sem pedigree e que não passam por avaliação genética. Eles concorrem no mercado com animais de genética provada; “onde em média um touro com genética provada custa 2.5 mil reais no mercado nacional, contra 700 reais de um boi de bola” (BEZERRA, 2001, p.69). Mas essa é uma situação que não ocorre com pecuaristas que produzem para vender para mercado externo e interno, isto ocorre como um mercado clandestino. Nas exposições só é permitida a entrada de animais devidamente cadastrados, com carteira de vacinas em dia. Ao ser detectada a falta de algum documento exigido, a

entrada do animal é barrada nos recintos. Na Exposição de Londrina a inspeção é feita detalhadamente para que não ocorra nenhum incidente de garantia da sanidade do ambiente, pois nele encontram-se animais de grande valor, o que aumenta ainda mais a responsabilidade.

Ao se falar de tecnologia e desenvolvimento, não se pode deixar de citar a eficiência da mecanização agrícola. Principalmente através do programa de modernização da frota de tratores agrícolas e implementos associados e colheitadeiras (MODERFROTA), implantado em 2000 pelo governo. Este tem facilitado a vida dos produtores e das cooperativas. O índice de perdas nas colheitas é muito elevado, são máquinas com longo tempo de uso, mal reguladas e sem manutenção, somando-se a idade em que foram lançadas no mercado. Não incorporavam os avanços tecnológicos que os fabricantes tem desenvolvido como satélites e computadores que viabilizam a agricultura de precisão. "Desde o seu lançamento até este ano, o moderfrota recebeu R\$ 5,49 bilhões de financiamento para aquisição de máquinas e equipamentos novos". (NARIKAWA, 2003, p.28).

Através da análise da tabela 6 pode-se perceber o avanço da venda das mesmas.

Tabela 6 – Evolução de Vendas de Máquinas Agrícolas no Brasil

Máquinas Agrícolas			
Evolução de Vendas			
Ano	Mercado Interno (Unidades)	Exportação	Crescimento %
2001	35.523	8.246	19,8%
2002	42.564	10.421	26,4%

Fonte: Abimaq; Organizadora: Narikawa (2003)

Comparando com outros países a mecanização brasileira possui baixos índices, mas não se pode negar o seu avanço. Durante as entrevistas realizadas no recinto, muitos proprietários disseram que no ano de 2006 as vendas não foram tão boas. A maior reclamação sobre o preço dos estandes partiu dos vendedores de máquinas agrícolas, pois eles necessitam de um maior espaço, o que

deixa o valor ainda mais alto, além do deslocamento de todo o maquinário que aumenta ainda mais os gastos. Neste ano eles haviam se reunido e não iriam expor seus produtos, tentando fazer com que a Sociedade Rural abaixasse o preço do metro do terreno. Entretanto, uma empresa cujo nome o entrevistado preferiu não citar, no último momento decidiu "pular pra trás", conseqüentemente, as empresas tiveram que expor, porém se tivesse ocorrido este fato, grande parte dos terrenos da área dos estandes ficariam vazias, o que iria causar alguns aspectos negativos à feira.

Em relação ainda a Moderfrota, tem-se um aspecto muito diferenciador, para que faça parte do programa a indústria fabricante tem de estar credenciada e não pode ter menos que 60% de produtos nacionais. Essa iniciativa tem feito com que aumente a produção de máquinas nacionais. (NARIKAWA, 2003).

O setor de máquinas e equipamentos é o que mais demanda suporte financeiro, especialmente para aquisição de novas unidades de máquinas agrícolas em função da depreciação da existente ou da atualização tecnológica do parque de maquinaria. (BANCO DO BRASIL, 2004, p.52).

Nas feiras os negócios que se concretizam representam aproximadamente três meses de encomendas para os fabricantes. Assim essas empresas investem alto em boas estratégias para aumentar suas vendas.

Algumas empresas possuem estratégias em relação a venda de máquinas dependendo de cada região geográfica brasileira, a Agrishow está passando por um processo de reposicionamento, empurrada pela segmentação da economia e modificações na geografia de produção. A Agrishow Cerrado surgiu exatamente por isso, para atender as necessidades básicas do Centro - Oeste brasileiro, região de cultivo extensivo, áreas enormes, grandes máquinas, implementos, insumos específicos para as culturas mais adaptadas e condições locais de manejo, clima e solo. Pelas mesmas razões (características regionais), o show rural, a Expodireto e outras feiras vêm crescendo no país e assumindo aos poucos, cada uma delas sua própria feição. A segmentação também é bom negócio para a indústria, porque lhe permite direcionar melhores investimentos e divulgar as qualidades de suas máquinas de acordo com o perfil de cada região. (TECNOLOGIA A SERVIÇO, 2002, p.42)

A Associação Rural do Paraná foi criada visando a expansão do território, desenvolvimento agrícola do Estado e para unir interesses comuns entre os pecuaristas e agricultores. Hoje se buscam os mesmos interesses, expansão do território em outros estados brasileiros, onde o espaço se encontra menos saturado, e como consequência as feiras e exposições estão possuindo caráter de unir em um só espaço os interesses de empresas e compradores, ramificando-se o setor agropecuário.

Este crescimento e aprimoramento têm despertado os interesses de estrangeiros que visitam as exposições. Segundo Torrico, (2005, p.46)

o ministro da agricultura do Chile, falou do sue interesse em conhecer os recentes avanços da agricultura brasileira [...] como o Brasil lida com vários tipos de culturas, tem tido mais condições de desenvolver novas tecnologias do que o Chile.

As exposições brasileiras têm atraído muitos estrangeiros. Na Agrishow de Ribeirão Preto 2006, o total de estrangeiros foi de aproximadamente 852, de 60 países, como Argentina, Tailândia, Filipinas. E neste ano também não faltaram visitantes estrangeiros na Exposição de Londrina, americanos, bolivianos, argentinos, italianos, belgas, alguns são convidados para serem juízes de julgamentos, outros para darem palestras, ou mesmo para realizarem negócios. Muitos deles acabam trazendo suas famílias. Um representante do Instituto de Pesquisa do Caribe, disse que ficou impressionado com avanços das pesquisas agrícolas no Brasil, e dentre esses avanços sempre há algo que se encaixe na produção de produtos do seu país, como é caso das pesquisas realizadas pela Embrapa de Londrina, na cultura do feijão (um dos lugares visitados pelo mesmo). O que torna a feira ainda mais receptiva é o fato de que a Sociedade Rural provê uma equipe de intérpretes para tornar mais fácil o relacionamento dos mesmos. (NAVARRO, 2004).

Ao citar tecnologia e máquinas agrícolas, pode-se dizer que o uso de computadores no campo deixou de ser uma novidade para se transformar em uma importante ferramenta de trabalho para o produtor rural (GONÇALVES, 2005). Além do uso de chips no gado.

Portanto fichas, cadernetas, planilhas de papel ou mesmo a simples

planilha do programa Excel, são cada vez menos utilizadas por pecuaristas e agricultores. Hoje em dia eles utilizam programas mais sofisticado e aprimorados, tornando cada vez mais ágil, tecnificado e atualizado seu meio de trabalho.

a entrada do computador nas fazendas é o passo inicial para um controle eficaz da produção. A grande maioria dos criadores administra a propriedade utilizando formulários de papel. Porém identificar quais animais devem ser cobertos, vacinados ou com período de gestação chegando ao fim torna-se uma longa tarefa (GONÇALVES, 2005, p.41).

No avanço da agricultura tanto em área quanto em tecnologia há também os computadores de bordo que registram dados da colheita, informando índice de produtividade. Isso proporciona ao agricultor um melhor controle da produção, além de reduzir desperdícios podendo o mesmo adotar melhores estratégias para sua produção. (TECNOLOGIA A SERVIÇO, 2002).

Conseqüentemente percebe-se que para obtenção de maiores lucros, a entrada da alta tecnologia se fará cada vez mais rápida e eficaz. Quem desejar permanecer neste ramo terá que se atualizar constantemente. Analisando um outro âmbito dessa modernização, percebemos que cada vez mais necessita-se de menos mão-de-obra, mas maior necessidade de pessoas com preparo para lidar com tecnologia. Hoje o dono de uma fazenda pode administrá-la do escritório de sua casa, enquanto um responsável lhe envia dados pela Internet. Este é o preço a ser pago na modernização da agricultura, que se torna cada vez mais seletiva. Entretanto, não se pode esquecer que há produtores tradicionais, tornando difícil a entrada de tanta tecnologia em suas propriedades, preferindo ainda as antigas anotações papel. "O avanço da informatização, no entanto, ainda esbarra no conservadorismo dos produtores". (GONÇALVES, 2005, p.41).

Observa-se que o desenvolvimento agrícola cresce em tamanho e está se expandindo rapidamente. Os produtores também estão crescendo em qualidade e tecnologia, para se inserirem no mercado. Esta tecnologia não se direciona apenas para os grandes produtores. Ela tem beneficiado os pequenos onde eles investem na produção de produtos menos comuns, feita em menor escala. Conseqüentemente as exposições estão buscando atrair esses pequenos produtores proporcionados a eles as tecnologias e as qualidades da qual eles

necessitam.

Os eventos técnicos programados para acontecer durante a Exposição de Londrina é grande atrativo para o pequeno produtor rural⁵, que também cultiva soja, trigo, milho. A Via Rural (também conhecida como Fazendinha)⁶, simpósios, palestras, e cursos realizados nos recintos se tornam uma rota procurada por milhares de agricultores familiares. O evento traz resultados positivos porque atinge um público que não teria outra oportunidade de conhecer novas tecnologias usadas no meio rural. [...] Além do público específico, fala-se também para o urbano sobre a importância da pesquisa na agricultura e pecuária. (ELORZA, 2005, p.06).

Em 2005 foram realizados 50 eventos técnicos, sendo três seminários internacionais e dezenas de encontros que colaboraram para o debate da melhoria de geração de renda no campo e pela procura por novos conhecimentos técnicos. "Caravanas com estudantes, técnicos agrícolas e produtores rurais de todo o Estado visitaram a nossa feira". (ELORZA,2005,p.06)

Assim como os negócios que atingem um grande número de compradores em poucos dias, o mesmo ocorre com os eventos técnicos, que em curto espaço de tempo transmitem uma grande carga de informação para os produtores rurais. As feiras são os termômetros do mercado, são os locais onde o produtor se atualiza, moderniza e adquire mais conhecimento.

Não se pode deixar de observar que muitas vezes as feiras não alcançam os objetivos esperados. Em algumas os grandes fabricantes são mais os beneficiados, em outras são os pequenos que saem da exposição mais satisfeitos. É um mercado que oscila e depende muito de outros fatores para sua estabilidade. O "mundo da exposição é muito mais amplo e diversificado do que imaginamos e com perfis diferenciados". O objetivo principal é atingir pecuaristas, fazendeiros, grandes e pequenos produtores, as feiras não deixam de proporcionar atividades para população como um todo.

⁵ Deixando claro que este pequeno produtor é capitalizado, e que além de ir na "Fazendinha", ele também realiza alguns negócios. Muitos deles compram máquinas agrícolas, porém no ano de 2006, devido a crise pela menor produtividade e rentabilidade, isso não ocorreu.

⁶ Ver figura 2 , onde há o Recinto de Exposição

As exposições agropecuárias tornaram-se eventos de fruição e consumos urbanos sem que perdessem seu caráter fundador: são eventos com práticas e características rurais. Por sua vez, essa fusão de elementos urbanos aos rurais em seu espaço reflete a emergência da desintegração da dualidade urbana - rural. (SILVA, 2003, p.05).

Hoje há um homem mais moderno e mais informado devido ao desenvolvimento da modernização e industrialização do campo. Ele teve de interagir com essas novas tendências para poder acompanhar o mercado do *agrobusiness* em constante desenvolvimento. Em função dessas mudanças, hoje as exposições possuem também uma imagem de resgate do passado, como justifica Barbosa (2000, p.39-40)

Durante os dias em que se realiza a Exposição, Londrina se transforma na capital brasileira do agronegócio. No Parque Governador Ney Braga, pessoas, animais e máquinas misturam-se na efervescência dos negócios, na agitação proveniente da comercialização e no emaranhado de shows, leilões, rodeios. Estandes apresentam produtos, mercadorias e serviços. Os pavilhões nacional e internacional atraem centenas de visitantes. No ar paira uma indefinível sensação de volta ao berço da terra. Em um mugido de boi, o cantar dos pássaros, exercem sobre os visitantes o fascínio do telúrio e o mágico regresso as origens ancestrais, que jamais serão apagados pelo meio urbano e pelos avanços tecnológicos.

As pessoas fazem da Exposição uma festa "popular", aguardada ansiosamente pela chegada do mês de abril. É o momento em que todos se divertem, a cidade fica movimentada. A exposição é o segundo maior evento realizado na cidade, só perdendo para o Vestibular, mas em relação ao cotidiano, a exposição já faz parte da vida das pessoas tanto quanto o carnaval.

Diz que a exposição é o carnaval que Londrina não tem, são dez dias no ano em que as pessoas saem do mundo real. As coisas podem até estar faltando em casa, mas todas dão um jeito de guardar um dinheirinho para ir à feira. Porém apesar de reunir multidões, a feira não é uma festa popular, pois ela não surge do meio do povo, na verdade é uma festa de massa, porque o povo é espectador daquilo que está sendo mostrado nos estandes ou no palco. Aquelas moças e aqueles rapazes da cidade vestidos de cowboy... é muito engraçado. É um fenômeno que só acontece durante dez dias. (KASTER, 2005b, p.08).

Analisando a citação acima, percebemos que as pessoas já têm a exposição de Londrina marcada no calendário tanto quanto o carnaval. São dias em que os bares e boates ficam menos cheios, o centro da cidade menos movimentado. A expectativa criada pelas opções de shows abrange todas as faixas etárias e gostos. Silva (2003), também compara as exposições com outras festas e eventos como carnaval e Oktoberfest, porém aponta que estas são festas que possuem um universo mercadológico que não pode ser vendido o tempo todo, justamente por serem festas anuais, enquanto que as feiras e exposições são eventos que ocorrem durante todo ano. Na foto 13, percebe-se a imensidão de público no show da dupla sertaneja Edson e Hudson.



Foto 13 – A platéia

Fonte: www.srp.com.br

Pessoas da região (município de Rolândia, Cambé, Arapongas, Apucarana, Tamarana, Sertanópolis, Ibiporã) se organizam para visitar a feira pelo menos um dia. A exposição tornou-se um lugar de passeio para família, diversão e conhecimento para as crianças, festas e *azaração*⁷ para os jovens que permanecem no recinto até alta madrugada, negócios para grandes empreendedores, lucro para os expositores, oportunidade de emprego para quem precisa além de um grande movimento e divulgação para a cidade de Londrina.

Outro paralelo traçado entre a cidade e a feira é quanto a rapidez

⁷ Azaração para os jovens é o movimento, a paquera, o tumulto de pessoas, a música, as barracas após os shows.

como as coisas acontecem. Aqui tudo parece muito apressado de se fazer. Assim foi na colonização, no ciclo do café e depois na verticalização. Tudo em Londrina é construído com pressa. E a exposição me parece ser assim também: montagem instantânea de um cenário grandioso para apenas dez dias. Depois que ela passa, as coisas voltam ao normal no dia seguinte. (KASTER, 2005b, p.08).

Pode-se dizer que tudo acontece em "um piscar de olhos", talvez quando passamos em frente da Sociedade Rural e do Parque Ney Braga nem o notamos, porém sabemos que no mês de abril todo aquele local se transforma, nasce uma pequena cidade no meio do nada, cidade esta que mobiliza grande parte das pessoas.

Seu público, uma massa significativa cada vez mais ampla e heterogênea, consumidora do universo *country* coloca o evento como um fenômeno atual que deve ser apreendido e interpretado pelas ciências humanas. Se compararmos a exposição agropecuária com eventos semelhantes como feiras de automóveis, livros, obras de arte, equipamentos eletrônicos e outros, percebemos mais diferenças que semelhanças. Nenhum desses eventos é tão aberto a tantas atividades, tão disseminado no tempo e no espaço, nenhum deles apela a um público tão socialmente diverso quanto a exposição agropecuária. [...] Assim as exposições agropecuárias devem ser interpretadas e avaliadas como um momento da realidade social por meio das práticas e representações sociais. [...] representações e práticas conectadas e interagidas entre si, gerando dessa forma, uma rede simbólica de atores sociais que consomem e produzem representações e que a constroem por meio de práticas sociais. (SILVA, 2003, p.10 e 15).

A citação acima descreve as relações que ocorrem na Exposição de Londrina, basta andar pelos recintos e nos deparamos com todos os tipos de pessoas, desde a mais simples dona de casa até um grande fazendeiro, mesclados em um mesmo ambiente, com objetivos distintos.

Para Silva (2003) a ruralidade reelaborou a cultura em acordo com a modernização e industrialização no campo, não podendo ser esta restrita apenas as classes dominantes. Por isso a ruralidade tende a desconhecer as diferenças de classes sociais, os setores econômicos. Há os aspectos sociológicos na construção, definição e redefinição das identidades culturais, sócias do modo de vida.

Neste ambiente tão propício, alguns itens como calça jeans, camisas, cintos largo com fivelas imensas, botas de couro e, chapéu estilo caubói é

o figurino que muitas pessoas utilizam durante a feira. Conseqüentemente, algumas marcas estão investindo neste setor. O John Deere (venda de máquinas colheitadeiras e tratores) é um exemplo da interação entre a moda e o homem do campo. "Usar um chapéu ou camisa John Deere é sinônimo de *status*. Mostra identidade com a marca, que faz parte da vida do agricultor" [...] (GUERIN, 2005a, p.12). Essa procura parte geralmente dos próprios funcionários e, principalmente, pelos compradores. Estes últimos, quando compravam um produto começaram a sugerir além do tradicional boné, os cintos, camisas, camisetas entre outros artigos, tornando este um setor rentável à empresa.

Através da indústria cultural, a exposição além de vender produtos, impõe o consumo de novos símbolos e a percepção de valores re-significados. As representações predominantes sugerem estilos de vida e de comportamento muito distantes do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, dos caipiras de Antônio Cândido [...] (SILVA, 2003, p.11)

Outro ramo que se tornou rentável nestes ambientes, é o de automóveis. "Os veículos utilitários do espaço rural também se converteram em elementos componentes da paisagem urbana como veículos de passeio" (SILVA,2003.p.13). Esses veículos que antigamente eram utilizados para transportar utensílios agrícolas, hoje são sinônimos de *status*, utilizadas desde a ida para o trabalho no campo, como em escritório, nos passeios com a família, até nas "baladas" noturnas.

A Ford é uma empresa que teve uma presença bastante ampla nos rodeios, para divulgar a sua linha de picapes⁸, e decidiu fazer um maior investimento em feiras e exposições agropecuárias. Esta é a razão de investir em outros com a estratégia da empresa que conforme os tipos de automóveis que serão lançados, define em quais eventos irá encontrar uma melhor clientela. A propósito STAFF (2005) "destaca que no rodeio a ação é mais de imagem do que de negócio imediato".

Em relação ao movimento de hotéis e ônibus na cidade de Londrina, a grande maioria os hotéis fica de 75% a 85% de quartos ocupados. A Companhia Municipal de Transportes Urbanos (CMTU) disponibiliza, além dos cinco ônibus que

⁸ Utiliza o termo picapes referindo-se as que comumente no popular chamamos de camionetes

já fazem a linha que inclui uma parada no recinto da Associação Rural, mais sete a oito ônibus extras diretamente para o Parque de Exposição. Já os ônibus intermunicipais, que chegam ao Terminal Rodoviário, apenas três empresas colaboraram com a pesquisa. Elas nos informaram que há um aumento no movimento que varia de 30 a 45 %, devido principalmente a chegada dos *cowboys* e peões.

A realização de eventos em Londrina rende aos cofres do Município cerca de R\$ 90,3 milhões em impostos [...] os participantes de eventos de eventos deixam cerca de R\$ 833 milhões, em média atraem de 600 a 700 pessoas, mas o mais interessante é que o turismo de negócios movimentava toda a cadeia produtiva. Mais de 50 nichos diferentes são envolvidos na realização de um evento. O turista que vem a cidade a negócio deixa no município cerca de R\$ 300 por dia, enquanto que o turista convencional gasta cerca de R\$ 100. [...] Londrina é a 28ª cidade no ranking brasileiro em promoção de eventos. A exposição juntamente com o vestibular da Universidade Estadual de Londrina, a Movelpar, e os eventos técnicos são os que mais trazem lucro à cidade.(MAZZINI, 2004, p.6A

Mapa 1 – Estado do Paraná com enfoque para cidade de Londrina



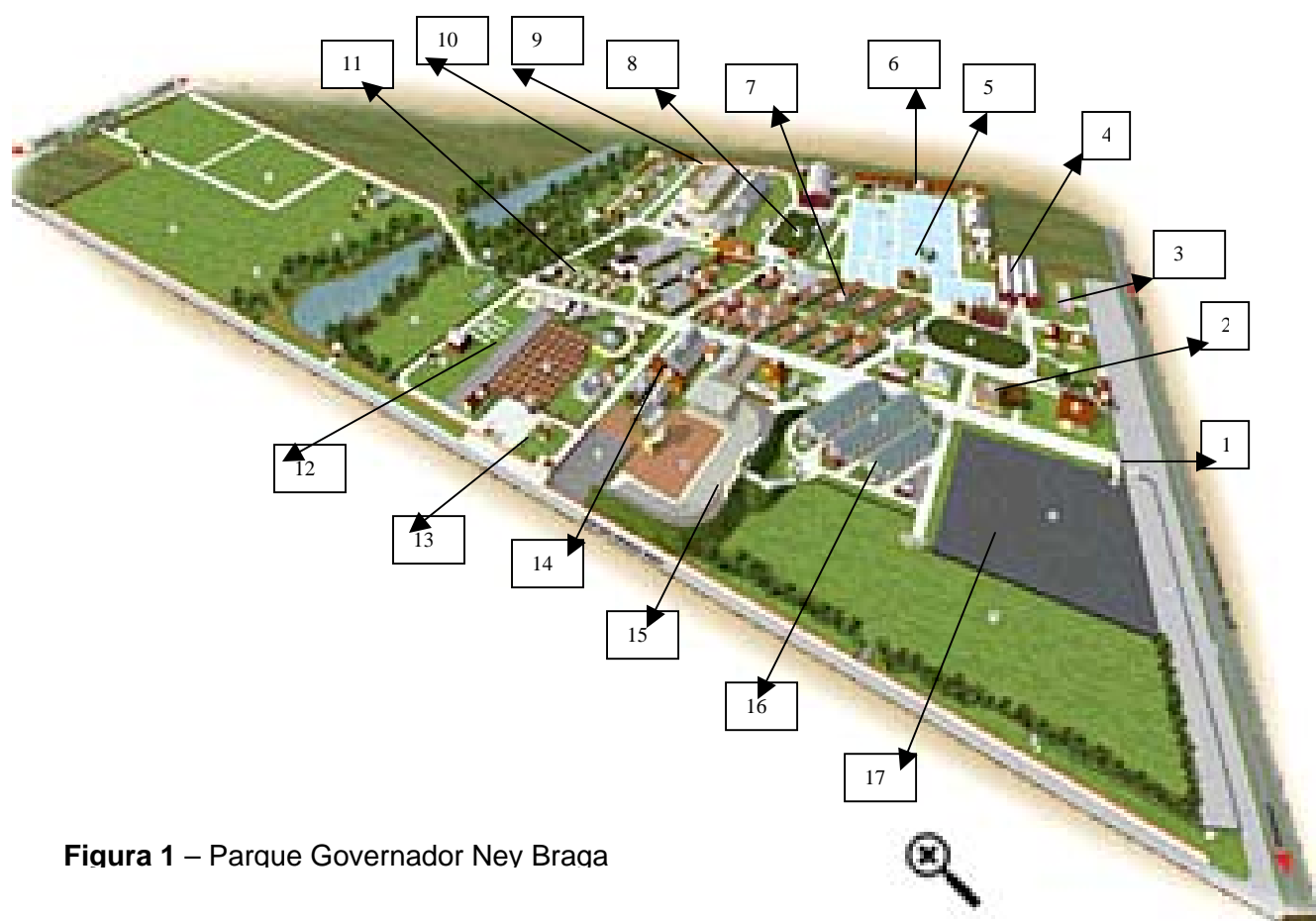


Figura 1 – Parque Governador Ney Braga

Legenda:

- 1 - Acesso principal ao parque
- 2 - Pista Central de Julgamento "Omar Mazzei Guimarães
- 3 - Sindicato rural de Londrina
- 4 - Pavilhão Nacional "Carlos Pereira Paschoal"
- 5 - Área Industrial "Gov".Paulo Cruz Pimentel "
- 6 - Alas dos restaurantes "Humberto de Barros"
- 7 - Pavilhão de Animais
- 8 - Pista de Julgamento "Roberto Requião"
- 9 - Recinto de Leilões e Eventos "Horacio Sabino e Jose Garcia
- 10 - Via Rural "Luiz Eduardo Cheida (Fazendinha)
- 11 - Pista de Julgamento "Osmar Dias"
- 12 - Lavador de animais
- 13 - Embarque e Desembarque de animais nos currais
- 14 - Recinto de Leilões "Abdelkarim Janene
- 15 - Recinto de shows e rodeios : Jornalista João Milanez"
- 16 - Praça de Alimentação "Mario Pereira"
- 17 - Área para Parque de diversões

Fonte: Sociedade Rural do Paraná Organizado : Maira Rodrigues Barbosa

A observação das figuras nos indica que dentro do Parque há certa divisão "social". Uma das diferenças visíveis é em relação à área de alimentação, o mais popular se concentra no número 16, enquanto que os restaurantes de melhor qualidade se encontram no número 6. A classe popular se concentra nos locais que se referem aos números 15,16 e 17, enquanto que a classe mais favorecida se concentra nas áreas referentes aos recintos de leilões, pistas de julgamentos e camarotes do recinto de shows e rodeios. Comprova-se a divisão de classes sociais nas estruturas do parque Ney Braga.As fotos (14 e 15) abaixo referem-se à restaurantes de nível mais alto e mais baixo respectivamente.



Foto 14 – Restaurante destinado a uma classe social, pecuaristas, agricultores, leiloeiras, e expositores.

Autora: Maira Rodrigues Barbosa,2006



Foto 15 – Área de alimentação ao lado oposto da foto acima

Autora: Maira Rodrigues Barbosa, 2006

Os dados levantados mostram que as feiras de agronegócio representam 51,7% dos 703 eventos pesquisados em 16 segmentos "As feiras são um grande mecanismo de promoção comercial, de venda de produtos e de pesquisa sobre a concorrência ou sobre um lançamento de produto", afirma Raissa Rosister, gerente da Unidade de Acesso a Mercados do Sebrae. A pesquisa mostra que 70% dos expositores entrevistados disseram ter obtido retorno após participação em feiras. Ou seja: um contrato foi fechado, um novo cliente aceitou conversar ou houve convite para novos encontros. (GONDIN E VIEIRA, 2006). As feiras e exposições agropecuárias movimentam vários setores, propiciando um fluxo informacional de mercadorias e de pessoas, consequentemente grandes capitais. De acordo com Graziano da Silva apud Silveira (2005, p.225),

[..] além dos fluxos intersetoriais significativos de compra, venda entre os diversos ramos que os compõe[os complexos], o conjunto assim formado tem uma dinâmica própria. Assim além de as partes se moverem de forma independente, o crescimento dos outros e, mais que isso, pode induzir o crescimento dos outros segmentos [...]

Além desses fluxos, ainda temos a mudança histórica – cultural, envolvendo música, gírias, modo de se vestir, que foram se estruturando a cerca dessas modificações.

4.1 PERFIL DOS EXPOSITORES

As entrevistas foram realizadas de 08/04/2006 a 18/04/2006, no período matutino, vespertino e noturno durante a Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, com intuito de levantar dados referentes sobre o perfil dos expositores e visitantes (público) e numa segunda etapa realizou-se entrevistas com peões.

Durante a realização das entrevistas, percebeu-se que realmente essas feiras são pequenas cidades onde os valores se misturam. Tornam-se um local com grande diversidade econômica e social. Assim como em uma cidade, pessoas que estavam desempregadas vêm a feira com esperança de "pagar as contas". Numa de minhas conversas com as mulheres que realizam a faxina dos estandes, banheiros e outros locais, além de trabalharem o dia todo, à noite muitas ainda vendiam cervejas, refrigerantes durante os shows. Na maioria das vezes ganhavam mais nas vendas numa noite de show, do que durante os dias de feira. Os números revelam que aproximadamente ganha livre R\$ 400,00 a 500,00 reais por show, considerando os de maior número de público. Contudo nota-se que durante esses 10 dias de feira, essas pessoas ganham o que elas não conseguiriam ganhar em um mês. Isso comprova a importância da feira não só para os grandes pecuaristas e agricultores, mas também para o trabalhador da cidade. A seguir será analisado o perfil dos expositores, seguido das conversas realizadas com os peões.

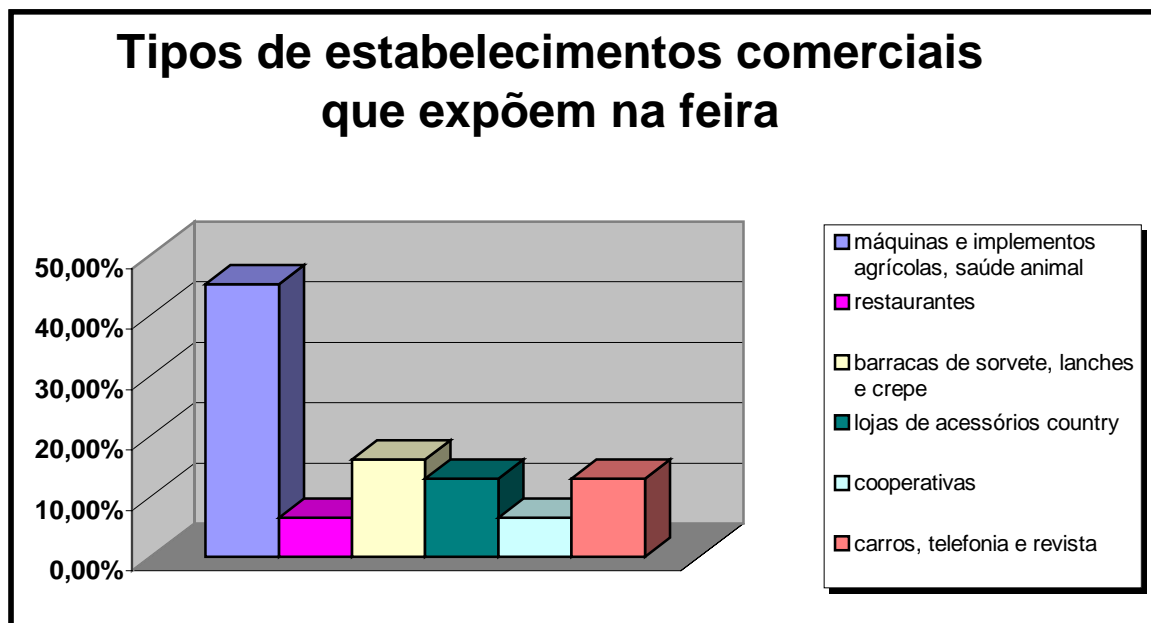


Gráfico 3 – Tipos de estabelecimentos comerciais que expõem na feira.

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa., 2006

Na realização das entrevistas, os estandes foram escolhidos aleatoriamente, com prioridade aos mais conhecidos. Em alguns estandes não nos atenderam. Conforme a disposição dos entrevistados para responder as perguntas foi realizada as entrevistas. A partir delas organizamos as informações expostas nos gráficos.

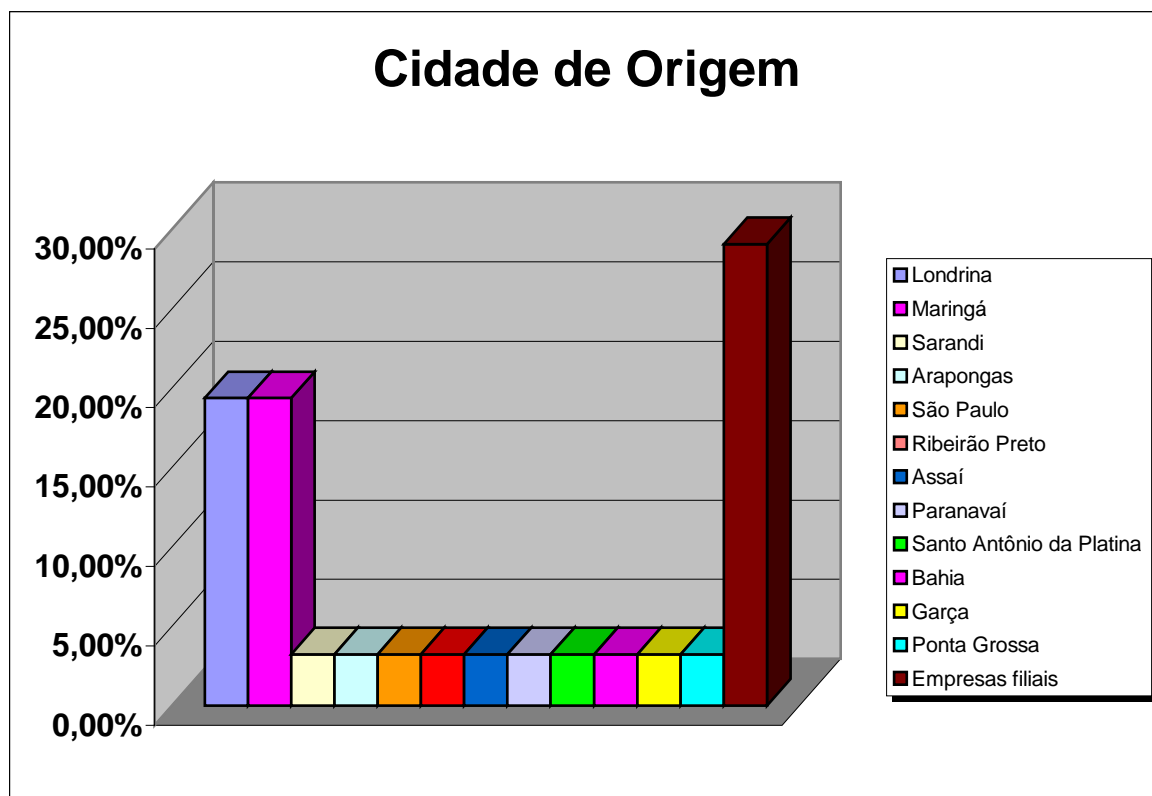


Gráfico 4 – Cidade de Origem das empresas cujos estandes foram entrevistados.

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa., 2006

Justamente por ser uma cidade mais próxima, os expositores de Maringá se igualaram aos de Londrina. Isto demonstra que precisa haver um maior incentivo para que as empresas da cidade participem da feira. A grande dificuldade é o alto valor dos estandes, fazendo com que grande parte deles, seja de Londrina ou não, pensem melhor. É um investimento muito alto, mesmo sendo uma feira renomada. Em relação à classificação empresas filiais, são empresas que existem em várias cidades como a BUNGE, BAYER, SYGENTA entre outras.

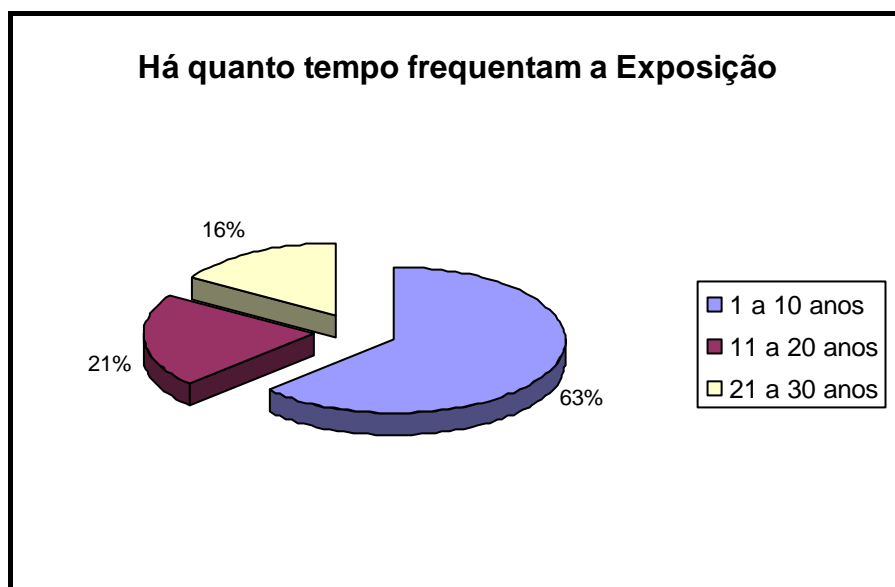


Gráfico 5 – Há quanto tempo freqüentam a Exposição:

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa, 2006

Algumas empresas, como a Merial Ivomec freqüentavam a feira há 15 anos e não estavam presentes assim como grandes empresas do ramo de máquinas agrícolas, devido ao preço elevado do terreno. Das empresas mais antigas destacam-se a Art Couro (loja de artigos em couro de Maringá) que expõem na feira há 23 anos, a Bayer (regional Londrina) considerada uma das empresas mais tradicionais, presente nas maiores feiras do Brasil, totaliza 25 anos. A John Deere - Horizon (máquinas agrícolas) totaliza 29 anos, e loja de Selaria (Santo Antônio da Platina) expõe na feira há 30 anos.

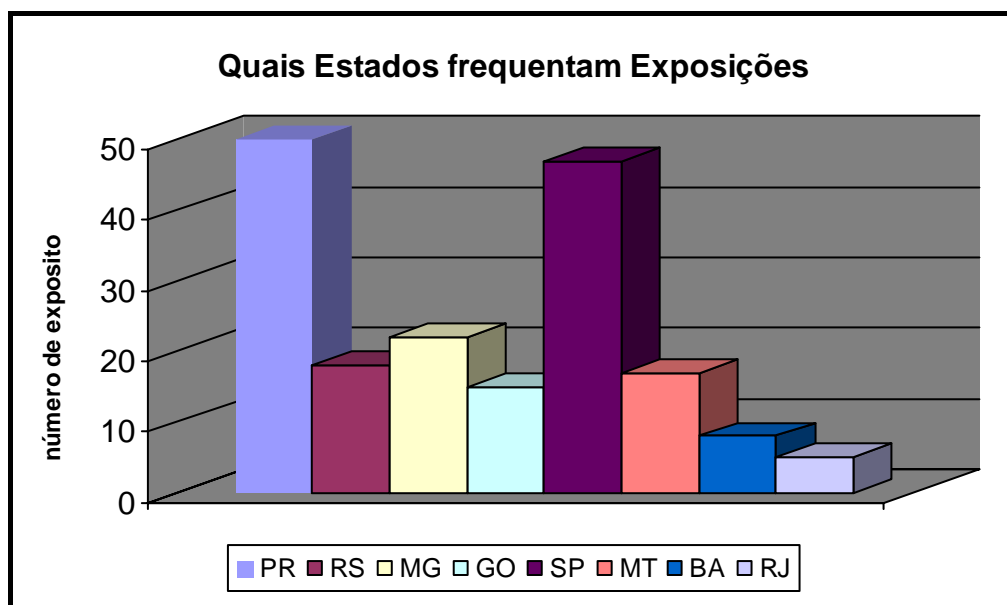


Gráfico 6 – Em que Estados do Brasil os expositores freqüentam feiras e exposições Agropecuárias:

Fonte : Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa., 2006

O gráfico 6 teve como objetivo identificar quais estados brasileiros os expositores atuam. No Paraná, além da Exposição de Londrina, inclui-se a de a Exposição de Maringá, e a Coopavel (Cascavel), principalmente para o ramo de máquinas e implementos agrícolas. No Rio Grande do Sul a principal foi a EXPOINTER realizada na cidade de Esteio. Em Minas Gerais, a EXPOZEBU, realizada em Uberaba. A AGRISHOW em Ribeirão Preto em São Paulo e no Mato Grosso, na Bahia a FENAGRO são as feiras de maior importância para os expositores. Alguns citaram a EXPOGRANDE, devido ao desenvolvimento e crescimento da mesma nos últimos anos. E diversas feiras, são empresas que possuem filiais em todo o Brasil, e que trabalham por regional, onde cada regional fica responsável por uma área, analisando qual a melhor feira para exporem seus produtos, assim acabam expondo em grande parte das feiras e exposições do Brasil.

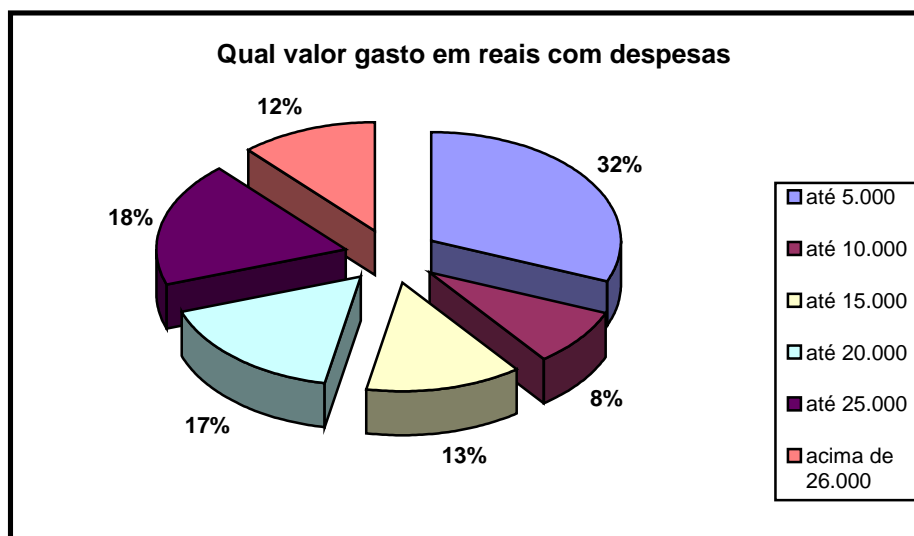


Gráfico 7 – Valor aproximado em reais pago pelos expositores, incluindo todas as despesas

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa.,2006

Grande parte das reclamações refere-se ao valor dos estandes cujo metro quadrado é no valor de R\$ 17,00 reais. Para empresas menores as despesas são mais baixas, porém para empresas de máquinas agrícolas que ocupam uma área maior, o valor se torna alto. Este é um dos fatores da ausência de empresas. A negociação com a Sociedade Rural foi difícil por que ela estava irredutível, manteve o preço. Em resposta os empresários realizaram um “boicote”, e nenhuma empresa de máquinas iria expor na feira, porém uma empresa não aceitou e caiu relativamente a presença deste ramo de empresa. O que foi alegado é que devido à crise sofrida em 2005, os agricultores estavam cautelosos, buscando formas de quitar suas dívidas. Já era sabido que as negociações e comercializações para este setor não seria favorável, e para um empresário disponibilizar de R\$ 25 a R\$ 30 mil reais era inviável naquele momento. Neste valor estão inclusas quase todas as despesas (refeições, bebidas para os visitantes, estacionamento), dos estandes entrevistados, 68% disseram que o valor cobrado por metro é muito alto, porém a empresa não pode deixar de participar de uma feira como esta, com reconhecimento internacional e nacional. Eles possuem consciência que a Sociedade Rural investe um grande valor para o acontecimento da feira, porém muitos dos expositores que participam a alguns anos, falaram de fidelidade, de estarem presentes no evento, todavia os outros 32% alegam que é um mal necessário, onde o investimento trará

um retorno que compensará.

Os valores acima de 40 mil foram investidos pela cooperativa INTEGRADA e Ford Tropical (empresa de automóveis e caminhões) que ainda patrocina o rodeio, sendo um dos stands com melhor infra-estrutura da feira, além de uma pista de Teste – Drive, sendo a empresa que ocupou maior espaço.

Um fato interessante relaciona-se a maneira de como é feito o pagamento referindo-se às barracas de sorvetes, churros, cachorros quentes. Eles pagam em parcelas durante o ano, para garantir o ponto. Alguns pagam um valor fixo, e também possuem um ponto fixo, como o caso de uma barraca de lanches, há mais de 8 anos no mesmo local. O seu proprietário possui 8 barracas de lanches, o mesmo caso do dono da barraca de batata-frita (6 barracas no recinto). Para estes proprietários que possuem várias barracas o rendimento foi razoável. Eles afirmaram que como havia apenas uma marca de cerveja, a venda de bebidas caiu em 60% em relação ao ano anterior, pelo fato da AMBEVI ser patrocinadora da feira (podem vender várias marcas de cervejas e refrigerantes). Entretanto, a queda de 40 % na venda de alimentos foi devido ao fraco movimento e altos preços. Para estes comerciantes o lucro poderia ter sido melhor, e não desconsidera que a Exposição de Londrina é uma das melhores do Brasil, o que ocorreu foi que o momento econômico não estava propício.

Tiveram-se ainda alguns aspectos negativos descritos pelos expositores e donos de barracas como: ter que gastar com a estrutura do stand, funcionários, hospedagem, alimentação. Além disso, uma refeição estava em torno de 15,00 a 20,00 reais por pessoas, fora os panfletos especiais para o evento, brindes e outros para os clientes, o que torna o valor abusivo. As empresas que acharam os preços justos, grande maioria eram cooperativas e uma empresa de carro, também patrocinadora do rodeio.

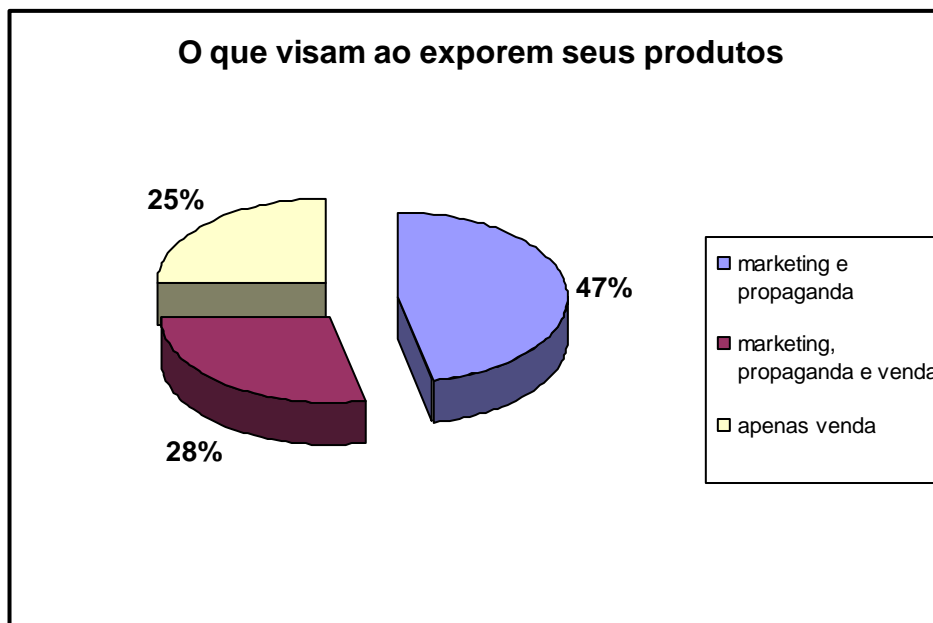


Gráfico 8 – O que visam ao exporem seus produtos

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa, 2006.

A grande maioria visa o *marketing* a propaganda, o valor institucional, em que o investimento realizado serve para atrair a atenção do comprador para os lançamentos. Em outras palavras serve para divulgação dos produtos e para maior contato com o cliente. É o momento em que eles podem “bater um papo”, e durante algumas das entrevistas um representante de uma grande empresa disse que: “Pensar em *marketing* é futuro, fixar a marca é rentável, mas o objetivo não visa a vendasabemos que quem não é visto não é lembradonão é ???”. Os que visam apenas a venda, majoritariamente são os comerciantes de alimentos e roupas. Apenas uma empresa de máquina agrícola o entrevistado afirmou que visava somente a venda. Constata-se que o objetivo central é a visibilidade, onde o que importa é que as pessoas vejam e comentam sobre as empresas, pois é neste ambiente de negócios em que se iniciam os futuros e grandes empreendimentos e investimentos. É o momento em que o cliente, pode conferir o desenvolvimento da empresa a qual ele ajuda a crescer. Considerando os investimentos, foi questionada a relação rentabilidade/lucro, para 16% a feira é muito rentável, para 20% ela é pouco rentável, sendo os lucros insatisfatórios. Para 45% a feira é rentável, alcançando os objetivos de comercialização, divulgação e relacionamento com o cliente, e para aproximadamente 18% ela é uma feira onde a rentabilidade será um retorno futuro, aqui é o início dos negócios.

Utilizou-se o termo muito rentável para aqueles que tiveram boas vendas algumas empresas de máquinas agrícolas, e disseram que grande parte da vendas anuais são fechadas no período da exposição. Mas há contradições, quando se referem a retorno no longo prazo eles colocam a feira como propulsora para os grandes negócios por ser o local em que o cliente irá conhecer melhor a empresa, de pesquisa dos produtos para futuramente ocorrer o fechamento dos negócios. Da mesma forma que para algumas empresas é pouco rentável pelo alto investimento feito, ao final há um equilíbrio e o dinheiro das vendas é utilizado para pagar as despesas. Grande parte define a feira como rentável alega que os lucros obtidos são satisfatórios.

No ano de 2005 alguns expositores já estavam cientes que o faturamento poderia não ser muito bom, pela quebra na safra de grãos por condições climáticas acabou retraindo o PIB agropecuário. "As estimativas da CNA apontam para um faturamento de 24.9 bilhões de reais em 2005, em comparação aos 40.3 bilhões do ano passado"(FRANCO, p.24, 2005.) E isso se reflete aos expositores da feira, pois significa que os produtores ficam retraídos, em busca da melhor hora para se fazer os investimentos. Com essa quebra, eles buscam investir somente no que realmente precisam diminuindo o fechamento de grandes negócios nas exposições.

O setor da pecuária, não tão atingindo significativamente pelos contra-tempos, houve um crescimento de 0.09 %, em comparação aos anos de 2004. Já o conjunto do agronegócio que envolve não apenas a produção primária "para dentro da porteira", mas também os segmentos de insumos, indústria e distribuição - deverá apresentar PIB de 545,08 bilhões de reais em 2005, crescimento de 2,07 % na comparação com os 533,98 bilhões de reais do ano passado. (FRANCO, p.24, 2005.)

Certamente que bons negócios eram o principal objetivo dos expositores, mas mesmo com promoções, linhas específicas, lançamentos e sorteios, o produtor ficou retraído para os negócios. Em 2005, os setores comerciais, industrial, serviços, diversão e alimentação movimentaram aproximadamente R\$ 200 milhões, enquanto que em 2006, totalizaram aproximadamente R\$ 142 milhões, praticamente R\$ 60 milhões a menos, consequência das crises enfrentadas no início do ano como queda do preço dos produtos como a soja, além das mudanças

climáticas constantes (GUERRA,C, 2005).

Apenas no segmento de máquinas e equipamentos, os resultados esperados eram mais acanhados desde o início da exposição, haja visto o momento difícil vivido pelo setor. "Já sabíamos que as cifras seriam menores porque estamos passando por dificuldades como o câmbio, alta da produção internacional e a seca aqui no Brasil" (GUERRA,P, 2005).

Nas entrevistas foi questionado o grau de instrução dos visitantes ou clientes das empresas. Para um representante da Empresa Tortuga, o produtor está mais receptivo para novas informações e conseqüentemente novas tecnologias. Grande parte diz que o produtor é muito bem informado, instruído, faz perguntas pertinentes, vem para conhecer o produto, ver condições de preços, questionar e analisar. Pode ser grande, médio, ou pequeno produtor, cada um tem uma especialidade, uma maneira de agir, como disse um dos entrevistados: "cada um tem uma personalidade, aprendemos muito com essa vivência e trocas de experiência, o grande e médio produtor possui certa firmeza, já o pequeno produtor é mais acanhado, porém possui uma visão de mercado como os outros, há também uma grande leva de curiosos, que perguntam preços, para que serve o produto".

4.2 PERFIL DOS VISITANTES

As entrevistas foram realizadas no período de 08/04/06 a 18/04/06, das 10h00minh as 19h00minh, com o objetivo de analisar o perfil do visitante, o fato da escolha desse período é devido que somente assim poderia analisar o real perfil dos visitantes, pois na grande maioria, o período noturno oferece atrativos para outro tipo de público, assim num primeiro momento foi possível analisar o perfil dos visitantes, as questões referentes as entrevistas estão em Anexo. Foram escolhidas pessoas aleatoriamente, sendo entrevistadas no total 200 pessoas.

Devido seu caráter diferenciado além de ser uma feira para agricultores, pecuaristas, a mesma ainda é uma feira para a população, atraindo pessoas de toda a região, no gráfico constata-se essa informação. Percebe-se assim a abrangência que a mesma possui. Foram recebidas informações que a feira ainda recebe pessoas de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul. E destes

freqüentadores a maior porcentagem é do sexo masculino como pode ser verificado no gráfico 10.

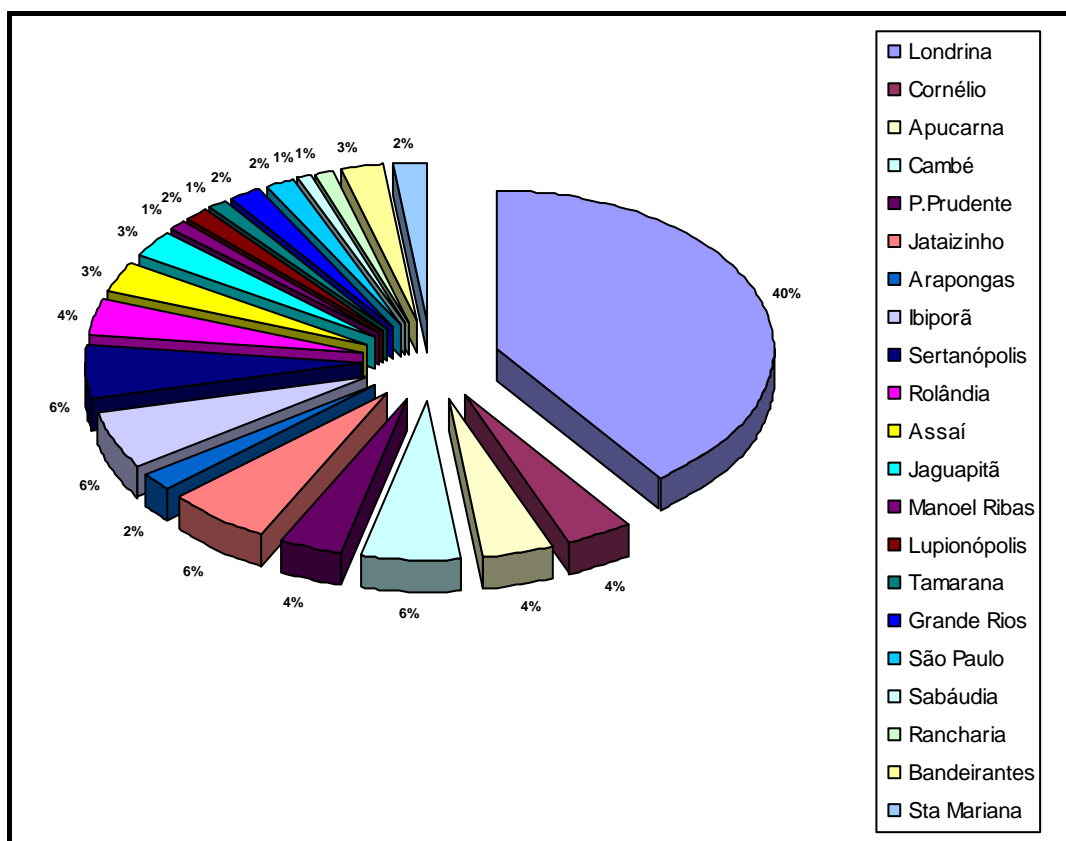


Gráfico.9 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Localidade de origem dos visitantes

Fonte: Dados de entrevistas realizados por Maira Rodrigues Barbosa, 2006

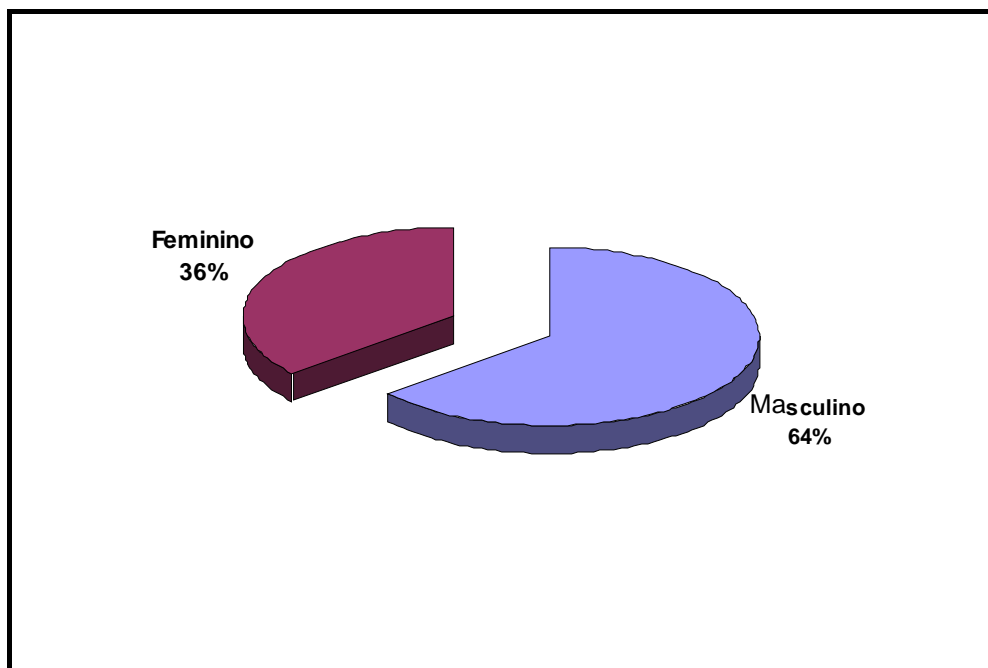


Gráfico 10 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Distribuição por sexo

Fonte: Dados de entrevistas realizados por Maira Rodrigues Barbosa, 2006

Portanto, essas porcentagens dão indícios de que a presença masculina foi superior à feminina durante o evento. Observou-se ainda que nos períodos vespertinos a presença do público masculino foi mais significativa, pois esse tinha por objetivo a realização de negócios.

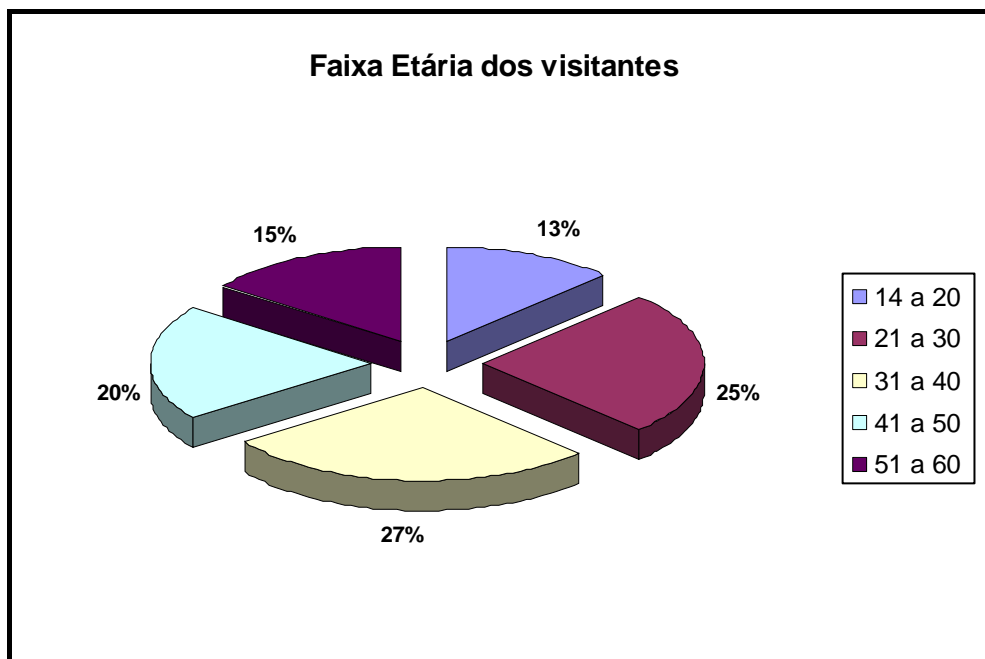


Gráfico 11 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Faixa Etária

Fonte: Dados de entrevistas realizados por Maira Rodrigues Barbosa

Em relação a faixa etária percebe-se certo balanço, isto ocorre, pois no período em que foi realizado as entrevistas, há atrações para todas as faixas etárias, desde a visita a fazendinha, a exposição de animais, parque de diversões, até a compra de um automóvel, ou mesmo informações técnicas nos stands.

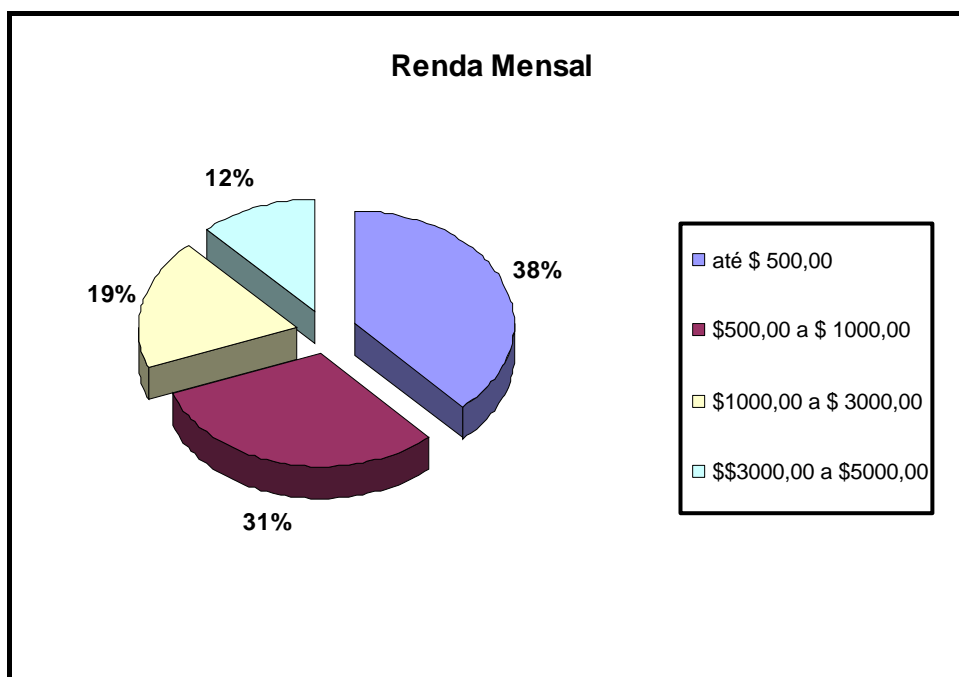


Gráfico 12 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006:Renda Mensal dos visitantes

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa.

Esta uma pergunta que para alguns era constrangedora, foi considerada para os entrevistado que não trabalham as chamadas “mesadas”, há muitos estudantes que na grande maioria possuem uma renda de até de 500,00 reais. Analisando o gráfico percebe-se a soma dos que ganham entre 1000,00 e 5.000,00 somam 31% , predominando a renda até 1.000,00 reais, que juntas totalizaram 69%, predominando classe com baixa renda de até \$ 500,00 reais.

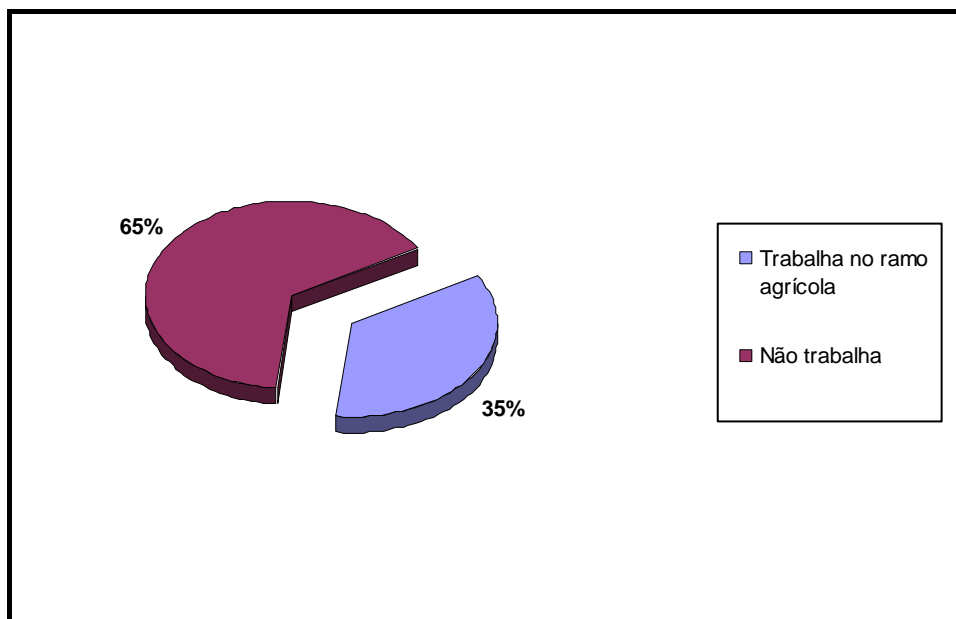


Gráfico 13 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Atuação profissional do visitante

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa.

Apesar de ser uma feira para o agronegócio, o maior número de visitantes é de pessoas fora do ramo, entre eles comerciantes, professores, balconistas, diaristas, donas de casa, estudantes. Entre os que trabalham no ramo agrícola há desde o pequeno agricultor ao grande investidor, que freqüentam a feira para analisar quais são as novidades do mercado, assistir palestras e debates, e freqüentar leilões. Dentre os profissionais ligados ao mundo rural destaca-se que a maioria é de agricultores, como pode ser analisado no gráfico a seguir.

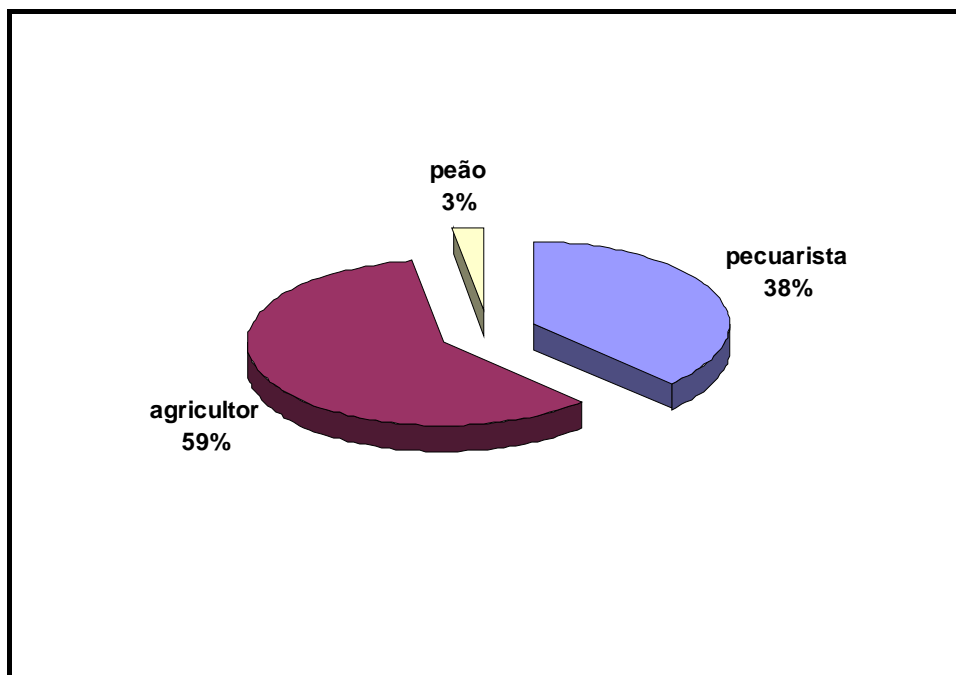


Gráfico 14 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Ramo de trabalho dos entrevistados vinculados Agropecuária

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa,2006

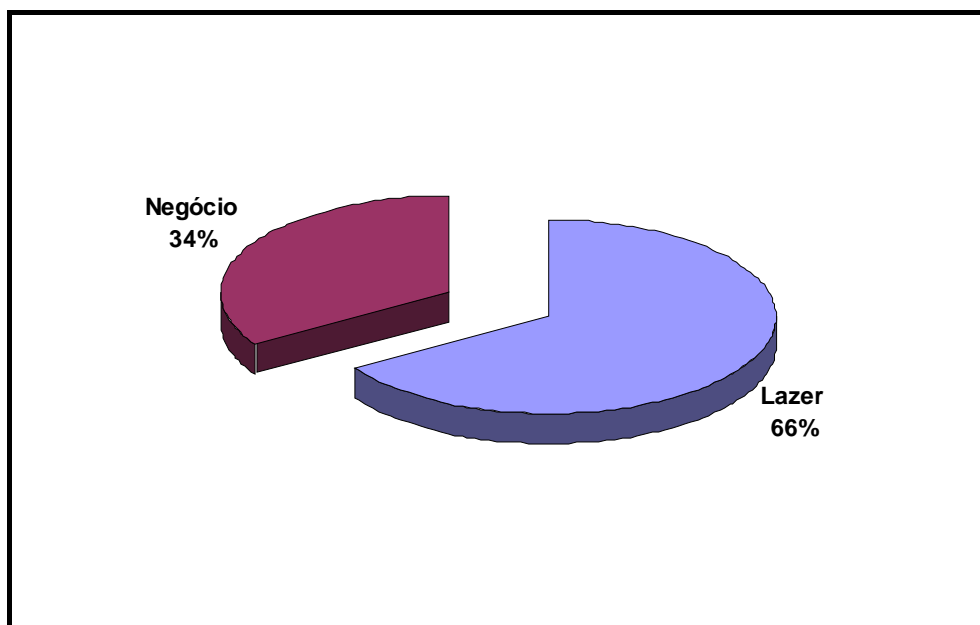


Gráfico 15 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Motivo da visita a feira dos entrevistados

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa,2006

Dentro o principal motivo o de destaque é o lazer devido às várias atrações oferecidas pela Exposição. Uma parcela significativa de 34% esteve no recinto com intuito de realizar negócios, tanto pecuaristas, agricultores, vendedores dos estandes. Negócio tanto para venda como para compra.

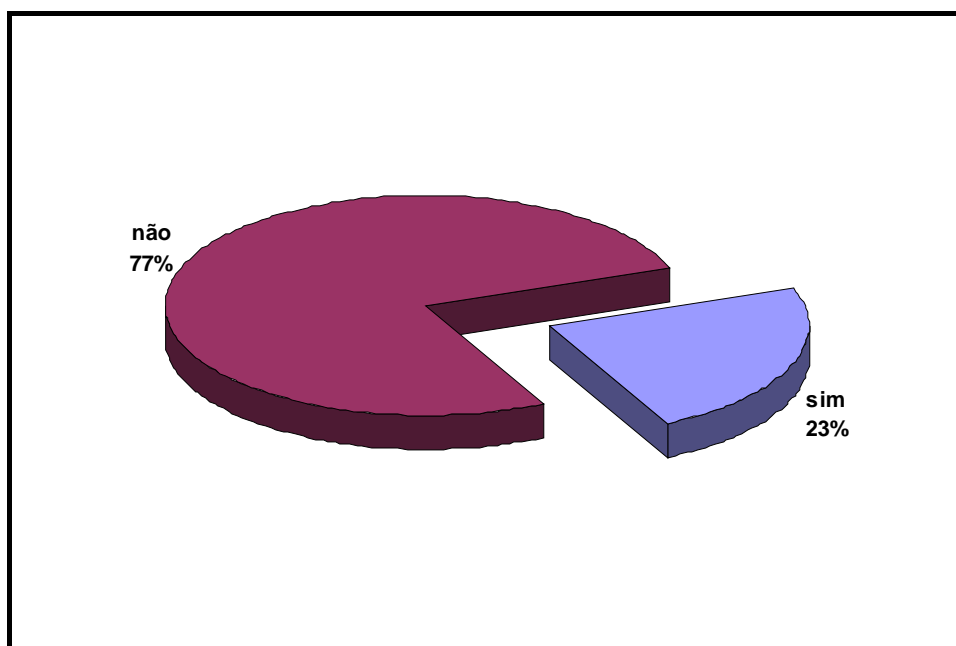


Gráfico 16 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Realizou negócios referentes à agropecuária na feira

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa.

Dentre os entrevistados do ramo uma porcentagem pequena realizou negócios na feira, muitos deles utilizaram financiamento principalmente pelo Banco do Brasil, ou financiamento da própria empresa. Foi confirmado também que estes empreendedores afirmam que a feira é o início de grandes negócios, e quando eles não são concretizados na feira, provavelmente são fechados após a feira, ou seja, ela serve de intermediária, na feira o clima é mais de descontração, muda-se um pouco a relação vendedor e comprador.

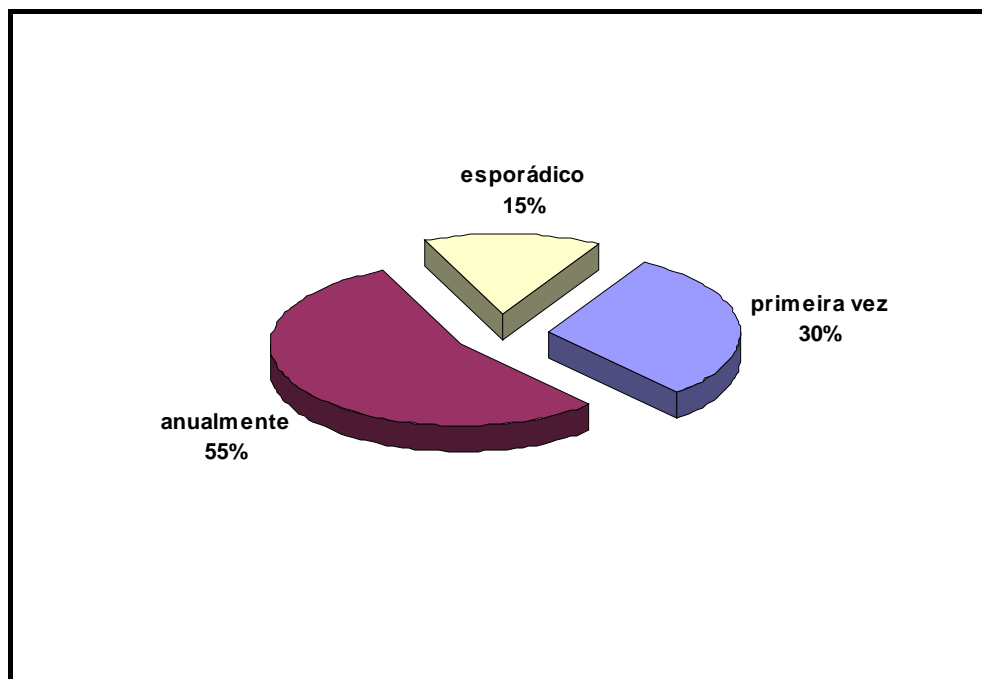


Gráfico 17 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Frequência de visita a feira

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa.

Confirmando a tradição os dados mostram que mais da metade frequenta a feira anualmente, constatando sua credibilidade entre os que vieram pela primeira vez coincidiram com os ônibus da Emater, que dão oportunidade ao pequeno agricultor de pequenas cidades de se informar e conhecer novidades através da fazendinha, palestras e cursos. A única reclamação é que mais da metade das pessoas não tem vínculo com ramo agrícola, e querem vir exatamente para conhecer a exposição. Já os visitantes esporádicos, alegaram que depende do valor da entrada e os atrativos oferecidos, pois geralmente todos os anos são iguais, não compensando vir todos os anos.

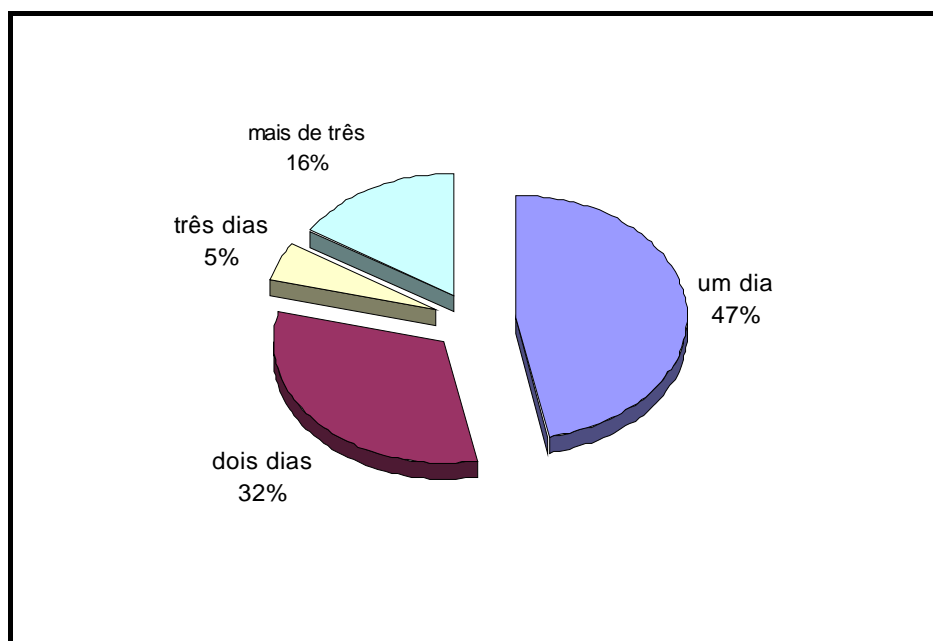


Gráfico 18 – Exibição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Freqüência de visita durante o período da feira

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa.

Muitos freqüentadores alegam que vêm apenas um dia a feira devido aos altos preços de entrada, alimentação, estacionamento, e também que um dia é suficiente para percorrer todo o parque. Porém 53% dos freqüentadores já possuem opiniões contrárias, concordam que os preços são um pouco altos, porém em um dia não tem como ver todos os stands e outros entretenimentos da feira, justificando que há muita diversidade e que vale a pena vir mais de um dia.

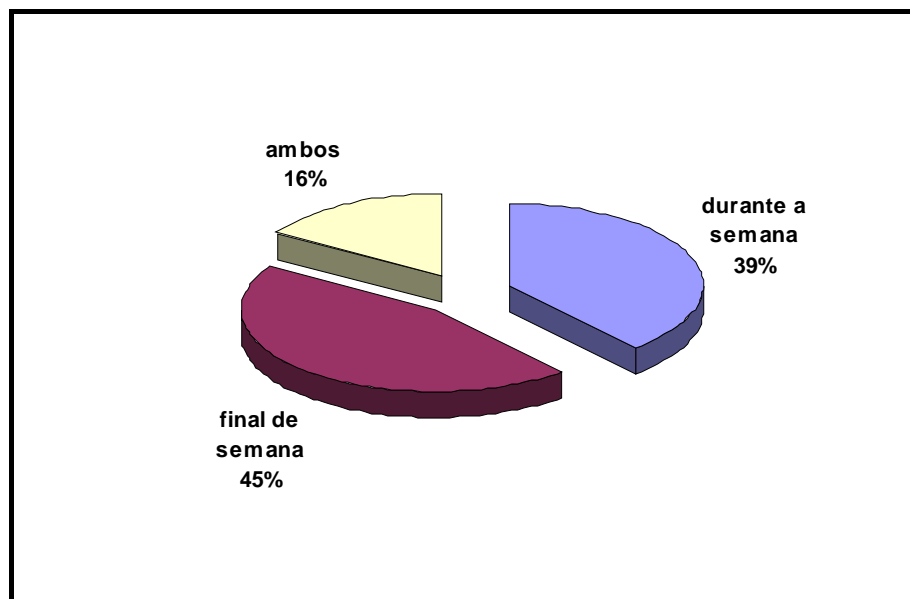


Gráfico 19 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Preferência dos dias

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa, 2006

Os finais de semana para grande maioria é o melhor período para visitar a feira, porém para outra parcela os finais de semana são tumultuados devido ao maior número de visitantes. Para uma minoria ambos são bons.

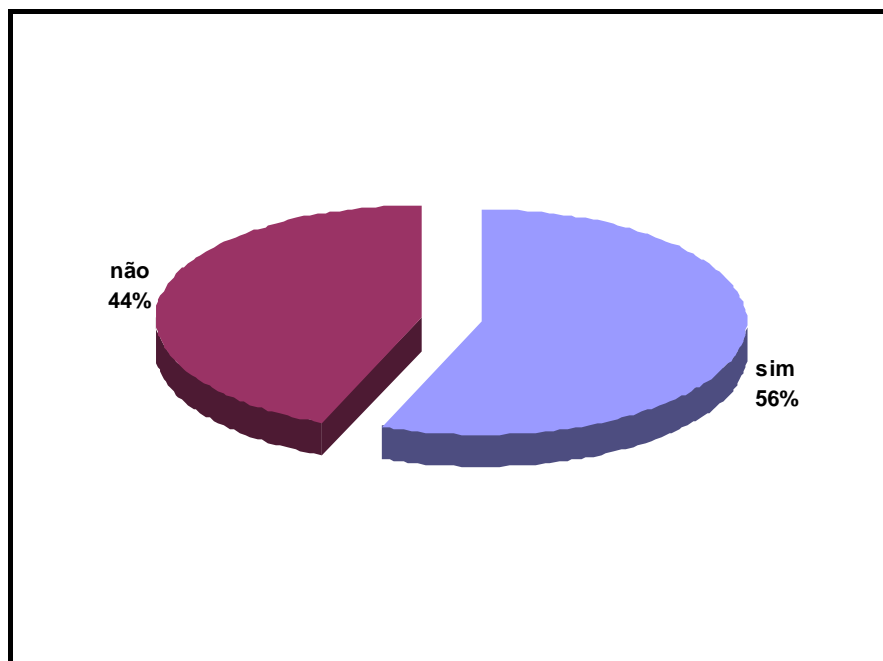


Gráfico 20 – Exposição Agropecuária de Londrina-PR-2006: Freqüenta outras feiras

Fonte: Dados de entrevistas realizadas por Maira Rodrigues Barbosa, 2006

Mais da metade dos visitantes já visitou outras feiras, buscando principalmente o lazer como os shows, estes que sempre atraem um grande público. Entretanto para os que vivem dos negócios, vão as outras feiras com objetivo de realizar novos contatos profissionais, dentre as mais citadas estão: Agrishow, Esteio (RS), Cascavel, Minas Gerais, entre outras.

4.3 PEÕES

No segundo momento das entrevistas, conversou-se com os peões que são responsáveis pelos animais. Eles são pessoas que gostam de contar histórias, principalmente quando se pergunta sobre o seu trabalho e sua vida. Foram alegres, bem humorados e trabalharam com muita disposição mesmo estando a 10 dias dormindo pouco. Optou-se por transcrever fielmente as palavras dos entrevistados, justamente por suas origens. (informação verbal).

"É cansativo, mas conhecemos gente nova e fazemos amigos, às

vezes encontramos em outras feiras"

"Aqui é bom, muitas pessoas, clima de festa é bom, a gente se distrai também, mesmo trabalhando".

"Às vezes ficamos meses longe da família, dá saudade, mas precisamos trabalhar pra dá estudo e boa vida pros filhos".

Eles trabalham nas fazendas e ganham entre 2 e 3 salários mínimos. Geralmente têm o perfil semelhante: todos sempre trabalharam neste setor, a grande maioria desde criança por influência familiar. Durante o evento ganham \$ 30,00 por dia para realizar todo tipo de trabalho com os animais: banho doma, adestramento, desmama, alimentação e apresentação em pista.

A principal reclamação é a falta de estrutura, pois o recinto é muito amplo e faltam lavadores para os animais:

"É muito longe as coisas, é muito grande, dá trabalho, as pistas são longe e o lavador também". (ver figura 2).

"É cansativo, de manhã é muito difícil para lavar o gado, sempre está cheio, então lava de madrugada, você acaba cuidando dos bois 24 horas".

"Tem que levar um animal de cada vez para tomar banho, elas brigam quando vão de duas, ou se estranham com outro animal, e por ser longe e ter muito movimento é arriscado."

Disseram que eles precisam ficar 24 horas cuidando dos animais, pois muitos deles vão aos julgamentos e leilões e nada pode acontecer de errado. Por isso montam suas barracas ao lado dos estandes, mas se houvesse um alojamento adequado para todos seria melhor, e poderiam se revezar no serviço e descansar melhor.

O jornal de Londrina transcreveu a vida dessas pessoas. Conforme Augusto (2005).

Natural de Campinas (SP), o tratador Joaquim Marco Vaz, 47 anos, passa os dias cuidando de nove bovinos da raça nelore. "Conheço mais os bois do que a minha família", brinca. Vaz é responsável por tudo: dar ração, lavar e escovar o pêlo, retirar o estrume, além de assegurar a tranquilidade dos nove "filhos". Vaz está instalado literalmente perto dos animais. Enquanto os bois ficaram alojados em um galpão com cama de serragem e cocho de cimento, o tratador fez um "puxadinho" com uma lona para proteger a ração dos animais e armou uma barraca pequena de acampamento no mesmo espaço. Ele conta que só sai de perto dos animais 'rapidinho' para tomar banho e se alimentar. Para este ano Vaz contabiliza que dez exposições estão na sua agenda. "Fico viajando quase o ano todo.

Só volto depois que acabarem as festas", afirma. Mesmo dizendo que está meio mal instalado, Vaz não reclama e argumenta que o salário de quase mil reais vale toda a dedicação já que defende o sustento de mulher e de três filhos. E numa exposição agropecuária como a de Londrina, com mais de 13 mil animais sendo mostrados ao público, os tratadores somam um batalhão com centenas de homens. Guerreiros como o jovem José Novak, de apenas 20 anos, que veio de Guarapuava para cuidar de cinco exemplares da raça Charolês. "Adoro essa profissão. A gente pega carinho pelos animais e eles também sentem isso pela gente e pegam confiança. " O rapaz revelou que tem animal que o reconhece pelo cheiro e ele, que já cuidou de grandes campeões nacionais, também conhece todos pelo nome e sabe o temperamento de cada um. "Essa aqui mesmo, a Emanuele, era bem arisca e agora é igual um cachorrinho", elogiou. Sua história como tratador começou há cinco anos quando trocou o cabo da enxada pela lida com os animais. Os calos da antiga ocupação ainda estão nas mãos, mas nem de longe imagina em deixar de fazer o que faz hoje. Anderson Luiz Heirich, 27 anos, veio de Ponta Grossa também para cuidar de alguns charoleses. Trabalha há três anos e meio como tratador e está feliz na profissão. "Tem que gostar dessa vida porque senão não vai para frente. A gente acompanha cada animal desde quando nasce e sempre acaba tendo mais carinho por algum que do que por outro", confessou. Por isso, consegue sem pensar a idade exata de cada animal: "a Umbela tem 11 meses e 20 dias". Hoje ela entra na pista de julgamento tendo ao lado o seu fiel escudeiro.

A Foto 16 abaixo, e o local indicado pela seta refere-se ao local onde os peões ficam por aproximadamente 15 dias, observando a foto nota-se que eles dormem ao lado dos animais, fazem refeições, conversam, ou seja, é o local onde eles passam a maior parte do tempo, pois o animal tem que ser cuidado 24 horas.



Foto 16 – Baia dos gados, e o local indicado pela seta, é o onde os homens responsáveis pelo gado dormem

Autora: Maira Rodrigues Barbosa, 2006

São homens que têm muito para contar e ensinar. Poucos possuem mais do que alguns anos de estudo, mas talvez saibam mais de animais do que veterinários, justamente pela convivência que eles têm com os animais. Conhecem as principais feiras e exposições agropecuárias e sabem dizer qual delas é a melhor para a exposição de animais. Eles colocaram a Exposição de Londrina como uma das melhores.

5 CONCLUSÃO

Através da análise da história do Paraná foi possível detectar tamanha sua importância para o desenvolvimento da cidade de Londrina, e para o surgimento da Sociedade Rural do Paraná, que para concretizar seus ideais realizou exposições, sendo este evento o mais conhecido pelas pessoas, que muitas vezes confundem a Sociedade com a Exposição, o evento é apenas uma parte das "tarefas" realizadas pela mesma. No início tinha um caráter de apenas feira, e com o passar do tempo se tornou uma das mais expressivas da América Latina, despertando o quão importante é a realização destes eventos para o agronegócio, estes que também "mexem" com a memória das pessoas, sendo para algumas apenas uma festa popular e para outras momento de oportunidades, sendo hoje muito explorados pela indústria cultural. Sendo a televisão um meio de grande colaboração para essa indústria.

Manifesta-se como grande responsável por esse fenômeno a televisão, onde a temática rural sempre teve horários resguardados desde seus primórdios. A ruralidade encontra-se tão presente em todas as empresas televisivas por meio da produção e veiculação dos programas de apoio e desenvolvimento rural, musicais, noticiários, canais exclusivos direcionados ao mundo rural e novelas que retratam o universo rural reelaborado numa demonstração de força que a nova ruralidade assumiu da cultura de consumo de massa.(SILVA, 2003, p.15)

São eventos que durante todo o ano movimentam a economia da região onde são realizadas, com caráter e objetivos específicos para cada uma delas, dependendo da região e cultura do local, justamente por isso são consideradas como a vitrine do agronegócio, e por isso estão se espalhando por todo Brasil, principalmente as regiões que estão em expansão agrícola.

Porém foi de grande relevância analisar o período político e econômico pelos qual o Brasil passou de 1940 a 2006, pois foram através de intervenções econômicas, entre mudanças de presidentes, moedas, que se conjunturou a agricultura do Paraná, e conseqüentemente as feiras e Exposições foram se tornando um hálibi entre agricultores e pecuaristas. Também foi de grande

importância os presidentes da própria Sociedade, que desde o seu início sempre contaram com grandes nomes, que geralmente estavam ligados ou apoiavam certos partidos políticos, e este apoio muitas vezes acabou trazendo grandes influências para a Sociedade Rural. E não raro estes se tornaram ministros da Agricultura, senadores, prefeitos ou representantes da classe rural. Influências estas que atendiam os interesses de uma classe dominante

Ainda sobre a importância da análise no âmbito político administrativo, tem-se que durante o período analisado, ocorreram muitas mudanças tecnológicas, mas também ocorreram mudanças na estrutura econômica, por exemplo a mudança de moeda, que ora valorizada ora não, refletia diretamente nos resultados da feira. Não se pode deixar de enfatizar que em alguns períodos ocorreram grandes adversidades climáticas e fitossanitárias, que também refletem na evolução e nos resultados agrícolas, para tanto os efeitos dessas oscilações econômicas refletiam em toda a cadeia produtiva desde o produtor ao consumidor.

As mudanças de fronteira agrícola, que no início da colonização da cidade de Londrina, também se faz presente nessa conjuntura, pois onde antes o atrativo era o café, outrora a soja, juntamente com o interesse nas indústrias que começaram aqui se implantar devido ao processo de modernização do campo, onde as relações começam a se modificar, surgindo uma relação agroindustrial, modificando novamente o contexto estrutural da cidade e região.

Por isso as exposições agropecuárias devem ser interpretadas e avaliadas como um momento da realidade social expressa por meio das práticas e representações sociais. Nas exposições as representações e práticas estão conectadas e interagindo entre si, dessa forma, uma rede simbólica de atores sociais que consomem e produzem representações e que constroem por meio de práticas sociais. Por isso hoje, são comparadas ao carnaval e a outras festas comemorativas regionais, pois assim como as pessoas se preparam para festejar essas datas, as feiras e exposições, devido às suas atrações, fazem com que uma parcela das pessoas se programe para poderem "curtir" o evento. São eventos que mobilizam a vida das pessoas, principalmente os expositores e pessoas ligadas ao ramo, que passam o ano todo migrando de uma feira para outra.

Essa mobilidade de pessoas, informações, fluxo de negócios, leilões dentro desse âmbito globalizado das feiras, faz da Exposição de Londrina uma das mais significativas do Brasil, devido ao seu diferencial em genética, em eventos,

palestras, seminários, que atendem desde o pequeno agricultor ao grande pecuarista. Não deixando de atender uma outra demanda, que é a classe popular, os visitantes, que buscam esse ambiente como “fuga”, vestidos e inseridos no mundo *country*, é local onde a moda urbana não dita regras, as pessoas fazem suas modas, com camisas xadrez ou não, cintos, fivelas, chapéus, é a essência desse mundo *country* que domina, gostando ou não de sertanejo, nos deparamos com várias culturas musicais, não somente o sertanejo, mas também o pagode, o pop-rock, o rock nacional, o sertanejo universitário entre outros. As pessoas se misturam e se confundem, neste ambiente, muitas vezes é possível não identificar quem realmente este inserido no mundo rural, justamente por essa liberdade.

Detectou-se que a Exposição de Londrina é um grande universo dividido em territórios, explorados de diversas maneiras, onde muitas vezes as pessoas que a freqüentam, não percebem o quão importante é o trabalho do peão que passa dias fora de casa, que convive e conhece melhor os animais do que seus próprios filhos.

Esta mobilização gera um aumento no movimento de vôos nos aeroportos, ônibus, hotéis, táxis, bares, e comércio no geral, inserindo neste contexto os rodeios que também aumentam o faturamento e o movimento nas cidades, porém com um caráter diferente das exposições, são festas que geram muitos empregos e rentabilidade, exatamente por isso hoje tem se o objetivo de realizar essas festas em conjunto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria G. Cultura – invenção e construção do objeto turístico. In: Agb. Espaço Aberto 3. Fortaleza, CE: Funcap, 1998.

AGRICULTURA que mais cresce. *Folha de Londrina*, Londrina, 02 abr. 1978, ano31, nº7852,p.03.

A PRESENÇA de autoridades. *Folha de Londrina*, Londrina, 08 abr 1974, ano 5, nº221,p.08.

ARRUDA,Zuleika Alves.*Cidades novas: da expansão da fronteira agrícola ao agronegócio - Novas tendências no espaço norte mato-grossense.*Tese (Doutorado) Departamento de Geociências - Unicamp.Campinas.Disponível em: < http://www.igeo.uerj.br/VICBG_2004/. Acesso em: 07 jun.2005.

AUGUSTO,Luciano.45° Exposição de Londrina registra bons negócios.*Folha de Londrina*,Londrina. Disponível em: <<http://www.folhadelondrina.com.br> .Acesso em:31 jul.2005.

AUGUSTO,Maria Helena Oliva.*Intervencionismo e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR: Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná.*São Paulo:Síbolo,1978.

AUMA.Federação Alemã de Feiras , negócios e exposições.Disponível em : <http://www.auma.de> Acesso em : 28 nov. 2007.

AYA,Cristiane.Vaca nelore vale 70 carros. *Folha de Londrina*, Londrina, 11abr.2004. Folha Geral,p.10.

BANCO DO BRASIL.Diretoria de Agronegócios. *Investimentos agropecuário: ancôra do desenvolvimento.* Revista de Política Agrícola, ano XIII, nº4, p.50-54, out/nov/dez.2004.

BANCO DO BRASIL.Diretoria de Agronegócios. *Oportunidades do agronegócio e novos mercados.* Revista de Política Agrícola, ano XIII, nº4, p.62-64, out/nov/dez.2004.

BANCOS estimulam os negócios.*Folha de Londrina*, Londrina,09 abr 1970,ano 23,nº5449,p.20

BARBOSA, Maria Lúcia Victor. *A colheita da Vida: Resgate histórico da sociedade Rural do Paraná*. Edição Histórica, 2000.

BARROS, J. R. M., 2005, MB Associados. Reportado por Racy, S. no Jornal Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em: 8 set. 2007.

BASTOS, Luciana Aparecida. *Transformações Sócio –Econômicas da industrialização da agricultura paranaense na década de 1970*. Revista Perspectiva Contemporânea. Campo Mourão, jan/jul 2006.

BENI, M. Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 2ª ed. São Paulo, Ed. SENAC, 1998.

BEZERRA, Augusto José. Gado de Ouro. *Globo Rural*, ano 16, nº190, p.64-70, ago.2001.

BEZERRA, Augusto José e GUIMARÃES, Odilon. Bola na rede. *Globo Rural*, ano 19, nº188, p.40-46, jun.2001.

BRASIL, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGROBUSINESS. A situação da Agricultura, ed ABAG, 1993.

BRASIL, CONFEDERAÇÃO da Agricultura e Pecuária do Brasil. *Agrava crise na agropecuária*, Relatório de Atividades de 2005. Disponível em <<http://www.cna.org.br>> Acesso em 14 out.2006.

BRASIL, MINISTÉRIO do Turismo. *Inventário da Oferta Turística – Instrumento de Pesquisa*, Brasília, 2004.

BRIGET, Paulo. A multiplicação do Gado. *Jornal de Londrina*, Londrina, 16 abr.2005. p.5 A.

BRUM, Argemiro J. *O desenvolvimento econômico Brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

CAMBIAGHI, S.M. *O povoamento do Norte do Paraná*. ANAIS DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, São Paulo, v.6, p.82-90, 1951 – 1952.

CANCIAN, N.A. *Cafeicultura paranaense: 1900-1970*. Curitiba, 1981.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp:1997.

CANGADO, Francisco Lopes Júnior e ESTANISLAU, Maria Letícia. *Impactos da Globalização no setor agropecuário*. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v.20,nº 199, p.20-28, jul/ago.1999.

CARNASCIALI, Carlos Humberto et al. Consequências sociais das transformações tecnológicas na agricultura do Paraná. In MARTINE, George. GARCIA, Ronaldo Coutinho. *Os impactos sociais da modernização agrícola*. São Paulo, ed. Caetés, 1987. p 125-167.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. *A pequena produção de café no Paraná*, São Paulo, 1991.

CEZAR, I. M. *Da pesquisa ao processo de tomada de decisões na fazenda*. Campo Grande EMBRAPA, 2001.

CID, Celso Garcia e PELLEGRINI, Domingos. *No Tempo de Seo Celso*. Londrina: Gráfica Ipê, 1990. 2ª ed.

CLAUDIO, P.M.Filho. O papel dos leilões no agrobusiness. In ZYLBERSZTAJIN, Décio e NEVES, Marcos, F. *Economia e gestão dos Negócios Agroalimentares*. São Paulo: Pioneira, 2000. p.349-365.

COMERCIALIZAÇÃO deve ultrapassar Cz\$10 bi. *Folha de Londrina*, Londrina, 04 abr. 1986, ano 38, nº 10259, p.05.

CONCEIÇÃO, Ricardo Alves. *O Banco do Brasil e o Agronegócio*. Unidades Estratégicas de negócios Rurais do Banco do Brasil. São Paulo, 2003, p.153-165.

CRIADORES esperam bons negócios. *Folha de Londrina*, Londrina, 01 abr. 1990, Cidade, p.06.

DIAS, Leila Christina. SILVEIRA, Rogério, L.L. *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

ELORZA, Telma. Animais são estrelas da Exposição. *Folha de Londrina*, Londrina, 07 abr. 2005. *Folha Rural*. p.20.

EM TRÊS ANOS mosca poderá destruir 17 bilhões em carne. *Folha de Londrina*, Londrina, 04 abr. 1990, p.13.

ESTÁ nos embriões o valor da vaca recorde de preço. *Folha de Londrina*, Londrina, 17/04/1990, Indústria e Comércio, p.08.

EXPO vive expectativa de superação. *Folha de Londrina*, Londrina, 24 mar. 1995, Agribusiness, p.08.

EXPO DIRETO Cotrijal: a vitrine tecnológica do agronegócio gaúcho. *Revista Plantio Direto*. Ano XII, nº80, p.04-05, abr. 2004.

EXPOSIÇÕES Agro pecuária e Industrial que a SRNP promove não é mais uma festa daquela entidade. *Folha de Londrina*, Londrina, 31 mar 1970, ano 23, nº5441, p.04.

FLEISCHFRESSER, Vanessa. *Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70*. Curitiba, CONCITEC: IPARDES, 1988.

FRANCO. Luciana. Pausa no crescimento. *Globo Rural*, ano 20, nº236, jun. 2005.

GARCIA, Fernanda Ester Sánchez. Estratégias comunicacionais para o desenvolvimento do turismo urbano. In: LIMA, Luís Cruz (org). *Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico*. Fortaleza, UECE, 1998.

GOMES, Edvânia T.A. *A ressurgência do turismo nos anos 90 – campo de possibilidades de revisitação da região, natureza e paisagem na Geografia*. São Paulo, HUCITEC, 1999.

GOMIDE, M. R. *Turismo: Noções elementares*. São Paulo, FTD, 1972.

GONÇALVES, J.A. *Agricultura Brasileira : desafios ao fortalecimento de um setor fundamental*. Série Discussão apta 1. São Paulo. 2000/ SAA.

GONÇALVES, Naiara. As novas ferramentas. *Revista Safra*, Goiânia, ano VI, nº70, p.40-41, set 2005.

GRANDES FEIRAS. *Globo Rural*, ano 17, nº199, p.40-47, mai.2002.

GRAZIANO. José Silva da. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2 ed, 1998.

GUERIN, Mariana. Do campo para o corpo. *Folha de Londrina*, Londrina, 07 abr.2005a. *Folha Rural*, p.12.

GUERIN, Mariana. Ferramenta dinâmica. *Folha de Londrina*, Londrina, 07 abr.2005b. *Folha Rural*, p.18.

GUERRA, Célia. Expositores apostam em boas vendas: vitrine da tecnologia e produtos torna a feira atrativa para empresas. *Folha de Londrina*, Londrina, 07 abr.2005. *Folha Rural*, p.15.

GUERRA, Pio Júnior. Feiras Agropecuárias expandem negócios no campo. *Revista Gleba*, abr/mai 2001. Disponível em: < <http://www.cna.org.br> >. Acesso em 25 mai. 2005.

GUIRRA, Fernanda. Uma Paixão Nacional. *Revista Safra*, Goiânia, ano IV, nº37, p.29-34, dez.2002.

GUIRRA, Fernanda. Conta a favor. *Revista Safra*, Goiânia, ano IV, nº44, p.12-17, jul, 2003.

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T.W. Sociedade. In. FORACHI, M.M. MARTINS, J. de S. *Sociologia e Sociedade* (Leituras de introdução à sociologia). Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977.

JUBILEU DE PRATA, Documentário histórico de Londrina, Realizações Brasileiras, 1934-1959.

KASTER, Jaime. Nas pistas bicho tem que ser perfeito. *Folha de Londrina*, Londrina, 07 abr.2005a. *Folha Rural*, p.21.

KASTER, Jaime. Por quê a exposição atrai multidões. *Folha de Londrina*, Londrina, 07 abr. 2005b. *Folha Rural*, p.08.

LAFER, Celso. *JK e o Programa de Metas (1956-1961): processo de planejamento e sistema político no Brasil*. Trad. Maria Victoria Benevides. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LEILÕES em profusão. *Globo Rural*, ano 17, nº199, p.08, mai.2002.

LEÃO, Igor Zanoni C.C. As desventuras do paranaísmo, *Revista Fae*, Curitiba, v.2, nº31999, p.09-20.

LIMA, Éderson Prestes Santos. O Neoliberalismo no Paraná: um resgate histórico. *Revista de História Regional*, vol 11, 2006, p.109-124.

LINARDI, Maria Cecília. *Pioneiros e modernidade: urbanização de Londrina: A presença de sólidos momentos no desenvolvimento urbano de Londrina*, SP, 1995, p.94-108.

LOURENÇO, Gilmar M. Economia Paranaense: Restrições conjunturais e Avanços estruturais. *Revista FAE*, Curitiba, v.2, n.3, set./dez. 1999.

LOURENÇO, Gilmar M. Determinantes da crise do agronegócio, *Análise Conjuntural*, v.28, nº1-2, p.13-24, jan/fev 2006.

LUCENA, Romina Batista de, SOUZA, Nali de Jesus de. *Políticas Agrícolas e desempenho da agricultura Brasileira - 1950/2000*, 2000.

MARTINE, George. *Estado, economia e mobilidade: retrospectiva e perspectiva para o fim do século*. Campinas, ed:Unicamp, 1994.

MARTINE, George. *Os impactos sociais da modernização agrícola*. São Paulo : Caetés, 1987.

MARTINE, George. BESKOW, Paulo Roberto. O modelo, os instrumentos e as transformações na estrutura de produção agrícola. In MARTINE, George. GARCIA, Ronaldo Coutinho. *Os impactos Sociais da modernização agrícola*. São Paulo, Ed. Caetés, 1987. p 19-39.

MATIDA, Karla. Seguro de animais movimenta R\$ 5 mi por ano. *Folha de Londrina*, Londrina, 18 abr. 2004. Folha Cidade, p.08.

MAZZALI, Leonel. *O Processo recente da reorganização agroindustrial do complexo à organização "em rede"*. São Paulo : Editora Unesp, 2000.

MAZZINI, Fernanda. Expo beneficia Cidade. *Jornal de Londrina*. 14 abr. 2004. folha Economia, p.6 A.

MEFFE, Renata. Rodeio: show de campeões. *Globo Rural*, ano 15, nº 178, p.42-45, ago. 2000.

MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. *Revista acadêmica de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero*. São Paulo, Ano III, Volume 3, nº 6, 2000

MENEZES, Doroty. De vento em popa. *Revista Safra*, Goiânia, ano V, nº 54, p.40-41, mai. 2004.

MESQUITA, Ariosto. Onde corre o dinheiro. *Revista Safra*, Goiânia, ano V, nº 58, p.38-41, set. 2004.

MIGLIORINI, Sonia, M.S. *Indústria Paranaense: Formação, Transformação Econômica a partir da década de 1960 e distribuição espacial da indústria no início do século XXI*. Curitiba: UFPR, 2006.

MINISTRO da Agricultura vem a Londrina visitar Expo 82. *Folha de Londrina*, Londrina, 06 abr. 1982. Folha Economia/Agropecuária, ano 34, nº 9056, p.08.

MOINHO de trigo Paranaense querem desvincular –se de São Paulo. *Folha de Londrina*, Londrina, 08 abr. 1974, ano 27, nº 211, p.08.

MONBEIG, Pierre. A zona pioneira do norte do Paraná. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v.3, n.25, abr, 1945.

MOREIRA, José.R. *Agricultura Familiar*. Processos sociais e competitividade, 1999.

MOURA, Antônio Plínio Pires. Brasil Runo da nova temporada agrícola, Conjuntura e Planejamento, Salvador, set, 2006, n°148, p.22-29.

NA ABETURA da VII Exposição Ministro pede união. *Folha de Londrina*, Londrina, 05 abr 1970, ano 23, n°5446, p.04.

NARIKAWA, Veruska. Contradição no campo. *Revista Safra*, Goiânia, ano IV, n°42, p.28-35, mai.2003.

NAVARRO, Vanessa. Exposição esta cada vez mais cosmopolita. *Folha de Londrina*, 17 abr.2004. *Folha Cidade*, p.08.

NEGÓCIOS animam vendedores. *Folha de Londrina*, Londrina, 09 abr.1994, *Folha da Feira*, ano 45, n°12681, p.12.

NOLLI, Joana D'Arc Moreira, CESARIO, Ana Cleide Chiarotti. Elementos de autoritarismo na proposta de segurança e desenvolvimento no governo.

O FEIRÃO bilionário do campo. *Globo Rural*, ano 19, n°225, p.44-47, jul.2004.

OLIVEIRA, D.de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

OS MELHORES nelore. *Folha de Londrina*, Londrina, 10 abr 1974, ano 27, n° 6664, p.12.

PACHECO, Carlos Alberto. Bois de Primeiro Mundo. *Revista Safra*, Goiânia, ano II, n°24, p.12-15, nov.2001.

PADIS, P. C. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo: Hucitec, 1981.

PAIVA, Renata. A Grande Festa de Prudente. *Globo Rural*, ano 15, n°176, p.54-59, jun.2000a.

PAIVA, Renata. Rodeio de volta a arena. *Globo Rural*, ano 15, n°174, p.22-37, abr.2000b.

PECUÁRIA de corte encaminha reivindicações ao governo. *Folha de Londrina*, Londrina, 13 abr. 1982, Economia, ano 34, nº 9061, p.08.

PEREIRA, Fernanco. Música Caipira ou Música Sertaneja, *Revista Imes Comunicação*, ano III, nº5, jul/dez 2002.

POZZOBOM, Irineu. *A epopéia do café no Paraná*. Londrina: Grafimarke, 2006.

PRANDINI. J.V. *Aspectos da Geografia Urbana de Londrina*. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Vol VI 1951 - 1952 , SP, 1954 p 61 -80.

PRESENÇA de Autoridades reafirmou o prestígio da Exposição de Londrina. *Folha de Londrina*, Londrina, 08 abr. 1974, Esportiva, ano 5, nº221, p.08.

PROGRAMA de erradicação da febre aftosa. PNEFA. Relatório Anual [s.l], MAPA, 2001. Disponível em :<http://www.mapa.com.br>, acesso em 24 jan. 2008.

RECORDE de oferta no leilão da Exposição. *Folha de Londrina*, Londrina, 13 abr. 1986, Economia, ano 38, nº 10264, p.07.

ROSA, Moura. *Meio século de urbanização*. Curitiba, n-8, p.33-44, UFPR, 2004.

ROLIM, Cássio Frederico Camargo. O Paraná e o Paraná do agrobusiness: as dificuldades para a formulação de um projeto político. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba: IPARDES, n.86, p.49-99, set./dez. 1995.

RUFINO, José Luis dos Santos. Origem e Conceito de Agronegócio. *Informe Agropecuário*, Belo Horizonte, v.20, nº199, p.17-19, jul/ago. 1999.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. Espaços da racionalidade. In: ____ *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS,M. A natureza do espaço.Técnica e tempo Razão e emoção. 3ºed.São Paulo,Hucitec,1999.

SANTOS,M. e SILVEIRA,Maria Laura. *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*.Rio de Janeiro :Editora Record,2001.

SARETTA,Fausto.Crescimento e política econômicos no governo Dutra.São Paulo,1995.

SILVA, Álvaro Pequeno, da. *A festa do Peão de Boiadeiro de Barretos: manifestação cultural que virou negócio*.2000. 81 p.Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Pontifica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SILVA, César Gomes da.O caipira/*country* como novo rural no campo da cultura e as Exposições Agropecuárias como lócus de sua reprodução.*As exposições agropecuárias e o poder local em Araçatuba/Sp*.2003.p.01-17 Dissertação (Mestrado em Geografia).Departamento de Geografia da Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista,Presidente Prudente.

SINGER, P. *Economia política da urbanização*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOCIEDADE RURAL DO PARANÁ. Venha conhecer o peso da Agropecuária brasileira. Londrina,2005,p.01-16.

SOCIEDADE RURAL DO PARANÁ.*Galeria de Fotos*. Disponível:<<http://www.srp.com.br>> Acesso em : 20 nov.2005.

SOJA,E.Geografia pós –modernas. A reafirmação do espaço na teoria social e crítica.Rio de Janeiro , Jorge Zahar Editor,1993.

STAFF, Igor.*Ford da Arena e vai em busca do agronegócio*.Canal Dana.Disponível em : <[http:// www. Fiestahp.com.br](http://www.Fiestahp.com.br) >. Acesso em :25 mai. 2005.

SWAIN,Tânia Navarro.*Fronteiras do Paraná: da colonização a migração*. Brasília: UNB,1988.

TORRICO, Ricardo. Negócios sem fronteiras. *Panorama Rural*.ano VII, nº78, p.45-48 jul.2005.

VITRINE Rentável. *Revista Safra*, Goiânia, ano IV, nº43, p.08-09, jun.

APÊNDICE

Entrevista 1: Realizada com os expositores da Exposição de Londrina
2006

1 - De onde é a empresa?

2 - Desde quando frequenta a exposição de Londrina?

3 - Qual valor gasto com estande e outras despesas?

4 - O que acham do valor cobrado?

5 - Em relação a rentabilidade como consideram a feira?

6 - Para quais outras feiras do Brasil expõem seus produtos?

7 - O que visam ao exporem seus produtos?

8- Possuem controle ou fazem cadastro dos visitantes

9- Qual a principal informação , técnica ou apenas curiosidade

10- O que acham do retorno

Entrevista 2 : Realizada com os visitantes da Exposição de Londrina,2006

1 – Qual cidade reside

2 - Sexo

3 – Faixa Etária

4 – Grau de Escolaridade

5 – Renda pessoal

6- Ocupação principal

7- Por qual meio de comunicação tomou conhecimento sobre a feira?

8- Frequência de visita a feira ? Quantas vezes a visitou?

9 - Frequência de visita em dias?

10- Preferência para final de semana ou durante a semana?

11- Visita outras feiras?